



**Pablo Aguilera Campos**

**As Psicoses no Seminário 3 de Lacan:  
a clínica orientada pelo significante**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Marcus André Vieira

Rio de Janeiro,  
Novembro de 2022



**Pablo Aguilera Campos**

**As Psicoses no Seminário 3 de Lacan:  
a clínica orientada pelo significante**

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-  
Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

**Prof. Marcus André Vieira**

Orientador

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

**Prof. Guilherme Gutman Corrêa de Araújo**

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

**Profa. Viviane Tinoco Martins**

UFRJ

Rio de Janeiro, 03 de novembro de 2022.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

## **Pablo Aguilera Campos**

Graduou-se em Psicologia na PUC-Rio em 2011. Cursou Especialização Clínica no PROJAD/IPUB/UFRJ (Programa de Estudos e Assistência ao Uso Indevido de Drogas/Instituto de Psiquiatria/ Universidade Federal do Rio de Janeiro) de 2013 a 2015 e Residência Multiprofissional no IPUB/UFRJ (Instituto de Psiquiatria/ Universidade Federal do Rio de Janeiro) de 2016 a 2018. Psicólogo do Projeto Despertar da Casa Verde (Núcleo em Assistência em Saúde Mental)

### **Ficha Catalográfica**

**Campos, Pablo Aguilera**

As psicoses no Seminário 3 de Lacan : a clínica orientada pelo  
significante / Pablo Aguilera Campos ; orientador: Marcus André  
Vieira. – 2022.

97 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de  
Janeiro, Departamento de Psicologia, 2022.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Psicanálise. 3. Psicoses. 4. Jacques  
Lacan. 5. Significante. 6. Seminário. I. Vieira, Marcus André. II.  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de  
Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Para meu avô, Ivan,  
em sua memória.

## Agradecimentos

Ao meu orientador, Professor Marcus André Vieira, pelo comprometimento e ética que foram uma fonte de inspiração para a realização deste trabalho.

À CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, que viabilizaram este trabalho. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Aos professores, alunos e pacientes do PROJAD, da Residência Multiprofissional (IPUB/URFJ) e da Casa Verde. Espaços fundamentais para a minha formação.

Aos meus pais, Andrea e Paulo Roberto, pelo incentivo, cuidado e exemplo que oferecem diariamente.

À minha avó, Maria Christina, pela sua dedicação e carinho.

À Patrícia Silveira, pelo apoio e compreensão incondicional.

Aos meus colegas da PUC-Rio.

Aos professores que participaram da Comissão Examinadora.

A todos os professores e funcionários do Departamento pela ajuda e paciência.

A todos os amigos e familiares que me ajudaram e me estimularam durante esse percurso.

## Resumo

Campos, Pablo Aguilera; Vieira, Marcus André. **As psicoses no seminário 3 de Lacan: a clínica orientada pelo significante**. Rio de Janeiro, 2022. 97p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A partir de uma leitura detalhada do *Seminário 3* de Jacques Lacan, pretendemos demonstrar como o percurso do autor, no referido seminário, estabelece uma abordagem clínica das psicoses fundada em sua concepção do inconsciente estruturado como uma linguagem do sujeito freudiano, como o que advém dos efeitos da linguagem. Apesar de tratar-se de uma abordagem já significativamente explorada, permanecem ainda em germe algumas de suas orientações, especialmente as que concernem o modo de intervenção do analista tomando por base o relato do analisante ao pé da letra, ou seja, como indica Lacan, a partir de seus elementos de materialidade significante, em detrimento da abordagem clássica pelo sentido e pela significação do discurso analisante. Para tanto, acompanhamos o percurso do autor, no sentido de constituir uma lógica geral da estrutura da linguagem e seguir uma lógica específica para a psicose, distinta daquela das neuroses.

## Palavras-chave

Psicanálise; Psicoses; Jacques Lacan; significante; Seminário

## Abstract

Campos, Pablo Aguilera; Vieira, Marcus André (advisor). **The Psychoses in Seminar 3 of Lacan: the signifier as a clinical treatment guideline.** Rio de Janeiro, 2022. 97p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

From the detailed reading of Jacques Lacan's seminar 3 we intend to demonstrate how in the course of the referred seminar, Lacan establishes clinical treatment guidelines of the psychosis founded by his conception of the unconscious as language structured by the Freudian subject as a product of language effects. Despite being a well explored clinical guideline, a few of its orientations are still to be developed specially those concerning the analyst's method of intervention, considering as a standard to take literally what the analysand has to say, in other words, as Lacan implies, from elements of the materiality of the signifier in opposition to the classic approach by the meaning and signification of the analysand's discourse. Therefore, we follow the course trailed by Lacan in a way of establishing a general logic of the language structure, and next, follow a specific logic of the psychosis that differs from the neurosis

## Keywords

Psychoanalysis; Psychosis; Jacques Lacan; signifier; Seminar

## Sumário

1. Introdução	9
2. Estrutura do fenômeno psicótico; a proposta teórica e prática de Lacan	14
2.1 A psicose e a psiquiatria	14
2.2 O Fenômeno Elementar	22
2.3 Sobre o Neologismo	24
2.4 Do testemunho ao relato	27
2.5 Notas sobre Schreber a religião e a ciência	29
2.6 Schreber e a escrita	36
2.7 A Afirmação e a Negação na neurose	39
3. O imaginário, o simbólico e o significante primordial	44
3.1 Sobre a posição sexuada na neurose e na psicose	44
3.2 Dois tipos de homens	47
3.3 Da surpresa ao <i>repisamento</i>	51
3.4 O milagre do uivo e a paz do anoitecer	53
3.5 A função simbólica da procriação	62
3.6 O desencadeamento	69
4. O significante fálico	75
4.1 Secretário do Alienado	75
4.2 O Ponto de Basta	78
4.3 A estrada principal	83
5. Conclusão	87
6. Referências Bibliográficas	94



## Introdução

A questão das psicoses na psicanálise sempre foi, por um lado, intrigante e, por outro, resistente a tentativas de serem explicadas a partir do mesmo mecanismo que as neuroses. O objetivo deste trabalho é trazer conceitos presentes no *seminário 3* de Jacques Lacan (1955-1956 [1988]), que oferecem subsídios para pensar a clínica das psicoses a partir do axioma proposto pelo psicanalista francês que concebe o inconsciente estruturado como a linguagem. Essa premissa subverte qualquer noção de organicidade e identifica em fenômenos específicos da linguagem a diferença entre a neurose e a psicose. Influenciado de forma decisiva pelo estruturalismo linguístico, Lacan vai propor que o sujeito da psicanálise é efeito da linguagem e que nada precederia essa determinação. Dessa forma, subverte o que podemos entender no campo das psicoses, como uma forma de operar própria.

A neurose e a psicose seriam somente duas formas distintas de se organizar no mundo. Será dentro de cada estrutura que o indivíduo terá a oportunidade de vivenciar e transmitir a sua história de forma singular. Se algumas noções do estruturalismo foram necessárias, não se deu com o objetivo de desviar do que caracterizaria a psicanálise, ao contrário, Lacan se utiliza desses conceitos para reafirmar a importância do dispositivo psicanalítico e para reavaliar a possibilidade de compreensão e tratamento das psicoses, como veremos ao longo do trabalho.

Para Lacan, não se trata de uma falta de razão, mas de uma ordem que se impõe ao sujeito com alguma perplexidade, e não se trata de corroborar o conteúdo delirante. Diz respeito à uma possibilidade de escuta cuidadosa e de advertência, qual a diferença de lugar que se coloca um psicanalista ao escutar um discurso que foi historicamente marginalizado. Quadros com delírios altamente elaborados, com históricos de internações e que tem o discurso facilmente identificado pelo senso comum como sendo da ordem da loucura.

Lacan adverte sobre os perigos de uma escuta baseada na compreensão, capturada pela simetria que levaria o analista a uma posição de saber sobre o significado antes que ele se revele através do discurso. Essa posição do analista possibilita que a intervenção rompa com a relação imaginária e introduza, como

veremos adiante, o campo da compreensão na ordem do significante, do simbólico e do sujeito.

O ponto de partida continua sendo o caso Schreber. A partir do relato do próprio sobre o seu adoecimento, o jurista alemão, que sofre de graves crises hipocondríacas após ser indicado para a Suprema Corte regional, vai registrar grande parte dos seus delírios em suas *‘Memórias’* (SCHREBER, 1905 [1984]). Schreber trará a mais importante contribuição para as psicoses na psicanálise de Freud e Lacan. O seu objetivo ao fazer esse registro certamente não era esse, mas que fosse reconhecido posteriormente com sendo verdadeiro. Embora seja nomeado como um caso, Schreber não foi tratado por Freud, tampouco por Lacan, mas pelo proeminente Dr. Flechsig, responsável pelo seu tratamento e internação em Leipzig.

Freud considerava que a intensidade das defesas narcísicas na reconstituição da realidade através do delírio e, conseqüentemente, no retraimento libidinal e na ausência do estabelecimento de uma neurose de transferência, transformavam em risco qualquer tentativa de tratamento psicanalítico nesse contexto. Se o tema causava um certo embaraço a psicanálise, Lacan vai, através de um estudo estruturalista sobre o delírio paranoico, mostrar que o inconsciente como linguagem pode nos ajudar a sair de uma inércia clínica.

Esta fase de Lacan foi fundamental para a conceituação da metáfora paterna, como encontrada em “*uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*” (LACAN, 1966 [1998], p. 537-590), pela ascensão do significante paterno como orientador da estrutura no *Seminário 5* (LACAN, 1957-1958 [1999]), ou na pluralização dele, proposta ao final do *Seminário 10* (LACAN, 1962-1963[2005]).

O foco nas psicoses através da primeira parte do ensino de Lacan almeja alcançar dois objetivos; mostrar a importância desses conceitos para a construção da possibilidade de tratar as psicoses a partir de uma orientação psicanalítica e levantar os elementos que compõe a primeira clínica das psicoses de Lacan. Devido ao escopo do estudo não vamos entrar nos seminários seguintes, que abordam questões relativas as psicoses. Tampouco iremos nos debruçar sobre os Escritos que, juntamente com os seminários, compõe o mais importante material de formação e transmissão da psicanálise segundo Jacques Lacan, deixando o tema para ser aprofundado em estudos futuros.

Entendemos que a relação entre o desenvolvimento do conceito e da clínica das psicoses carrega em si o maior potencial, tendo em vista que um novo

paradigma só se mostra eficaz quando visto em complementaridade com a eficácia do paradigma anterior, ou seja, não necessariamente visa o aniquilamento, mas ao melhor entendimento dos limites e possibilidades que ambos podem contribuir a clínica. Consenso entre o campo lacaniano atual, a diferença entre os paradigmas no estudo de Lacan pode ser vista através do trabalho de Miller (2012), referindo-se aos dois primeiros paradigmas que se sobrepõe cronologicamente e que vão se sucedendo e se complementando ao invés de se mostrarem defasados em relação aos paradigmas posteriores. Os primeiros paradigmas se referem a função formadora da linguagem e da autonomia do imaginário em relação ao simbólico, assim como as dinâmicas que inscrevem o sintoma no simbólico e privilegiam as relações estruturais com o significante.

Essa perspectiva de complementariedade ao qual devemos reconhecer a importância, rompe com a noção de que seriam os paradigmas finais os que detêm a maior contribuição para o tratamento das psicoses. Nesse sentido, concordamos com Lustoza e Cardoso (2018) acerca da importância que tem o retorno à primeira clínica das psicoses em Lacan, com validade renovada a partir dos limites estabelecidos na parte final do ensino de Lacan. Schreber passa por todo tipo de fenômeno invasivo em seu corpo, e documenta o desenvolvimento de seu delírio que vai se organizando no sentido de transformação do corpo de Schreber em um corpo feminino que copularia com Deus.

São importantes algumas considerações iniciais sobre o significante. Entretanto, ao longo do trabalho podemos observar a necessidade de retomar aspectos que aproximam Lacan do estruturalismo linguístico, mas também carregam a especificidade da clínica psicanalítica. Se o signo é formado pela junção recíproca do significante e do significado, para Lacan o significante aparece em um algoritmo sobre o significado, o que implicaria em pensar sobre os seus efeitos ou função em detrimento do significado. Efeitos esses de inserção numa cadeia simbólica, ou seja, o significante só pode ser concebido por um sujeito e sempre em relação a outro significante, os significados vão sendo constituídos pelo sujeito a partir desses movimentos de condensação e deslizamento. Estamos aqui apresentando de forma introdutória essas questões que serão retomadas nos capítulos posteriores.

Nesse contexto, o escopo do presente trabalho pretende levantar aspectos referidos ao significante, assim como ao significante paterno enquanto conceito

presente no *Seminário 3* (LACAN, 1955-1956 [1988]). O Nome-do-Pai vai ocupar esse espaço privilegiado dentro da cultura. A fórmula da metáfora apresentada no seminário sobre as formações do inconsciente (LACAN, 1957-1958 [1999]), também referida como a substituição do significante, como veremos adiante, o Nome-do-Pai como metáfora implica na substituição desse significante no lugar primeiramente simbolizado como ausência ou desejo da mãe. É justamente por esse significante não operar no sentido da ordenação do discurso que vai provocar o que chamaremos de furo, ou buraco e é nesse encontro que vai se precipitar a sintomatologia paranoica, ou como veremos adiante, ao delírio como acompanhando a história de vida, com efeitos de novidade, de implicação e de repisamento, ou de uma repetição que também se faz diferente da repetição na neurose.

A metodologia de revisão da literatura foi utilizada a fim de resgatar o percurso que Lacan propõe em seu seminário, seguindo as aulas proferidas em ordem cronológica nos anos de 1955 e 1956. A leitura do seminário permite acompanhar os conceitos, os casos, as críticas feitas em relação à psiquiatria ou a própria psicanálise, o reconhecimento dos avanços e percalços na obra de Freud, e todos esses elementos vão contribuir para a elaboração da metáfora paterna como possibilidade de estabilização no desenvolvimento do delírio. As recomendações em relação à conduta clínica também ajudam a orientar os psicanalistas quanto as possibilidades de tratamento da psicose. A importância de escutar, de que o delírio possa ser transmitido e que nesse processo o seu conteúdo possa se organizar na direção de uma reconstituição do aparelho psíquico.

A forclusão é marcada por uma lógica diferente da que é marcada na neurose pelo recalque. A possibilidade de estabilização a partir da escrita, da significação do que é ser pai, é o que vai levar Schreber à forma final do seu delírio: gerar um filho com Deus e salvar a humanidade. Enfim, a questão do significante paterno vai continuar tendo importância como ordenador da cadeia simbólica até o ponto onde outras possibilidades de estabilização serão possíveis; temas como a prevalência do significante nos fenômenos elementares ou a possibilidade de estabilização a partir da metáfora vão ao encontro do que pode ser definido como o primeiro ensino na clínica de Lacan, que longe de se mostrar ultrapassado, como as vezes é defendido por psicanalistas de forma equivocada, a década de 1950 serve para estabelecer o estatuto do sujeito na dependência do significante.

Sendo assim, retornaremos aos conceitos que estabelecem a clínica lacaniana das psicoses, isso significa retomar algumas referências, estabelecer uma diferença estrutural em relação a neurose. Esse retorno propicia também uma reflexão em relação ao papel do analista ao escutar um discurso que historicamente foi segregado, tido como desprovido de razão e potencialmente perigoso. Caberia ao analista a compreensão, porém Lacan também adverte sobre os riscos de sermos movidos por um suposto altruísmo, ou por uma falsa simetria na situação analítica.

Nesse sentido, não devemos partir da noção de doença, de cura, ou de restituição, as psicoses enquanto portadora de uma lógica estrutural própria pretende possibilitar que o próprio indivíduo demonstre, através da sua fala, quais os pontos de sua vida que lhe causam sofrimento e podem assim, retomar essa narrativa, ou, como veremos no mais importante caso de psicose da psicanálise, o do presidente Schreber, como a escrita e transmissão foram importantes para a sua estabilização e como se deu esse processo.

## 2

### **Estrutura do Fenômeno Psicótico; a proposta teórica e prática de Lacan**

#### **2.1.**

##### **A psicose e a psiquiatria**

O início do *Seminário 3* (LACAN, 1955-1956 [1988]) introduz qual será a problemática em torno do tratamento, ou da possibilidade de se tratar as psicoses através da psicanálise. Introdução que por um “lapso significativo” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 11) está intimamente ligado ao seu término. A questão do tratamento psicanalítico das psicoses vai atravessar todo o percurso do referido seminário.

Devemos, assim, começar pelo próprio termo da psicose. Utilizado na época de forma ampla, atualmente o termo é utilizado na psiquiatria, através do CID-10 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde) e do DSM-V (Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais). Ambos os manuais mantêm a diferenciação entre esquizofrenia e transtornos psicóticos breves, induzidos por substâncias, esquizotípico, esquizoafetivo, entre outros.

É notável que o principal objetivo dos manuais é realizar o diagnóstico através dos sintomas e sinais, e, para isso, privilegia a presença de alucinações, definidas como percepções sem objeto. Tal definição se apresenta como problemática ao tomar a realidade de forma ortopédica, e partir do pressuposto de que existe uma relação ‘normal’ com a realidade (PONTES & CALAZANS, 2017). Os psiquiatras citados por Lacan são fundamentais no desenvolvimento e conceituação do campo das psicoses dentro da psiquiatria. Embora não seja possível recorrer diretamente a obra desses autores, é fundamental que reconheçamos a influência de suas ideias para a psicanálise.

Ao falarmos das psicoses em Lacan, estamos nos referindo a uma prática que privilegia a fala, e não imagens cerebrais e medicamentos, e a própria escolha

do termo remete a essa tentativa de retorno na clínica. Nessa direção, a psicose ou o louco não será visto como alguém sem razão ou envolto em um caos subjetivo, mas que essa suposta desrazão comporta em si uma lógica (VIEIRA, 2020). Sendo assim, embora a psicanálise tenha sido influenciada pela psiquiatria ela se mostra contrária as concepções morais ou biologizantes da doença mental e aponta para uma outra concepção de sujeito, como veremos adiante.

As psicoses foram divididas em duas vertentes no ensino de Freud, que inclui particularmente as parafrenias (um dos termos que se referiam a esquizofrenia) e a paranoia. A inclusão de fenômenos tão diferentes como a esquizofrenia e a paranoia na mesma categoria parecem diluir a categoria da paranoia, organizada em um núcleo delirante organizado e sem uma perda acentuada das capacidades cognitivas. A paranoia assume aqui a característica principal da estrutura psicótica através do delírio, essa estrutura, no entanto, pode ser aplicada também a outros casos que estão implícitos na abordagem estrutural como a própria esquizofrenia, a bipolaridade ou a depressão que, em casos extremos, será identificada pela melancolia como uma relação psicótica de perda do objeto.

O termo esquizofrenia começa a ser utilizado na psiquiatria, de forma mais ampla, a partir de 1911, quando Bleuler publica *Demência precoce ou o grupo das esquizofrenias*. A esquizofrenia de Bleuler se diferencia da demência precoce como proposta por Kraepelin, nas suas sucessivas edições do *Tratado de Psiquiatria*, por acentuar a cisão do eu ou a ruptura, em detrimento da noção de uma categoria abrangente de início cedo e deterioração do estado intelectual inexorável. A paranoia na psiquiatria francesa se distinguia da demência precoce por não apresentar uma deterioração cognitiva, apesar de se encontrar dentro dessa categoria na proposta de Kraepelin, até a oitava edição de seu tratado (PEREIRA, 2000). Essa diferenciação, importante para a escola francesa, entre alucinações paranoides e os delírios persecutórios crônicos é marcada pela manutenção da capacidade cognitiva no caso da paranoia.

O que pretendemos destacar é que a própria noção de psicose sofre alterações importantes durante o tempo, também não se trata de um único paradigma, mas da coexistência e relação entre alguns deles. Nessa perspectiva, o estruturalismo como proposto por Lacan, pela via do significante, mostra como a psicose pode se organizar, ou em outras palavras, mostrar uma nova forma de estar no mundo diferente da que conhecemos na neurose.

Ao contrário do que se acreditava no início da psiquiatria, mais especificamente influenciada pela psiquiatria degenerativa moral de Morel, de que a paranoia seria causada ou caracterizada por uma anomalia na personalidade, ou por uma pessoa essencialmente má, Lacan propõe olhar para a impossibilidade do discurso delirante de se fazer compreender. Essa compreensão não se daria de forma literal ou a partir das noções preconcebidas de normalidade que o médico poderia ter, mas de poderem ouvir e reconhecer o seu testemunho sobre os fenômenos que vivencia.

Em uma defesa de seu mestre na psiquiatria, Gaëtan Gatian de Clérambault, e da sua contribuição para a clínica através de descrições detalhadas de fenômenos como o automatismo mental, Lacan vai ressaltar que Clérambault e sua hipótese do caráter anideico do delírio, ou, “não conforme a uma sequência de ideias” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 14) difere da psiquiatria do século XIX, que via a paranoia como causada por um comportamento antissocial e o delírio como consequência desse.

Lacan apresenta o primeiro caso do presente seminário; tudo para o paciente virou um signo, por mais aleatório que parecesse. Lacan dá o exemplo de quando esse paciente cruzou com um carro vermelho na rua: o carro apresenta uma significação para o sujeito, mas que também se mantém em um certo nível de perplexidade diante do fenômeno, seria ele ameaçador? A leitura que o paciente fez do vermelho pela função imaginária como algo de caráter hostil poderia, segundo Lacan, ter sido feita de outra forma, por exemplo, como no vermelho do carteadado que se opõe ao preto, fazendo parte então de uma linguagem organizada, característica da ordem simbólica. E segue afirmando que, a fim de diferenciar a neurose da psicose, devemos recorrer também ao registro imaginário na dimensão corporal, campo privilegiado do imaginário.

O recalque ocorre na neurose na forma de “ameaça de castração” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 21), ou na falta de acesso a algum conteúdo simbólico, e do retorno do recalcado que são “apenas o direito e o avesso de uma mesma coisa” (*Ibidem*), esse mecanismo será nomeado por Freud de *Verneinung*, ou negação, e será característico do mecanismo neurótico do recalque, como veremos adiante. Em compensação, o que estaria em jogo na falta de acesso ao simbólico na psicose seria distinto e apareceria sobre a forma da *Verwerfung* (forclusão). A *Verwerfung* aparece pela primeira vez em Freud no caso do Homem dos Lobos e se refere a uma



rejeição, qualitativamente diferente da negação ou da repressão e do recalque (BARBOSA, 2019). No caso, em respeito a uma cena de sexo vista pelo paciente quando muito jovem, a completa abolição da cena como se ela não existisse em contraste com os efeitos da repressão da cena. É esse movimento inicial de Freud que originará, em Lacan, a forclusão. “Sucedee, entretanto, além disso que tudo o que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *Verwerfung*, reaparece no real.” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 22) e segue se referindo ao caso do Homem dos Lobos no qual Freud faz uso do termo;

Pois bem, que ele tenha rejeitado todo o acesso à castração, no entanto aparente na sua conduta, no registro da função simbólica, que toda a assunção da castração por um eu tenha se tornado para ele impossível, tem ligação estreita com o fato de que lhe tenha sucedido ter tido na infância uma curta alucinação cujos detalhes extremamente precisos ele relata. (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 22)

É importante ressaltar que Lacan já estava pensando na relação do psicótico com o complexo de Édipo, com a sua travessia e conclusão e, conseqüentemente, com a questão de uma rejeição fundamentalmente diferente da que ocorre no recalque. Ou seja, de como durante o desenvolvimento de uma pessoa ela vai se situar ou se inserir, primeiro na família e depois, na sociedade, ou na cultura, e principalmente, diante da sexualidade. O complexo de Édipo é fundamental na obra de Freud, e funciona como a construção mítica e gradual da interioridade e exterioridade psíquica, ou como veremos adiante, da própria noção do que constitui a própria singularidade em oposição a alteridade de um outro. Da indiferenciação entre o recém-nascido e o mundo exterior e posteriormente com as representações sucessivas em relação ao seus pais. Sendo assim, o significante paterno não representaria necessariamente a figura do pai biológico, mas gira em torno de instituições como a igreja, a ciência, ou a religião, em torno da ideia de que é necessária uma ordenação. Retornaremos ao tema do significante, por hora utilizado apenas de forma análoga a palavra.<sup>1</sup>

Cristine Lacet afirma que, embora o significante Nome-do-Pai só apareça de forma completa e consistente a partir do *Seminário 5* (LACAN, (1957-1958 [1999])), “como aquele que fundamenta a Lei, que representa o Outro do Outro” (LACET, 2004, p. 244), isso já está contido no *Seminário 3* (LACAN, 1955-1956

<sup>1</sup> Mais adiante retomaremos a sua definição a partir das funções que exerce, na seção 2.3, o significante paterno será retomado mais especificamente no Capítulo 4.

[1988]) como metáfora da função paterna: “cuja função no Complexo de Édipo é substituir o primeiro significante (o materno) introduzido na simbolização” (LACET, 2004, p. 244). Ou, em outras palavras, a substituição metafórica na criança do desejo materno pela introdução da implicação do pai na procriação, e do papel do pai na fecundação e na geração dos filhos. Isso vai introduzir na criança uma ordem terceira que mediará toda a sua comunicação com o mundo, seja sob a forma da neurose e do recalque ou na forma da psicose e da forclusão, ou respectivamente pela possibilidade de se recorrer a metáfora paterna ou pela necessidade de recriação, através do delírio, da inserção do sujeito em uma narrativa que lhe permita se situar diante da questão do papel simbólico do pai na procriação.

Cabe aqui ressaltar que quando fazemos referência ao simbólico, pensamos que ele não se refere ao simbolismo, mas a uma representação, uma coisa que ganhe o mesmo valor que outra, o que também marca para Lacan a representação enquanto significante (VIEIRA, 2009). Ou seja, o simbólico sustenta a diferenciação de sentidos, o que define o estatuto e ordem das coisas é o valor e as possibilidades de ligação, de pacto, e será pela função do significante que poderá operar o que também iremos nos referir como sendo o sujeito. O sujeito do inconsciente vai se localizar a partir dessa ordem simbólica, ao mesmo tempo em que a função do significante de sempre remeter a outro significante e de ganhar valor diferente em cada situação possível, não sendo apenas a soma ou aglomeração de significações, mas como elas podem se relacionar de forma singular.

Da mesma forma, quando nos referirmos aqui ao imaginário, estamos nos referindo ao que tem corpo, ou que tem um início, um meio e um fim, esse, ao contrário do simbólico, é o campo da certeza, e da estabilidade (VIEIRA, 2009). Nunca isolados, a análise será construída a partir do entrelaçamento do real, simbólico e imaginário, sendo o real tanto aquilo que surpreende quanto uma ausência que não cessa em se presentificar (VIEIRA, 2009), o real sempre aparecerá, e sempre escapar a representação, sendo assim, não corresponde com o que entendemos como a realidade, que na análise é a palavra.

O Nome-do-pai aparece aqui mais pelo registro do significante fálico rejeitado no simbólico, a virilidade virtual será recriada a partir da noção de que ao menos um possui essa virilidade e, conseqüentemente, a resposta sobre a simbolização da função paterna, como veremos adiante. E será na linguagem e nos fenômenos elementares que será possível o retorno do significante rejeitado, como

pontos nodais. São eles que ganham valor especial em relação a outros elementos da fala, os neologismos, e o significante paterno mais especificamente, embora qualquer significante possa potencialmente assumir essa posição privilegiada no discurso.

Tal rejeição permite também afirmar que o indivíduo, preso em uma relação imaginária e especular com a alteridade, sentirá isso em forma de fenômenos intrusivos no próprio corpo e na linguagem. A relação especular sempre presumirá uma simetria, uma ilusão de semelhança entre o eu e o outro referenciada na relação formadora e dual da criança e sua mãe, experiência primeira de satisfação e frustração.

O eu assumido de modo puramente instrumental – “o sujeito fala literalmente com o seu eu” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 24) –, caracteriza, para Lacan, uma questão da relação de objeto, fundamentada erroneamente no desconhecimento da importância da ordem simbólica, “que acarreta automaticamente uma confusão do plano imaginário e do plano real” (*Ibidem*). Autenticar ou corroborar tudo o que o sujeito produz no nível imaginário poderia levar ao desencadeamento de uma crise, a analista que se presta as identificações imaginárias estaria favorecendo a uma transferência erotomaníaca ou persecutória. Lacan adverte que isso seria resultado de um “manejo imprudente da relação de objeto” (*Ibidem*, p. 25).

Como vimos anteriormente, Lacan utiliza o termo freudiano *Verneinung* a fim de estabelecer o que seria um funcionamento diferente em relação ao fenômeno psicótico. O texto freudiano *A negação* (FREUD, 1925 [2011]), inicia-se com uma circunstância específica. Freud percebeu que em algumas falas onde os pacientes traziam um conteúdo sensível, este vinha através de uma negativa. Um conteúdo que só ganha acesso ao consciente por estar na forma de uma negativa, mas também que ao inverter o sentido da mensagem a pessoa pode ter acesso a algo que se refere ao sujeito.

A *Verneinung* seria marcada pela possibilidade de acesso a dualidade do simbólico enquanto fonte dessa mensagem, enquanto na *Verwerfung* a mensagem retorna de forma direta, inequívoca em sua intenção, e é a reconstituição de uma metáfora paterna que possibilitaria ao sujeito se localizar no mundo. Se o significante paterno enquanto barra ao desejo materno e introdução no simbólico e na cultura opera na *Verneinung* sob a forma do recalque a falta desse significante,

opera na *Verwerfung* através do discurso delirante e dos fenômenos alucinatórios a reconstituição de uma lógica, uma forma de estar no mundo.

Nesse sentido, podemos argumentar que, apesar do alicerce da diferença se dar em relação a uma negatividade psicótica a um significante que ordena e que em sua ausência provoca fenômenos perturbadores, a alternativa, baseada na *Verneinung* ou na negação, também pressupõe a prevalência da representatividade, da perda de objeto e da repetição de um objeto que só pode ser percebido a partir da sua reconstrução.<sup>2</sup>

As definições de sujeito e de alteridade serão importantes para estabelecer como na psicose a relação com a alteridade e com o próprio corpo podem produzir os fenômenos delirantes e invasivos. O termo já carrega em si uma certa alienação em relação a si mesmo que só pode se verificar em relação a um outro. Assim, Lacan vai introduzir, no sujeito do inconsciente, a alteridade como necessária, um terceiro que se faça presente nas comunicações entre semelhantes.

Sendo assim, para Lacan, a definição de sujeito, sujeito do inconsciente e marcado pela função do significante será, resumidamente:

O sujeito, para a psicanálise, é aquele que se constitui na relação com o Outro através da linguagem. É em referência a essa ordem simbólica que se pode falar em sujeito e subjetividade a partir de Freud, e, em especial, após a produção teórica de Lacan. (TOREZAN & AGUIAR, 2011, p. 535)

Se só reconhecemos no outro parte de nós mesmos e o vemos como semelhante, será recorrendo a um outro o lugar de alteridade simbólica que irá se ordenar e organizar o sujeito. A mensagem que foi enviada ao outro retorna então sob a forma de uma mensagem que carrega um equívoco, um mal-entendido, na neurose e de forma direta, inequívoca ao estar se dirigindo ao sujeito na psicose. A dialética que se forma pela oposição em relação ao simbólico comporta sempre uma dúvida, uma possível desconfiança em relação ao que é falado e a sua intenção. Quando essa dialética falha, causará uma impressão qualitativamente diferente, como veremos adiante, por exemplo, em relação a Deus. O *eu*, então, estará em

<sup>2</sup> Esse esquema está explícito no esquema L (figura 1) de Lacan introduzido na parte final do *Seminário 2*, “O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise” (LACAN, 1954-1955 [2010]) e retomado no *Seminário 3*, embora a formulação definitiva sobre a relação do sujeito psicótico com o Outro só apareça nos *Escritos*, (1966, [1998]) no texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (LACAN, 1955-1956 [1998], p. 537-590) através do esquema R (figura 2), pela fórmula da metáfora paterna e pelo esquema I (figura 3).

relação ao outro como uma imagem refletida, especular e imaginária, nos constituímos a partir desse olhar para um outro e projetamos nele o que seria propriamente nosso.

Retomando a sua crítica a psiquiatria clássica, que utilizava a categoria da paranoia de forma ampla demais e com o foco no comportamento ou na moralidade, a partir das contribuições de Kraepelin, surge um novo movimento na psiquiatria alemã. Para Lacan, o autor define a paranoia de uma forma interessante, mas equivocada.

A paranoia se distingue dos outros porque ela se caracteriza pelo desenvolvimento insidioso de causas internas, e, segundo uma evolução contínua, de um sistema delirante, durável e impossível de ser abalado, e que se instala com uma conservação completa da clareza e da ordem no pensamento e no querer. (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 27)

Passo a passo Lacan desconstrói o argumento de Kraepelin, através da sua experiência clínica. O desenvolvimento não é insidioso, há sempre uma ruptura que contrasta com a evolução contínua (se referindo ao momento de desencadeamento). Para Lacan, também é evidente que não se pode restringir a paranoia aos fatores internos, enfatizando que existe algum fator ligado ao “elemento emocional na vida do sujeito, a uma crise vital que se liga realmente a suas relações externas...” (*Ibidem*, p. 28). Em relação a durabilidade e impossibilidade do delírio ser abalado, novamente, nada mais falso, o delírio varia, seja a partir de dados do mundo em torno ou não. Lacan conclui, pelo menos em relação à questão, que a ambiguidade em relação ao diagnóstico se deve à falta de subdivisões clínicas ao dividi-las em psicoses paranoicas e psicoses passionais. Entretanto, apesar das diferenças, elas teriam em comum a relação com a linguagem e o significante que deixam aparentes os fenômenos elementares de linguagem, como o neologismo.

São elementares como o é, em relação a uma planta, a folha em que se poderá ver um detalhe do modo como as nervuras se imbricam e se inserem – há alguma coisa de comum a toda planta que se reproduz em certas formas que compõe a sua totalidade[...]. Em outras palavras, é sempre a mesma força estruturante, se é possível assim nos exprimirmos, que está trabalhando no delírio, quer o consideremos em uma de suas partes ou em sua totalidade. (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 29)

## 2.2

### O Fenômeno Elementar

O que Lacan traz de novo é a importância do fenômeno elementar para o diagnóstico diferencial entre neurose e psicose. Se na neurose os fenômenos de linguagem se manifestam através do chiste, no ato falho, no sintoma ou nos sonhos; na psicose, o neologismo ou o delírio assumem um caráter estrutural, ou patognômico, ou seja, a sua presença estaria ligada necessariamente ao diagnóstico estrutural das psicoses (LUSTOZA, 2017).

Tais fenômenos podem ser divididos em dois grupos. Primeiramente, os xenopáticos, que se referem aos fenômenos de automatismo mental. Como descrito por Clérambault, se referem ao sentimento de exterioridade do pensamento, ou interferência no pensamento, assim como aos sentimentos de corpo sendo despedaçado. Os fenômenos elementares xenopáticos se referem principalmente aos fenômenos de fragmentação egóica.

Em segundo lugar, aparecem os fenômenos tidos como de autorreferência, como, por exemplo, a intuição delirante, que mostra a novidade do conteúdo e a certeza de que aquele conteúdo por mais enigmático que seja, lhe está endereçado. Os fenômenos de autorreferência demonstrariam, em oposição aos xenopáticos, a tentativa de integração do eu (LUSTOZA, 2017).

A importância dessa distinção inicial é de possibilitar o diagnóstico, mesmo em situações em que os delírios e alucinações ainda não se apresentaram. Embora também possam ser considerados como fenômenos elementares, o delírio e as alucinações se apresentam em casos em que a estrutura se apresenta de forma mais evidente. Entretanto, a partir dos fenômenos xenopáticos e de autorreferência é possível também incluir quadros em que a apresentação de delírios e alucinações ainda não se encontram presentes e, em alguns casos, nem chegarão a esse ponto.

O fenômeno elementar está intrinsecamente ligado a estrutura e, nesse sentido, o delírio enquanto fenômeno elementar na paranoia não seria deduzido pelo sujeito, mas se impõe ao mesmo. A significação do delírio vem em primeiro plano e se situa no plano da compreensão. E Lacan, citando o caso de Abraham sobre um doente que passa muito tempo colecionando seixos ou pequenas pedras de cascalho e, quando por acidente, elas se espalham e se perdem ele recomeça como se nada houvesse ocorrido, adverte sobre os que tomam o fenômeno pelo viés do objeto.

Afirma: “comecem por não crer que vocês compreendem. Partam da ideia do mal-entendido fundamental” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 31). Essa é a ambiguidade da significação do delírio, ele partilha das mesmas palavras e parece ser decifrável, mas não é.

Decifrar, ou tentar entender e catalogar o que cada termo que o paciente apresenta e que pode ter um significado especial, leva ao risco de não se privilegiar o desenvolvimento do delírio, no sentido de ele próprio ir mudando de acordo com as necessidades e limites da realidade. Se a frase se apresenta, como veremos, interrompida, não é desejável que nós forneçamos o complemento. Ao se relacionar com alguém que apresenta uma comunicação em uma língua incompreensível, a princípio estrangeira ou estranha, não devemos nos ater a significação estrita dos termos, mas a forma como cada um se organiza na economia psíquica, no sentido de acolher, escutar, e se dispor a reconhecer que esse conteúdo tem um valor específico naquela narrativa.

Para Lacan, a “movência dialética” (*Ibidem*, p. 34) seria própria do comportamento humano. A mudança, a ambiguidade dos desejos e dos valores que nos impelem a mudança. O delírio vai, na maioria dos casos, se adaptar, caminhar na direção da reconstituição de uma suplência ao déficit do significante paterno, mesmo que essa reconstituição também possa ruir posteriormente, quando confrontada com uma nova situação que exponha a sua fragilidade.

Portanto, não devemos cair na tentação de compreender e, apesar da semelhança fonética de um significante, ele irá referir a uma outra questão, que para a própria pessoa pode causar perplexidade. Para que a interpretação se dê, é necessário um campo articulado pela relação do eu e do outro, pela autonomia do simbólico e pela prevalência da estrutura na formação do inconsciente. “Na psicose passional, é evidentemente muito mais perto do eu, do sujeito, que se situa o que se chama de núcleo compreensível, que é de fato um núcleo de inércia dialética.” (*Ibidem*, p. 33).

Usando a analogia dos seixos, a psicose como relação de objeto levaria, no melhor dos casos, a nada, ao simples recomeço, como no caso do Abraham, mas podendo também identificar o analista com uma ameaça, alguém próximo demais desse núcleo como o Dr. Flechsig, que na carta lida por Schreber em sua audiência de restituição (SCHREBER, 1905 [1984]) demonstra a influência do psiquiatra nos delírios do jurista. Flechsig foi o responsável pela cura de Schreber durante a sua

primeira internação em 1884, na clínica para doenças nervosas da Universidade de Leipzig. Schreber, no momento da primeira internação, sofre de graves crises hipocondríacas e tem a sensação permanente de que irá morrer, e Schreber e sua esposa guardam, a partir da primeira alta, grande consideração pelo Dr. Flechsig ao qual retornam a recorrer em 1893, na segunda crise em que Schreber acaba internado. Entretanto, dessa vez, Flechsig não consegue ajudá-lo e Schreber acaba transferido para Lindenhof, lugar chamado pelo próprio de “cozinha do diabo” (CARONE, 1984, p.18), onde também inicia a pior parte dos sintomas de intrusão corporal relatados nas *Memórias*.

A carta, apresentada à Corte de Apelação, como veremos na secção 2.3., assim como o contexto jurídico em que Schreber solicita a revisão de sua interdição e de seu diagnóstico, mostram como longe de cessar, a influência de Flechsig passa ao plano religioso e astral, como demonstrado na seguinte passagem.

Tenho a inamovível certeza de que disponho, nesse domínio [religioso], de experiências que – uma vez obtido o reconhecimento geral de sua exatidão – poderiam atuar de maneira mais frutífera possível sobre o resto da humanidade. Da mesma forma, não tenho dúvida de que seu nome desempenha um papel essencial na gênese das circunstâncias a que me refiro. (SCHREBER, 1842-1911 [1984], p. 33)

## 2.3

### Sobre o Neologismo

Para reafirmar o caráter ambíguo da significação do delírio, Lacan apresentará o conceito de neologismo como fenômeno que evidencia o caráter estrutural do delírio. Uma palavra que carrega uma dimensão qualitativa diferente do discurso utilizado no cotidiano, extraordinária e surpreendente. Tal discurso fica explícito no caso de uma paciente psicótica que Lacan, após ultrapassar a hora média de anamnese, não difere, à princípio, do discurso de uma pessoa “que está em conflito com o seu meio” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 43).

A anamnese se refere aqui a entrevista inicial feita pelo psiquiatra para identificar sintomas e chegar à um possível diagnóstico. É importante notar que nem sempre o paciente expõe algo que possibilite identificar um fenômeno elementar, eles não precisam estar presentes todo o tempo, ou podem ser



conscientemente escondidos pelo paciente. Entretanto, mesmo não aparentes deve-se crer que eles continuam sua influência de forma estrutural.

No caso referido, a paciente parecia não demonstrar nenhuma alteração significativa, aparentando ser nada mais do que um conflito com o seu meio, algo que seria normal, ou uma dificuldade comum. Entretanto, surge ao final da entrevista o significante *galopiner*<sup>3</sup>, palavra-chave, plena, que no nível do significante se distingue das palavras utilizadas, por comunicar a sua própria experiência. Para essa paciente, o termo concentra pontos de referência essenciais para a sua construção de mundo e, sem dúvida, teriam outros neologismos que permaneceram ocultos.

A palavra se distingue no nível da significação, se partimos da ideia de que uma significação remete sempre a outra significação. O neologismo é uma significação que só remete a ela própria, ela é única e não se esgota ao se remeter a uma significação. Lacan coloca da mesma forma a língua fundamental de Schreber, uma mistura de alemão arcaico que ele utiliza para se comunicar com Deus e que lhe foi transmitido através dos raios divinos. Para Lacan, se na neurose o segredo está sempre mantido através do recalque, o enigma da psicose estaria acessível através do neologismo. “Encontramos também no próprio texto do delírio uma verdade que lá não está escondida, como acontece nas neuroses, mas realmente explicitada, e quase teorizada” (LACAN, J., 1955-1956 [1988], p. 39).

Os neologismos vão se dividir em dois polos, a intuição e a fórmula. A intuição delirante se refere ao primeiro momento em que o significante se impõe na experiência de forma original, ou “inundante” (*Ibidem*, p. 45). A palavra de forma plena, “lhe revela uma perspectiva nova, cujo cunho original e cujo sabor particular ele sublinha” (*Ibidem*), diz Lacan em relação a Schreber, a palavra como enigma. Já a segunda forma de apresentação do neologismo é em seu caráter repetitivo, oposta ao enigma, a significação aqui já não remete a mais nada. Essa fórmula do vazio foi denominada de *ritornelo* por Lacan e, combinada com a forma mais plena apresentada pela palavra enquanto enigma, param a cadeia de significação e

---

<sup>3</sup> “Vale registrar que esse neologismo se acha curiosamente no Dicionário francês-português de Olívio de Carvalho (Porto, Ed. Porto, 1978), assim definido: “vadiar, andar na gandaia”. Não consta, é claro, dos melhores, do *Nicot* ao *Grand Robert*. Entretanto, tem curso, no francês, a palavra *galopin*, que significa: a) menino de recados; b) maroto, menino levado. Raro o uso da forma do feminino – *galopine*.” (Aluísio Menezes, Notas de Tradução, O Seminário As Psicoses, Lacan, 1988[1955-1956], p. 373)

funcionam como uma espécie de “chumbo na malha” (*Ibidem*). É, portanto na economia do discurso, na relação da significação com a significação e na relação do discurso com o ordenamento comum, que reside a diferença e, novamente, a advertência de tentar compreender.

Dois aspectos que compõe o delírio foram *fides*, ou a estrutura das falas fundadoras, e o *avesso de fides*, ou seja, as falas enganadoras e mentirosas. Se no primeiro caso a palavra empenhada para caracterizar alguém, vinda de um outro, funda a posição de dois sujeitos, a palavra enganadora porta em si uma incógnita na alteridade do outro, que aparece como Outro absoluto. Retornando ao caso da paciente que, depois de muito tempo de entrevista, pôde falar sobre algo que considerava importante, onde aparece algo de seu desejo, em que aparenta ter maior interesse, sobre a forma de *galopiner*. Lacan pergunta, é ela que fala? Sem dúvida que sim, mas enquanto referida justamente ao discurso que engana ou ao *avesso de fides*, lidamos com um outro tipo de alteridade. Ela não mente quando diz que fala por um outro, mas ela é o outro aonde o interesse se mantém enquanto objeto de desejo do outro.

O delírio carrega os aspectos de pacto, mas também de luta virtual e de empenho do sujeito, dialética fundadora do conhecimento paranoico. É precisamente porque o sujeito fala e como o inconsciente fala no sujeito que podemos ver a diferença entre a alienação como forma geral do imaginário e a alienação no sujeito psicótico e, de forma central, está a relação do sujeito com o Outro. No caso *galopiner*, ao longo do seu discurso não identificado como delirante, ela estava se referindo ao Outro com maiúsculo, enquanto espaço comum simbólico, e não era possível identificar qualquer traço de seu delírio, mas no que Lacan define como conhecimento delirante, ela fala de um outro com minúsculo. Essa diferença do endereçamento do discurso faz com que possa se dizer que sim, ela fala, mas que fala sobre algo mais também.

Se a relação com o próprio corpo vai ser construída a partir da alteridade, da identificação e da relação com os objetos, é nessa identificação com um outro, que comporta essa relação com objeto primitiva de ciúme e concorrência que vai estar empenhado o sujeito psicótico, impossibilitando de, através do simbólico, fazer uma distinção clara de imaginário e real. Será nesse cruzamento entre a fala e o corpo que o testemunho aparecerá como especificidade, assim como algo que lhe é impossível de ser comunicado ou expressado.

## 2.4

### Do testemunho ao relato

O testemunho aparece no *Seminário 3* referindo-se ao relato do paciente, o momento da entrevista do psicanalista ou médico, e, nesse sentido, não corresponde exatamente com o que entendemos como o testemunho em outras áreas de entendimento. Propomos aqui a aproximação a partir dos relatos de sobreviventes do Holocausto, pela semelhança no que se refere ao significante, assim como, pela importância que podemos perceber que ele assume, tanto para os sobreviventes quanto para Schreber.

É notável toda uma amplitude de afetos e a impossibilidade de narrar os eventos traumáticos que surgem através de algumas palavras. Como vimos antes, o neologismo não é específico das psicoses, apesar de ser utilizado para descrever uma lógica específica referente a tal estrutura. Da mesma forma, o testemunho vai, para a psicanálise, residir na importância do relato, assim como na importância que ganha a transmissão escrita, como no caso de Schreber.

Tema privilegiado em variados campos de estudo, como o testemunho de sobreviventes dos campos de concentração da Alemanha nazista, o testemunho para a psicanálise leva em consideração que, ao nos referirmos ao sujeito do inconsciente estamos também falando de algo que escapa a capacidade de simbolização. Entretanto, o testemunho não é exclusivo da psicanálise, sendo importante em outras áreas de conhecimento como a jurídica, assim como não é exclusivo da psicanálise, estando presente na forma como a memória de eventos históricos trágicos são construídas, assim como da possibilidade de os sobreviventes poderem elaborar aspectos da experiência que são evidentemente difíceis, como os vividos no Holocausto.

Nesse sentido, Giorgio Agamben (2008) argumenta, através dos relatos dos sobreviventes do holocausto no período pós Segunda Guerra Mundial, que o sentimento de culpa é agravado por um sentimento de que antes de tudo a pessoa é inocente, mas que através de seus atos se torna culpada por ter sobrevivido. Na apresentação, Gagnebin (2008) já define o testemunho como “aquele que viveu algo e tenta relatá-lo” (p. 13), em oposição ao que é relatado por terceiros.

Para Agamben, algumas circunstâncias podem impelir o sujeito ao testemunho. O sujeito necessita transmitir a sua história, mesmo que isso lhe cause

grande sofrimento. O autor cita o exemplo de Primo Levi, que se sentia mais um químico do que um escritor. Primo Levi faz uso de uma linguagem técnica em muitos de seus livros, como que descrevendo as particularidades das substâncias químicas, entretanto, não consegue evitar que todos esses relatos sejam atravessados de alguma forma pelo relato, mesmo indireto, dos horrores vividos por ele no campo de concentração.

A figura que Agamben (2008) escolhe para representar o intestemunhável, ou as lacunas nos relatos, é a figura do “muçulmano”, representado pelo prisioneiro de guerra que estava tão deformado, tão fragilizado, que não aparecia representado nos relatos, já estava abandonado e perdia toda identificação como semelhante, ou como ser humano.

Outro exemplo retirado dos relatos de Primo Levi é sobre os sonhos recorrentes com a palavra “Wstawac”<sup>4</sup> (VALENDINOVA, 2014). Tal palavra marca o momento do seu despertar, que geralmente vai de uma cena de libertação, de retorno à casa, para a angústia do campo de concentração. Assim, a palavra só pode ganhar esse significado por também ser opaca, estrangeira e ao mesmo tempo familiar e perturbadora.

Schreber faz da criação e transmissão do seu delírio uma forma de garantir a sua existência ameaçada desde o início pelo ‘*assassinato d’alma*’. O testemunho seria, então, o que existe de mais íntimo na transmissão do sujeito, o que não significa que se trata de uma verdade oculta sobre o sujeito, mas que lhe concerne, o que Lacan descreve como fazendo parte de um sentimento de perplexidade.

O que caracteriza as relações do sujeito como o exterior é antes, a perplexidade – como se pode então, através de mexericos, por meio de uma petição sem dúvida, levá-las ao hospital? O interesse universal que é concedido a elas tem tendência a se repetir. Daí esses esboços de elementos erotomaníacos que discernimos na observação. Não são, propriamente falando, erotômanas, mas elas estão habitadas pelo sentimento de que se interessam por elas (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 63)

Lacan se refere, aqui, ao caso de uma mãe e uma filha, que, assim como o caso anterior, confiou no entrevistador depois de muito esforço, a palavra que podemos considerar como plena, assim como pertencendo ao que Lacan denomina de *fides*. Conta que em um determinado dia, o amante de uma de suas vizinhas lhe disse um palavrão ao cruzar com ela: “Eu venho do salsicheiro”. Lacan articula a

<sup>4</sup> Comando polonês que significa “levanta” e era usado pelo guarda de campo ao acordar os prisioneiros todas as manhãs.

partir do contexto e das relações do sujeito com esse par (vizinha e amante da vizinha), que constituem o delírio paranoico e em particular um sentimento de intrusão em relação a essa mesma vizinha e com o significante “Porca”, que aparece como resposta a primeira frase, “Eu venho do salsicheiro”.

O significante “Porca” ganha um caráter especial no discurso da paciente e Lacan, nesse ponto, mostra que esses elementos da linguagem tem “uma força de inércia particular, carregam-se de significação, simplesmente de uma significação. O livro de Schreber está florido delas” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 69). Identificando o mesmo fenômeno na palavra *Seelenmord*, ou, assassinato d’almas, seja na injúria ou nas palavras de amor, a erotização do significante. É nesse fenômeno que Lacan poderá avançar na relação do discurso delirante com o Outro, que muitas vezes assume um lugar de perseguidor ou de ameaça no nível do sujeito. A “erotização” (*Ibidem*, p. 70) do significante, ou seja, a forma como ela acaba representando uma injúria ou um ato de amor no caso da paranoia e da erotomania, fugindo da forma usual de entender o amor romântico ou a rivalidade fraternal. Ou seja, a função do significante que possibilita uma mudança qualitativa na relação com ele, estamos falando da erotização no sentido de um investimento particular que possibilita que algo da história ou da realidade psíquica do paciente possa ser transmitida a partir do seu testemunho.

Enfim, é importante ressaltar como os conceitos que Lacan utiliza para fundamentar a possibilidade de tratamento na psicose apresentam uma continuidade e não uma ruptura com os conceitos que virão adiante em sua obra. Especificamente o neologismo e a erotização do significante estão alinhados aos fenômenos elementares de autorreferência, como vimos anteriormente. Entretanto, ao mesmo tempo em que apontam para uma surpresa, por uma experiência enigmática, a sua repetição e inserção no discurso vão acompanhar o desenvolvimento do delírio desde o momento de desencadeamento, de estranhamento, de profundo sofrimento até a possibilidade de que esse mesmo delírio forneça uma forma de estabilização. Embora não seja ainda notável, a possibilidade de substituir o significante paterno por outro que também possa ordenar o discurso apareceria como uma possibilidade de estabilização dos fenômenos de fragmentação nas psicoses.

## 2.5

### Notas sobre Schreber a religião e a ciência

Se na primeira parte do *Seminário 3* Lacan enfatiza a relação do sujeito psicótico com o significante a partir do neologismo, em seguida ele vai dar foco para o endereçamento do discurso psicótico. Ou seja, se os significantes ganham valor especial, as consequentes relações vão ser marcadas por essa singularidade. No caso de Schreber, estamos nos referindo a sua relação com Deus, assim como com a sua suposta homossexualidade.

Não pretendemos aqui desqualificar a importância da relação de Schreber com Deus ou com a sua sexualidade, mas que ela é marcada de tal forma que é indissociável de seu delírio. O Deus ao qual Schreber se refere não é o mesmo Deus que podemos encontrar de forma unânime dentro de uma instituição religiosa. De forma semelhante, quando Schreber propõe como saída que ele se torne mulher e copule com Deus não devemos ver nisso um desejo recalcado de ter uma relação homossexual. Novamente, esses fenômenos se relacionam com o desencadeamento de sua doença, mas também com uma tentativa de reestabelecer alguma relação de protagonismo com a sua história.

A importância do endereçamento, e nisso a inclusão de um terceiro, uma alteridade radical que vai ocupar esse lugar, pode ser visto no trabalho de Marcia Pedruzzi Reis (2010) sobre o testemunho de um processo de análise e a sua transmissão pela escrita.

Como, através do ato da escrita, estabelecem-se condições de compartilhamento de uma experiência?

A partir dessas questões, outras tantas se colocam no que concerne ao estatuto do *endereçamento* em psicanálise. Entre elas, o importante e recorrente tema do testemunho que, pela via escrita, pode endereçar o singular das memórias de um sujeito ao campo do Outro, embaralhando a clássica noção de história pautada na diferença entre ficção e realidade, verdade e exatidão. Da mesma forma, cabe interrogar os efeitos que se operam no sujeito que escreve, os quais viriam a avalizar a pertinência, ou mesmo necessidade imperativa, de dar seu testemunho. (REIS, 2010, p. 122-123)

É notável a aproximação da apresentação do caso de Schreber no tribunal e a publicação de sua obra com a forma como ele percebe a intenção por trás dos fenômenos elementares, assim como o que possibilita tudo isso e viabiliza como estratégia para sua saída da instituição, justamente a sua relação com figuras importantes como o Dr. Flechsig e Deus. Não necessariamente que eles escutem a sua mensagem, mas que todos possam um dia recorrer as suas memórias e entender o papel dessas figuras em sua vida.

Em outras palavras, Lacan vai se utilizar da religião e da lei para relacionar a estrutura psicótica à um outro destino em relação a ordem simbólica. Se estamos todos referidos à uma lei das leis, ou a um nome do pai, “não o pai natural, mas o que se chama pai” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 118), na neurose podemos aceitar que essa relação com o divino ou com as normas é caracterizada por uma falta de intenção em relação ao sujeito, enquanto no discurso delirante o sujeito se vê implicado e ao mesmo tempo à mercê de um fenômeno que lhe parece externo.

A fim de exemplificar, Lacan nos apresenta o caso em que o paciente vivia dentro da família se comunicando exclusivamente através do dialeto corso. Todos as querelas e ambivalências dos pais eram transmitidos dessa forma, de tal maneira que provocou uma separação entre o mundo da elite, o mundo do que se passava fora e o mundo familiar. O paciente não conseguia, então em idade adulta, evocar o dialeto. Para Lacan, o estabelecimento de um discurso comum dependeria também de um acesso à uma língua primitiva, à um dialeto que na neurose está submetido ao processo de recalque.

Procedamos metodicamente. É a partir do conhecimento que temos da importância da palavra na estruturação dos sintomas psiconeuróticos que avançamos na análise deste território, a psicose. Não dizemos que a psicose tem a mesma etiologia que a neurose, não dizemos nem mesmo que ela é como a neurose um puro e simples fato de linguagem, longe disso. Observamos simplesmente que ela é muito fecunda quanto ao que pode exprimir no discurso (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 77)

Partir do discurso do sujeito para encontrar os mecanismos constituintes da psicose, ir metodicamente, para evitar uma analogia precipitada à neurose, como feito ao reduzir Schreber à ameaça da masturbação e da homossexualidade reprimida redirecionada ao Dr. Flechsig. A construção delirante seria, então, uma reação à ameaça de realização dessa fantasia homossexual. Lacan acrescenta: “todos não sentem que um mecanismo dessa espécie, se é verdade que ele se exerce em uma certa articulação nas neuroses, teria aqui resultados completamente desproporcionados?” (*Ibidem*, p. 78).

Ainda sem evocar o termo forclusão, a diferença na resolução da castração na neurose através do recalque seria diferente da psicose, no sentido de uma identificação imaginária ao feminino, que no caso de Schreber vai desembocar em um sistema de “mundo em que o sujeito está completamente absorvido em sua imaginação de identificação feminina.” (*Ibidem*, p.79). Quando nos referimos a discurso aqui, Lacan ressalta também enquanto real, seja sua língua materna, um

dialeto específico ou a linguagem usada de forma comum, o sujeito neurótico vai “fazer passar no real, significações” (*Ibidem*, p. 80), em contraste a ser “cativado” (*Ibidem*) ou “acolhido” (*Ibidem*).

Para Lacan, o ponto pivô da relação do sujeito com a fala é a subjetividade do Outro, ou seja, que, assim como o sujeito, o Outro seria capaz de convencer ou de mentir. ‘Outro’ aqui referido ao lugar da fala como estruturante do sujeito. Presentes na formulação do Esquema L no *Seminário 2*, o sujeito é definido pelo Outro através dos significantes que, por sua vez, fazem a definição do sujeito sempre em relação a um outro significante. Por exemplo, se alguém se define como casado, ou flamenguista, ou que defende certa posição política, essa definição está sempre referida por sua vez a um outro significante, casado com uma outra pessoa, flamenguista em oposição aos tantos outros times ou de esquerda em oposição à direita política, e assim adiante.

Para fins de distinguir o significante da palavra, vamos partir da definição de Bezerra (2018), que propõe seis aspectos do significante na teoria lacaniana: a supremacia do significante em relação ao significado; o significante é uma unidade que simboliza a ausência; ele opera segundo as leis da cadeia significante; ele desfila na cadeia significante; tem duplicidade quando opera na mesma cadeia e; produz neologismo.

Embora não seja possível aqui examinar melhor cada uma dessas funções, é importante ressaltar o caráter dinâmico onde um significante está sempre ligado a outro significante, um emaranhado dentro da ordem simbólica que produz outro significante. Por fim, cabe ainda ressaltar que a autora não distingue entre a produção do neologismo em um sonho ou no caso do delírio, ou, em outras palavras o neologismo não é exclusivo da psicose, a forma estrutural como ele se liga na ordem simbólica que será produtor da diferença. Nesse sentido, também podemos questionar se o neologismo seria um fenômeno elementar ou se ele só pode ser considerado como tal a partir do uso. Bezerra (2018) se refere a um sonho relatado por Freud onde lança mão do neologismo *autodidasker*, o que implicaria no uso do neologismo no sonho.

Esses significantes que têm força de determinação e se impõem, mortificam o sujeito que se encontra “alienado a esses significantes que são do Outro, como lugar do inconsciente. Na análise o sujeito vai pouco a pouco descobrindo quais são esses significantes e se desalienando do Outro...” (QUINET, 2012, p. 23-24). O



fenômeno psicótico como descrito por Lacan subverte o esquema L, no que mais tarde será apresentado como Esquema R, que inclui a metáfora paterna e propõe que o desejo da mãe se deve ao fato do pai supostamente possuir o que lhe falta, o significante fálico, aonde

Esse movimento faz do desejo da mãe um significante e o falo será o significado desse significante. O significante Nome-do-Pai vai ser o significante mestre cujo significado é o desejo da mãe. A linguagem se fundará, portanto, nessa inscrição inicial e iniciadora; ela é uma produção de que o sujeito será não o agente, mas o efeito. (KAUFMANN, 1996, p. 386)

Nesse sentido, Lacan explora as figuras de Deus, da ciência e do nome-do-pai como significantes que podem ordenar essa relação com o Outro ou que vão demonstrar, como no caso de Schreber, que essa relação é estrutural. Quando Schreber fala de sua relação com Deus, certamente este não é análogo ao Deus que escutamos falar comumente no cotidiano. É certo que cada pessoa terá uma relação com essas figuras, mas alguns significantes podem ganhar um peso especial por serem privilegiados de certa forma na cultura e super investidos. O nome-do-pai e o significante fálico orientam a resposta dada ao sujeito pelo Outro.

Se partirmos do pressuposto de que existe algo na fala ou na palavra que pode enganar, dialeticamente, da mesma forma, é preciso que exista algo que não engane. Lacan atribui a Descartes o pensamento de que Deus não poderia nos enganar, assim com atribui a Einstein de que Deus seria malicioso, porém honesto. Esses pensamentos que permeiam a ciência, a religião, além de outras áreas culturais levam ao real enquanto uma categoria que por mais impenetrável, não tem a intenção específica de nos passar para trás, ou de tirar vantagem de nós. “Jamais constatamos nada com efeito que nos mostre no fundo da natureza um demônio enganador” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 81). Somos nós que nos enganamos, mas a natureza, Deus, ou a ciência é inequivocadamente sem intenção em relação a essa nossa propensão ao engano.

A garantia da verdade sobre a realidade que nos oferece a natureza seria relativamente recente, mas com profundas implicações em como nos relacionamos com o mundo, a partir do pensamento moderno. Em Schreber, esse Deus que não engana coexiste com um que tem particular interesse nele, que afeta diretamente o seu corpo e lhe infringe sofrimentos terríveis. Esse mesmo Deus, que passa por uma transformação durante os anos internados e que vai ligar de certa forma o

desencadeamento de seu delírio com a forma final em que Schreber carregaria o filho de Deus a fim de salvar a humanidade.

A coexistência de um Deus que Lacan se refere como “espinosiano” (*Ibidem*, p. 85), ou mais próximo a natureza e ao seu modo de funcionar, e o Deus de Schreber ao qual mantem uma relação erótica não se dá de forma contraditória. Da mesma forma que as contradições na lógica formal coexistem pacificamente no espírito de todos nós, ameaçados somente nas raras ocasiões em que são confrontados. Schreber, ao se comunicar com Deus, também demonstra não só o interesse particular de Deus para com ele, mas a importância dos neologismos e do dialeto na forma que assume a língua fundamental. Ela se apresenta como uma mistura de alemão arcaico com palavras ajuntadas e compiladas em novos significados.

Essa ambivalência das figuras de Deus ou coexistência desse Deus que engana e de um Deus que não engana, mostram também que Deus vai de uma malícia ao amor em relação a Schreber e, ao mesmo tempo que submete seu corpo objeto dos mais variados exercícios de destruição, também o ama intensamente. Cabe ressaltar aqui que Lacan define Schreber como alguém indiferente a religião, como que além do ateísmo, Schreber não dava grandes importâncias para as questões religiosas anteriormente ao desenvolvimento de seu delírio.

Retomando a importância da experiência clínica, adverte que não basta que algumas “chaves” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 90) tenham sido dadas para que os psicanalistas se conformem em não pensar mais e esforcem em deixar tudo como está. Assim como partir de noções freudianas como a pulsão ou o inconsciente e considerar que elas só se aplicam aos outros, mas que não tem influência tão grande nas nossas relações com o mundo. Nesse sentido, não só produzimos a nossa realidade psíquica, mas também a nossa realidade é produto ou efeito desses mecanismos, ou de outra forma, “pode-se confiar nas coisas tal como são estruturadas – elas estão aí, e vocês estão dentro.” (*Ibidem*, p. 91)

Sendo assim, o Esquema L como referência para a relação do sujeito com o Outro na neurose mostra o quão dentro da estrutura está o sujeito, além de como a alteridade seria formativa dessa noção de sujeito em Lacan. Da mesma forma que o Outro como referência de nossa experiência comporta as três etapas da fala enquanto significante, significação e discurso ou como simbólico, imaginário e real. Lacan lançará mão desse esquema para demonstrar de forma lógica a relação do eu,

imaginário, com o outro, localizando também o sujeito, como efeito dessa relação do simbólico e do imaginário através desses dois eixos, que contêm respectivamente o sujeito (S), o outro (a'), o Outro (A) e o eu (a); esses quatro elementos serão ilustrativos da estrutura, da função da linguagem e do papel da alteridade radical definida como Outro.

O que a análise nos ensina, por outro lado, é que o eu é uma forma absolutamente fundamental para a constituição dos objetos. Em particular, é sob a forma do outro especular que ele vê aquele que, por razões que são estruturais, chamamos de seu semelhante. Essa forma do outro tem a mais estreita relação com o seu eu, ela lhe pode ser superposta, e nós a escrevemos a'. (LACAN, 1955-1954, [2010], p. 330)

E completa que é preciso levar a estrutura a sério, de uma forma que o sujeito mesmo não se leva. Para o “sujeito normal” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 92) a certeza é coisa rara e por mais que reconheça um certo número de realidades que coexistem, algumas particularmente ameaçadoras, mas não levam elas totalmente a sério, alimentando-se de uma feliz incerteza. Ao utilizar o termo normal, podemos inferir a partir do texto, que Lacan o faz de forma crítica, como, por exemplo, ao ressaltar que a *Verneinung* também é marcada pela falta e pela negatividade que se faz presente, por exemplo, no recalcque. O conceito de norma tem sido debatido amplamente no meio acadêmico francês através de autores como Georges Canguilhem, que, a partir do pensamento da medicina como uma confluência ou rede de outras disciplinas ao invés de uma disciplina específica deveriam definir de forma quantitativa, o que é normal e o que seria o patológico. Nesse sentido, Campos (2014) oferece a definição de norma;

Canguilhem conclui que se trata aí de um caráter quantitativo e *normativo*, dissimulado por uma pretensão métrica. E, é em relação a uma medida considerada válida e desejável, ou seja, em relação a uma norma, que se pode falar em excesso ou falta. Portanto, definir o normal por meio do que é de mais ou de menos é reconhecer o caráter normativo do estado dito normal. (CAMPOS, 2014, p. 62)

## 2.6

### Schreber e a escrita

Lacan cita Paul Claudel em que “o pior nem sempre é seguro” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 92), a fim de exemplificar essa estratégia neurótica que também envolve uma certa perda de realidade, mas com outras consequências. Para Lacan, situar a questão da loucura simplesmente enquanto certeza de uma realidade não faz jus a prática clínica na qual, segundo ele, “o louco não acredita nela, na realidade de sua alienação” (*Ibidem*), assim como nada é mais fácil do que conseguir a confissão de que nada daquilo que você ouve outras pessoas ouçam também. Assim, segue novamente opondo o sujeito paranoico, na figura de Schreber, ao sujeito normal e diz;

Contrariamente ao sujeito normal para quem a realidade lhe chega de bandeja, ele tem uma certeza, que é a de que aquilo de que se trata – da alucinação à interpretação – lhe concerne. Não é de realidade que se trata com ele, mas de certeza. (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 93)

Essa certeza radical em relação à intenção do que surge enquanto conteúdo, mesmo podendo deslizar de alguma forma. Ou seja, se a experiência demonstra que de alguma forma o perseguidor de antes não se justifica mais, a ameaça não cessa, mas simplesmente muda de figura ou assume uma nova forma. Mas o que permanece enquanto certeza é aquilo ao qual faz referência, o discurso delirante lhe concerne enquanto sujeito mantendo sua dimensão ambivalente que pode ir da benevolência a malevolência e toda sua gama. Eis o que para Lacan caracteriza a forma do fenômeno elementar da paranoia, “a crença delirante” (*Ibidem*).

Na obra de Schreber, o termo *Seelenmord* ou assassinato d’alma mostra como ele permanece enigmático para Schreber, e vai progressivamente oferecendo novas perspectivas para seu significado. Distinguir a alma e tudo a qual ela se liga pode não parecer importante no senso comum, mas para Schreber foi de tamanha importância que foi incluída na solicitação de saída da instituição em que se encontrava internado.

Contextualizando, Schreber já teria sua alta concedida desde o final de 1900 do sanatório de Sonnenstein, local onde se encontrava internado, mas preferiu preparar rigorosamente a sua saída do hospital, isso incluiria não só o término de sua obra, mas a apresentação de um recurso ao Real Tribunal de Primeira Instância

de Dresden, a fim de reverter a sua classificação de doente e consequentemente a sua interdição. “Uma cópia dos manuscritos foi anexada ao processo pelo próprio Schreber” (CARONE, 1984, p. 19), fato que vai contra a avaliação do próprio Schreber, que reconhece que a sua obra é de difícil assimilação pelo discurso científico e psiquiátrico, ao qual também se refere quando cita diretamente os diagnósticos propostos na literatura por Kraepelin dentro do extenso documento.

Schreber recorre de uma primeira sentença desfavorável proferida pelo Tribunal na Corte de Apelação e, em 1902, consegue o levantamento da interdição e a restituição de todos os seus direitos civis. Recebe a alta em dezembro de 1902 e permanece em liberdade até o ano de falecimento de sua mãe e de sua esposa em 1907, quando é internado novamente no sanatório de Dösen, local onde morre sete anos depois aos sessenta e nove anos de idade.

A complexidade do processo de apelação, a extensa preparação, a importância de que sua obra fosse anexada apesar das censuras recebidas demonstram a improbabilidade de que a interdição fosse suspensa. Podemos citar o próprio Schreber, no texto que apresenta à Corte justificando a anexação de suas *Memórias*;

Deus ainda hoje, a todo dia e toda hora, quase diria a todo instante, se revela novamente a mim em seus milagres e em sua língua. Esse é o fundamento da constante serenidade do meu estado de ânimo, que, apesar de todas as adversidades às quais ainda hoje estou exposto, qualquer um pode observar no meu relacionamento com os outros homens[...] isso explica também o valor incomparavelmente elevado que dou à publicação de minhas *Memórias*. (SCHREBER, 1905 [1984], p. 333)

Lacan define uma diferença entre a crença delirante em oposição ao sujeito normal, como no ciúme em que a neurose que “recusa da forma mais natural do mundo à certeza, sejam quais forem as realidades oferecidas” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 94), como o ciumento que persegue a esposa até a porta do quarto em que ela está trancada com outro. Essa experiência contrasta com a da crença delirante no sentido de que ela “se exime de toda referência real” (*Ibidem*, p. 94). Lacan aqui é categórico ao afirmar que a projeção, então, não encontra qualquer explicação na gênese do delírio, mas, que, na paranoia, o que seria do eu ao eu da projeção, estaria sempre referida de um eu ao outro. Em relação a realidade, Lacan continua, a diferença entre a paranoia e a esquizofrenia é a abundância e riqueza das articulações e desenvolvimento da crença delirante.

Marcados por um caráter literário no sentido de “folhas de papel cobertas com escrita” (*Ibidem*, p. 95), o fenômeno elementar e a gama de possibilidades que surgem desde o desencadeamento do delírio de Schreber se dão pela posição particular que o seu delírio coloca como correspondente feminino de Deus. Entre a salvação de uma humanidade ameaçada e o poder divino ao qual tem ligações particulares, Schreber vai da perturbação e sofrimento até a salvação. Essa flexibilidade em relação aos caminhos em que o delírio pode percorrer, a sua abundância e riqueza contrastam com a rigidez da certeza em relação ao sujeito ou da relação particular deste com o Outro da religião, da lei ou da fala.

...que se trata nesses testemunhos delirantes? Não digamos que o louco é alguém que vive sem o reconhecimento do outro. Se Schreber escreve essa obra enorme é justamente para que ninguém ignore a respeito do que ele sofreu, e mesmo para que, nessa circunstância, os especialistas venham verificar em seu corpo a presença dos nervos femininos pelos quais progressivamente ele foi penetrado, a fim de objetivar a ligação singular que foi a sua com a realidade divina. Isso se propõe justamente como um esforço para ser reconhecido... (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 96)

Para Lacan, a obra de Schreber está inserida em uma dimensão que, se pode ser chamada de literária, ele não pode ser considerado como poética por não ser a “criação de um sujeito assumindo uma nova ordem de relação simbólica com o mundo.” (*Ibidem*, p. 96). Por mais que ele mude de alguma maneira o conteúdo do seu delírio e vá se adaptando a realidade que se apresenta, ele é habitado pelo fenômeno delirante, e o sujeito é a sede de todos esses fenômenos que se estendem ao mundo inteiro tomado por esse delírio de significação, eventualmente reduzindo a humanidade à categoria fantasmagórica de “sombras de homens atamancadas às três pancadas” (*Ibidem*, p. 97).

Isso exclui a figura do Dr. Flechsig, ao qual manteve também interesse particular durante suas internações mesmo sobre o cuidado de outros médicos. Flechsig foi, não só o grande salvador de sua saúde em sua primeira internação, sentimento compartilhado pela esposa de Schreber, mas também o algoz nos anos sucessivos tendo influência direta no adoecimento de Schreber, como vimos ao final da seção 2.1.

## 2.7

### A Afirmação e a Negação na neurose

Lacan vai, reiteradamente, advertir sobre o perigo de reduzir os processos neuróticos e psicóticos às defesas, e argumenta que pelo menos deve se atentar a ordem que se manifesta a defesa. Se a defesa for da ordem simbólica, através da palavra plena, “que, no sujeito, faça intervir significante e significado.” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 98). Nesse caso, seria possível o analista intervir mostrando a conjunção dos dois. Porém, se o caso for de algo que o analista consegue ver, mas que não é claro para o sujeito, “a noção de defesa é insuficiente para lhes permitir pôr o sujeito em face da realidade” (*Ibidem*).

No caso do paciente que era possuído pela ideia de ser um plagiário, e carregava a culpa disso, quando o sujeito faz alusão a obra de um colega se sente profundamente culpado, sem que nada do texto original indique que o paciente de fato teria cometido plágio. Após a intervenção de Ernst Kris, o paciente vai ao restaurante e pede seu prato predileto, miolos frescos, a interpretação era de que o paciente fazia isso pois somente as ideias dos outros eram importantes e que ele de alguma forma se apropriava dessas ideias através do ato de comer. Entretanto, para Lacan, o “*acting-out*” (*Ibidem*, p. 99) é um fenômeno homólogo ao de uma alucinação delirante produzida pela interpretação ou simbolização prematura do analista quando abordam algo da ordem da realidade, mas que não está inserido no simbólico.

Para um analista abordar a questão do plágio no registro simbólico deve estar em primeiro lugar centrado na ideia de que o plágio não existe. Não há propriedade simbólica. É justamente a questão – se o símbolo é de todos, por que as coisas da ordem do símbolo tomaram para o sujeito aquele acento, aquele peso? (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 99)

Não se trata aqui, especificamente, da existência ou não do plágio, a interpretação vai na direção de introduzir a não existência do plágio no plano do simbólico e confronta o sujeito com essa realidade. Na impossibilidade de elaborar, o sujeito atua, demonstrando também que a sua atuação tinha como direção a figura do analista. Lacan cita que o paciente do caso tinha passado por outro processo de análise antes e o classifica como um “grande neurótico” (*Ibidem*), classificando como fantasmagórico a sua relação com o plágio em oposição a algo que seria mais

concreto ou “primário” (*Ibidem*). Lacan sugere que, nesse caso, o sujeito vai testemunhar algo que se impõe a ele vindo da realidade, mas de forma tão obstinada que abdica de qualquer fundamento ou existência e “que tudo o que poderão lhe dizer não mudará no fundo nada do problema” (*Ibidem*).

Embora Lacan não faça referência direta ao caso Aimée, é possível inferir aqui que a passagem ao ato seria o correlato na psicose desse processo de simbolização precoce, ou o desencadeamento de uma crise. O caso de ataque à uma famosa atriz, em um teatro de Paris, ficou famoso por conta do delírio persecutório que sofria a autora do crime, Aimée, de trinta e oito anos. Atacou sua vítima ao final da apresentação, mas depois de presa verificou-se um longo histórico em que Aimée oscilava entre o amor e o ódio pela atriz, além de um delírio em que seu filho estaria em risco de vida. Podemos destacar aqui esse aspecto mais fantasmagórico da fantasia, para além do endereçamento ao analista no *acting out*, e em oposição à violência da passagem ao ato, está a certeza de que aquilo que está em jogo no delírio ou na alucinação está endereçado para o sujeito. Esse é o aspecto imaginário tanto do desencadeamento, ou da dissolução imaginária, quanto da estabilização a partir da passagem ao ato, ou da restituição imaginária através do ato.

Classificada por Lacan como um caso de paranoia de autopunição em sua tese de doutorado, no caso Aimée, se atingiria uma certa estabilização através do castigo consequente ao ato.

O que ela ‘realiza’ ainda é que *atingiu a si mesma* e paradoxalmente é apenas então que ela sente o alívio afetivo (choros) e a queda brusca do delírio que caracterizam a satisfação do delírio passional. (LACAN, 1932 [2011], p. 247)

Freud já tinha dito que alguma coisa que foi rejeitada do interior reaparece no exterior, Lacan então sugere que existe uma etapa lógica e não cronológica em que “uma parte da simbolização não se faça... Assim pode acontecer que alguma coisa primordial quanto ao ser do sujeito não entre na simbolização, e seja não recalçado, mas rejeitado.” (*Ibidem*, p. 100)

Lacan afirma que o mecanismo da foraclusão, ou da *Verwerfung* será diferente do recalque e do retorno do recalçado como movimento dialético da neurose, onde o que seria análogo na psicose é o movimento que implica no que não foi simbolizado reaparecer no real. Essa etapa de entrada ou de apreensão do simbólico, Lacan denomina de *Bejahung*, ou a *afirmação*, que pode ocorrer ou não.



A *Bejahung* nunca é totalmente bem-sucedida. No seu interior acontecem todo tipo de acidentes, mas o que compõe o sujeito também é esse resto, e com o resto ele poderá se situar dentro do que ele admitiu que fosse “um homem quando ele se vê sendo do sexo masculino, ou uma mulher em caso inverso” (*Ibidem*, p. 102). Na neurose, essa afirmação de uma certa relação com a castração sustentada pela negação, pela falta e pela alienação vai resultar em uma “*Bejahung* castrada” (NETO, 2006, p. 156), enquanto na psicose; “ao rejeitar a castração, sobraria ao psicótico uma problemática *Bejahung* não castrada, situação frágil para garantir sua existência enquanto sujeito.” (*Ibidem*, p. 157)

As leis que compõe a fala, para Lacan, estão fundadas no complexo de Édipo, com isso não busca situar o Édipo numa questão desenvolvimentista ou das origens da lei. A lei existe desde o início, nada a precede e a sexualidade deve se desenvolver a partir dela, “uma Lei de simbolização. É o que o Édipo quer dizer” (*Ibidem*). Sendo assim, inserido na lei e na linguagem, mas sempre submetido a três dimensões possíveis na neurose; *Verdichtung*, *Verdrängung* e *Verneinung*.

A *Verdichtung*, ou condensação, é um termo utilizado por Freud e definido por Lacan como “a lei do mal-entendido” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 103), ou da posição feminina (*Ibidem*). Esse registro da lei ou do simbólico não é metafórico, pertence a posição de escuta, de receber alguma coisa ao acolher a palavra, comportando assim tudo que de mal-entendido pode conter nessa relação.

A *Verdrängung* representa, para Lacan, o recalque, ou o que se passa quando a representação não tem inserção na cadeia simbólica, algo que não pertence, que não é coerente com a cadeia simbólica. É, de certa forma, o sacrifício necessário ao retornar algo para alguém, não podemos responder a partir de todos os planos possíveis de realidade e o impossível das significações é que quando escolhemos uma, perdemos todas as outras, ou “recalcamos nossos atos, nossos discursos, nosso comportamento” (*Ibidem*). Apesar de inconsciente, o recalcado não cessa de se inscrever e exigir do sujeito através do sintoma a cobrança dessa dívida ou do “sacrifício que é reconhecido como impossível no plano das significações.” (*Ibidem*).

A *Verneinung*, negação característica da neurose, por sua vez, é representada pelo discurso, é o reencontro com o objeto ou o que pode vir à tona quando articulado. A busca pelo objeto que está sempre um passo adiante ou que nunca pode ser inteiramente encontrado. Ao retornar para o caso Schreber, Lacan

vai se perguntar sobre essa realidade que nunca entrou na simbolização ou que falta um significante. No caso do presidente, a “bissexualidade primitiva” (*Ibidem*, p. 105), sem ter integrado a simbolização da posição feminina. E vai adiante, o surgimento do delírio de copular com Deus e carregar o seu filho aparece com estranheza para Schreber e o força a refazer todas as suas coordenadas de mundo. Essa realidade que se impõe é definida como o “fenômeno psicótico” (*Ibidem*), fora da simbolização por ser um significante com uma significação que não remete a nada, mas essencial ao sujeito.

Se a pulsão feminina no caso de Schreber tivesse sido posta em ação em pontos anteriores da simbolização, ela se expressaria através do sintoma, do recalcado e do retorno do recalcado, marcas do compromisso do neurótico com o sintoma. Na psicose, alguma coisa aparece no mundo exterior que não pode ser simbolizado, incapaz de fazer a *Verneinung*. A possibilidade de encontro com o objeto, mas nunca o objeto perdido da primeira interação, “o compromisso simbolizante da neurose” (*Ibidem*, p. 106) é substituído por uma reação no registro imaginário que resulta nos fenômenos delirantes e corporais da psicose, substitui a mediação simbólica pela “proliferação imaginária” (*Ibidem*, p. 107). Ao se referir ao caso do Homem dos Lobos e a *Verneinung* de Freud, Lacan vai, no *Seminário I* (LACAN, 1953-1954 [1975]), definir esse momento de entrada no simbólico como;

Ao nível da experiência inteiramente primitiva, nesse ponto de origem em que a possibilidade do símbolo abre o sujeito para uma certa relação ao mundo, uma correlação, um balanceio que eu lhes peço que compreendam – o que não é reconhecido faz irrupção na consciência sob a forma de visto. (LACAN, 1953-1954 [1975], p.74)

Importante ressaltar que essa entrada primitiva na ordem simbólica se faz através da identificação imaginária, como veremos a seguir, e também se encontra na *Verneinung*, onde “somos levados aí ao nível do imaginário enquanto tal, ao nível da imagem modelo da forma original. Não se trata do reconhecido simbolizado e verbalizado” (*Ibidem*).

Nesse ponto é fundamental ressaltar a ênfase que Lacan dá sobre a relação do corpo na psicose. A impossibilidade de simbolização da posição feminina leva Schreber a uma relação de espelho, ele e Outro se confundem e se misturam, na figura do próprio Deus. Se de um lado está o divino, o celeste e o universal de outro o corpo se encontra despedaçado e dilacerado. Essa dialética que fica tão clara no relato de Schreber, Lacan vai considerar como “subjacente na estrutura normal”

(LACAN, 1955-1956 [1988], p. 107). O *estádio do espelho* comporta como relação imaginária não só a unidade reconhecida do corpo, mas também a sua decomposição, a integração da ordem simbólica acarreta uma demanda, em um movimento dialético de encontro e desencontro com o objeto. Uma impossibilidade de simbolização, interrupção do movimento dialético e, conseqüentemente, a dissolução imaginária, ou o desencadeamento da crise.

O processo de constituição do eu a partir da imagem refletida no espelho, ou, estabelecer através de uma identificação com uma imagem a relação do organismo com a realidade, é uma função essencial para a constituição de unidade corporal na criança. Essa é a “assunção jubilatória” (LACAN, 1949 [1998], p. 97) que marca, que precipita o *eu*, numa matriz ou ordem simbólica de forma primordial. Sobre a forma de muralhas em um estádio, o *eu* vai se constituindo até as suas relações com a borda, com os pântanos que cercam o estádio. Lacan localiza aqui os fenômenos de corpo despedaçado (*Ibidem*), ou de desintegração do indivíduo onde os órgãos podem aparecer em diferentes lugares e assumindo diversas formas assim como os membros, como em pinturas surrealistas. Outra característica importante é a influência da identificação imaginária e da alienação do *eu*, que precisa do outro para se constituir enquanto unidade, no processo de introdução na ordem simbólica, ou na cadeia de significantes.

## 3

**O Imaginário, o Simbólico e o significante primordial****3.1.****Sobre a posição sexuada na neurose e na psicose**

Ao propor pensar as questões em torno do registro imaginário e do fenômeno da dissolução enquanto característica da psicose, Lacan vai se aproximar da teoria do narcisismo de Freud, além de lançar mão de noções que são trabalhadas em seu texto *O estágio do espelho como formador da função do eu* (LACAN, 1949 [1998]). Neste ponto, a ênfase no registro simbólico e imaginário na formação do sujeito orienta uma clínica do significante, características de um período no ensino de Lacan na década de 1950 e início da década de 1960.

Como visto anteriormente, não é sem embaraço que fica a questão da identificação feminina de Schreber. São evidentes as semelhanças quando comparado ao caso Dora, por exemplo, apresentado por Freud em *Fragmento da Análise de um Caso de Histeria* (FREUD, 1905 [1975]), que conta a história de Dora, e a sua relação com o casal ‘K’; a relação está marcada por uma suposta investida amorosa pelo Sr. K à Dora, investida essa que foi negada pelo mesmo e consequentemente desperta o ódio de Dora em relação ao casal, assim como o seu abatimento e ideais suicidas, queixa que a faz ir até Freud.

Não pretendemos aqui ir mais longe na análise do caso Dora, além de apontar que a sua ambivalência em relação a identificação à figura da Sra. K nos levam a crer que também na neurose existe uma escolha em relação a identificação sexual que passa pela função formadora da unidade corporal. É importante ressaltar que tanto no caso Schreber, quanto no caso Dora, a homossexualidade entendida como identificação primitiva, sexual, não corresponde ao que podemos entender como a sexualidade ou identidade de gênero como entendemos, que pode assumir qualquer forma, mas de forma estrutural e primitiva, ao nível da identificação especular como vista anteriormente.

A ambiguidade em relação a escolha do objeto de amor e sua posição na partilha sexual levam Freud a cometer o erro de interpretar Dora como que apaixonada pelo Sr. K e não por sua esposa. Intervenção precipitada que leva ao não retorno de Dora ao divã, mas para Lacan, a sustentação da transferência através dos quatro personagens da história, Dora, sua mãe, a Sra. K e o Sr. K, carece dos distúrbios de linguagem que vão caracterizar o discurso delirante.

Não deixa de ter uma relação com ela, há um pequeno delírio, pode-se até chamá-lo assim. A continuidade dos fenômenos é bem conhecida, sempre se soube definir o paranoico como um homem suscetível, intolerante, desconfiado e em estado de conflito verbalizado com o seu meio. Mas para que estejamos na psicose, é preciso haver distúrbios de linguagem, e é essa, em todo o caso, a convenção que lhes proponho adotar provisoriamente. (LACAN, 1955-1956 [1988], p.113)

Sendo assim, Dora teria experimentado em relação ao pai, a quem atribui ter sido oferecida ao Sr. K para se prostituir como forma de manter relações ambíguas com sua esposa, um fenômeno “interpretativo, até alucinatório, mas que não chega a produzir um delírio.” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 113). O equilíbrio que Dora encontrava em razão desses quatro componentes foi rompido e no cerne disso se encontra o problema do narcisismo. Esse problema será causado pela ambivalência pulsional ou a relação de Eros e da agressividade na formação do eu e que vai marcar toda relação erótica posterior. Processo de formação que só é possível através do reconhecimento de uma alteridade, mas também que essa alteridade só é possível através do reconhecimento de limites do próprio corpo. Relação fundamental e fundadora com o outro, marcada pela ordem simbólica e pela sua instabilidade.

Lacan vai fazer uso do exemplo do carapau<sup>5</sup>, animal que não sabe o que fazer diante de um semelhante do mesmo sexo. O carapau, ao se deparar com um espelho, inicia um comportamento de fazer buracos no chão com a boca abaixada e o rabo para cima. Se essa escavação se apresenta no limite entre a agressividade e Eros é porque a imagem que se coloca em frente ao peixe “não o deixa indiferente” (*Ibidem*, p. 116). Não queremos aqui dizer que existe algo de natural que permanece no homem assim como no carapau, mas que a imagem produz na sua identificação

<sup>5</sup> Carapau em português está referido a várias espécies de peixe de pequeno tamanho da família Carangidae. Lacan também se refere a pássaros reproduzindo esse tipo de comportamento entre agressividade e o comportamento erótico (*Ibidem*, p. 116).

primeira uma unidade de corpo, mas também um desacordo, algo que sobra e que permanece fora do simbólico, sob a forma de recalque ou de foraclusão.

O estágio do espelho de Lacan nos leva a pensar como a criança passa de um ser perverso polimórfico, em que não existe diferenciação entre o seu corpo e os objetos externos e a construção de unidade corporal e inserção na linguagem, momento explorado por Freud através de sua teoria do narcisismo. Em seu texto *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade* (FREUD, 1905b [1975]), Freud vai definir nas etapas de desenvolvimento da criança, um momento anterior à organização das pulsões orais, anais e genitais onde a criança experiencia o corpo de forma que qualquer área possa ser, potencialmente, sexualizada e que a criança estaria constitucionalmente apta a essa desorganização primeira.

Essa unificação corporal nunca se realizará de forma completa, justamente por ser feita através da via alienante, “sob a forma de uma imagem estranha”, especular, em que a agressividade “está absolutamente integrada a toda espécie de funcionamento imaginário no homem.” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 116).

O “Éden ao avesso” (*Ibidem*, p. 117) seria a consequência de um indivíduo ou sociedade completamente capturada pela “assimilidade e dissimilidade” (*Ibidem*) simultânea da identificação imaginária. Lacan imagina, como exemplo, um autômato, uma máquina que reproduz os movimentos de um animal, contendo alguma imprevisibilidade neles, com a diferença de que esses hipotéticos só conseguiriam se mexer quando conectados a outras máquinas similares que se movem perfeitamente, com a única condição de que “um aparelho de recepção fotoelétrica transmita a imagem de uma outra máquina funcionando harmoniosamente” (*Ibidem*). Lacan presume que, possivelmente, copiando uma à outra, elas se aglomerariam. O simbólico entra aqui como exigência de “relação, função e distância” (*Ibidem*) que vão orientar a ambiguidade e “hiância da relação imaginária” (*Ibidem*).

Este seria o sentido do Complexo de Édipo como orientador de uma relação imaginária conflituosa e incestuosa. Para Lacan, a relação mais natural do homem é aquela em que existe o macho, a fêmea e um terceiro bem-sucedido, modelo a se seguir, em forma de lei superposta, de ordem simbólica, definida como o nome do pai. A ordenação simbólica pelo significante paterno dará lugar ao simbólico de uma forma mais ampla na teoria lacaniana, operando uma pluralização dos Nomes-

do-Pai e, posteriormente, retomado não necessariamente como paterno, mas como alcançável pela arte, por exemplo.

### 3.2.

#### Dois tipos de homens

O simbólico como ordem está superposta a qualquer outra lei e ordem escrita, assim como compreende o que seria o animal ou ao aspecto impossível de simbolizar do humano. Entretanto, a ordem simbólica ultrapassa e se perpetua além do vital ou do estritamente orgânico. Sendo assim, partindo do que seria a função do simbólico, Lacan mostrará como no caso Schreber ocorria uma “verdadeira invasão imaginária” (*Ibidem*, p. 119), ou a dissolução do outro enquanto identidade na relação em espelho. A consequência disso é que, para Schreber, existem dois tipos de pessoas, as *sombras de homens atamancados às três pancadas*, e os que, por influência divina, se transformam em algo maior.

Pichon e Damourette<sup>6</sup>, ao analisarem na língua francesa a especificidade da negação, apontam que esta sempre vem acompanhada do jamais após o verbo, “pas, rien, jamais” (MACHADO, 2012, p. 316). Machado (2012) afirma que, embora Lacan omita a coautoria, não fica claro o motivo para isso acontecer ao longo do *Seminário 3*.

No que se refere aos aspectos da gramática de Damourette e Pichon adotados por Lacan, é possível se destacar a teoria da pessoa gramatical e a análise da negação em francês, sendo dessa última que Lacan buscará o conceito de **foraclusão** para traduzir o termo freudiano Verwerfung e especificar o funcionamento do inconsciente na psicose. (MACHADO, 2012, p. 310)

Pichon e Damourette também são citados por Michel Arrivé (2000) como fontes do termo *foraclusão*.

Os personagens que habitam o mundo de Schreber – os guardas, os enfermeiros – aparentemente vivem, mas é nos mortos, nas almas que invadem o corpo de Schreber que estão os personagens mais importantes de sua vida. Essa

<sup>6</sup> Édouard Pichon (1890 – 1940) – Psicanalista e linguista francês que, juntamente com seu tio, Jacques Damourette (1873 – 1943) publicam uma extensa gramática da língua francesa de sete volumes “Des mots à la pensée: essai de grammaire de la langue Française” (Das palavras ao pensamento: ensaio de gramática da língua francesa. )(DAMOURETTE, J; PICHON, E, [1911-1940] 1943).

fragmentação da identidade marca a relação de Schreber com os seus semelhantes no plano imaginário. Assim, fala também de Flechsig como se esse também estivesse morto. Para Lacan, a característica do discurso delirante em relação a identidade imaginária do outro nos mostra como ela carrega sempre a possibilidade de fragmentação. Ou seja, o processo de mortificação que Schreber sente no próprio corpo através das intenções divinas, ele também vê nas figuras que lhe tem influência, e por consequência, por uma série de Doutores Flechsig; “um Flechsig fragmentado, um Flechsig superior, O Flechsig luminoso, e uma parte inferior que chega até a ser fragmentada entre quarenta e sessenta pequenas almas.” ((LACAN, 1955-1956 [1988], p. 119)

Alguns desses fragmentos, chamados de homenzinhos por Schreber, tem valor de “instância” (*Ibidem*, p. 120). Elas habitam o corpo de Schreber e nele tem as influências mais nefastas. Separam o corpo de Schreber em unidades cada vez menores, absorvem e são absorvidas através de uma operação de “pego pelas terras”, que, novamente, só é possível através da língua fundamental de Schreber, terras essas que se remetem não só ao terreno, mas ao astral. É importante destacar que, segundo Lacan, se Schreber estivesse totalmente reduzido a identificações imaginárias ele estaria próximo de desaparecer num preto hiante, ou até se reduzir a nada, mas que ele precisa de uma “rede de natureza simbólica” (*Ibidem*, p. 121).

A palavra *Carça* também aparece em Schreber como mensagem divina, Deus lhe diz que esse seria o único homem que sobrevive ao fim do mundo. Esse termo aparentemente sem significado ganha para Lacan, no termo alemão *luder*, um caráter de feminização que carece à tradução francesa do termo por *charogne*. A injúria ou aniquilação que comporta o termo, assim como a variação no original alemão, carrega em si essa rede simbólica ao qual Schreber traz, assim como o ápice, ou o cume do que seria o aniquilamento na relação imaginária com o outro. Para Lacan, será em torno desse extremo da ameaça de aniquilação na relação com Deus e na eventual transformação em mulher que irá circular todo o delírio de Schreber.

Já que não conhecemos o sujeito Schreber, devemos de qualquer maneira estudá-lo através da fenomenologia de sua linguagem. É pois, em torno do fenômeno da linguagem, dos fenômenos de linguagem mais ou menos alucinados, parasitários, estranhos, intuitivos, persecutórios de que se trata no caso Schreber, que vamos esclarecer uma dimensão nova na fenomenologia das psicoses. (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 123)



Dessa forma, Lacan determina que, entre a degradação da identificação imaginária e a fragilidade do recurso simbólico, especificamente em relação ao nome do pai, seria em parte essa nova dimensão.

Para Lacan, a hipótese de Freud de retirada da libido como mecanismo de defesa situa a psicose, e situa essa regressão narcísica em um plano diferente. O delírio pode ser lido, mas, para Lacan, a hipótese freudiana da psicose compreende também que o “delírio se passa em um registro bem diverso. Ele é legível, mas sem saída” (*Ibidem*, p. 127). O inconsciente a céu aberto do psicótico estaria na leitura de Freud sobre o caso Schreber da seguinte forma: na neurose o que foi recalçado retorna, sob a máscara dos símbolos, como agente e ator *in loco*; nas psicoses, “tudo o que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *Verwerfung*, reaparece no real” (*Ibidem*, p. 22). O que foi recalçado ou que não pode ter acesso a consciência na psicose retorna sobre o imaginário, sem efeito de máscara do significante. Esse retorno seria *in altero*, ou seja, o retorno na psicose vem através da identificação imaginária em relação ao outro. Esse seria o ponto inicial no qual, para Lacan, o problema das psicoses é introduzido, o ponto de partida.

A hipótese da defesa, ou da regressão libidinal trouxe, para Lacan, um “estreitamento da perspectiva, as insuficiências clínicas dessa construção saltam aos olhos” (*Ibidem*, p. 128). Para Lacan, pensar no mecanismo da psicose simplesmente como uma defesa contra as pulsões parece insuficiente, pois reduz ao mesmo mecanismo da neurose, mas sem as mesmas consequências, ou a diferença entre fantasia e alucinação. Nesse ponto, Lacan é categórico ao afirmar que, apesar de ser possível e até prazeroso identificar certos elementos simbólicos da neurose na psicose, não existe uma correspondência direta entre os dois.

Freud jamais definiu a psicose alucinatória no simples modelo da fantasia, como a fome pode ser satisfeita por um sonho de satisfação da fome. Um delírio não corresponde em nada com tal fim. (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 128)

E segue afirmando que, se queremos avançar na compreensão dos fenômenos psicóticos, devemos buscar a articulação desses fenômenos imaginários e simbólicos, sem também reduzir a psicose a uma identificação imaginária fantasmática. A fim de ilustrar essa articulação dos registros, Lacan no faz percorrer a construção delirante de Schreber. No início, Schreber se encontrava em um estado grave de perturbação, sendo privado de quaisquer instrumentos e trancado durante

a noite. Nesse ponto, as influências que sofre em seu corpo lhe causam muito sofrimento e essas perturbações levam a ele a toda uma nova gama de comportamentos que justificam os cuidados em relação a ele. Esse momento chamado de “crepúsculo do mundo” (*Ibidem*, p. 130) é marcado pela presença das almas de seres humanos mortos, seres com o qual Schreber tem ligação particular, e que estão relacionados a todos os fenômenos de intrusões e transformações corporais.

O momento de transformação se situa em fevereiro-março de 1894, ou seja, mais de uma década depois de sua primeira internação em 1884-1885. As almas, mortas, de pessoas com quem tem relações particulares são substituídos pelos *Reinos divinos posteriores*. Nesse movimento de uma “intuição metafórica” (*Ibidem*, p. 130-131), Schreber divide então as influências que passam a possuir uma presença divina, os raios impuros (almas examinadas) e os raios puros.

Os raios impuros agora se colocam no caminho de Schreber e de seu percurso em direção ao divino, existe um espaço entre Schreber e Deus, uma distância que só é encurtada pelos ditos raios puros. Os raios puros aqui são sempre falantes e dominam a tal ponto esse período do desenvolvimento do delírio de Schreber, que ele chama isso de *Grundsprache*, ou língua fundamental, que marcado pelo aspecto de um dialeto alemão mais primitivo é caracterizado por eufemismos e antífrases, “uma punição se chama, por exemplo, uma recompensa e com efeito a punição é, à sua maneira, uma recompensa” (*Ibidem*, p. 131)

Lacan vai então recorrer ao linguista e estruturalista Émile Benveniste (1902-1976), para qual um sistema signifiante precisa necessariamente da existência de duas palavras que designam ao mesmo tempo coisas contrárias, o que não ocorre necessariamente com a significação. Lacan utiliza, para isso, o termo latim *altus*, que designa um poço profundo a partir da noção de fundo do poço ou no alemão *jüngsters gericht*<sup>7</sup>, no qual a referência ao mais jovem contrasta com a velhice ou a posterioridade do juízo final.

Retomando o percurso de Schreber, em 1894 ele é transferido para a casa de saúde do Dr. Pierson em Koswitz de onde, no mesmo ano, é transferido novamente, agora para a instituição psiquiátrica mais antiga da Alemanha, situada em Pirna, as margens do rio Elba. Em Pirna, Schreber continua internado na ala

---

<sup>7</sup> Pode ser traduzido livremente por juízo mais jovem; termo alemão utilizado para se referir ao juízo final ou ao apocalipse cristão.

reservada aos pacientes mais graves, talvez por uma demora na avaliação da equipe do hospital. Entretanto, nesse momento Schreber começa a rascunhar alguns estudos em lápis e papel. Apesar de alguma referência a esses primeiros estudos, eles não aparecem em suas *Memórias*, de alguma forma eles já introduzem o que para Schreber vai se concretizar na importância da escrita de suas memórias e, conseqüentemente, na sua audiência de soltura em 1903, como referida no capítulo anterior.

Lacan situa também o problema imposto pela *alucinação* verbal em Schreber da seguinte forma: o que importaria para o analista se o sujeito escuta através da orelha, ou se é do interior, ou do coração ou do ventre? E nos lembra que todos somos atravessados por pensamentos e visões que nos acossam, e se a questão de ser uma percepção ou uma sensação nos levaria a um beco sem saída fenomenológico. Sendo assim, nos relembra que Kant já advertia sobre o problema da relação entre percepção e realidade. A clareza ao se ouvir algo nem sempre se traduz em um caráter mais decisivo para o sujeito e nos lembra que alucinações de caráter mais endofásico (provindas do interior) podem ser mais assertivas ao sujeito.

Da mesma forma, não interessaria ao psicanalista a reconstituição de uma história ou narrativa que levasse em conta todo o desenvolvimento cronológico do sujeito desde o seu nascimento, mas sim a articulação entre o registro simbólico e a história, ou em outras palavras, como que uma reminiscência pode se organizar ou se reorganizar dentro da continuidade histórica. Fazer do pensamento um simples monólogo interior desconsidera que existe uma continuidade com o diálogo exterior e justamente por isso podemos considerar o inconsciente como sendo sempre discurso do outro. Mas essa continuidade também é marcada por interrupções, resoluções e intervalos e é nessa modulação que vai se situar tanto o sujeito neurótico, quanto o psicótico.

### 3.3.

#### **Da surpresa ao *repisamento***

Lacan faz aqui a observação de que é nesse espaço de monólogo que podemos escutar o psicótico enquanto sujeito do inconsciente, inserido na estrutura

através da linguagem. E continua afirmando que não temos razão para desconsiderar o fenômeno alucinatório com fora da realidade, se o sujeito dá o seu testemunho “como de alguma coisa que faz parte do próprio texto de seu vivido” (*Ibidem*, p. 136).

A evolução ou desenvolvimento do delírio no caso Schreber acompanha a sua própria história, assim como a necessidade de escrita que surge a partir da continuidade da trama que vai se desenrolando. Schreber contextualiza as suas demandas ao solicitar a revisão de sua interdição; ele argumenta juridicamente, assim como recorre à termos psiquiátricos utilizados na época. Da mesma forma, vai adaptando a relação com Flechsig; se ele não participa mais diretamente do seu tratamento, porque não fazer da sua presença algo divino.

Os momentos de crise também mostram a importância da história de vida, crises que antecedem a sua primeira internação, uma crise hipocondríaca logo após o casamento, tentativas frustradas de sua esposa engravidar e, finalmente, a sua grande promoção na profissão. Todos os eventos significativos, que levam Schreber à uma piora mas que vão sendo superados na medida em que novas questões vão se colocando e, posteriormente, vão levar a necessidade de escrever e transmitir as suas *Memórias*.

As vozes que ocupam Schreber são muitas vezes interrompidas, na qual o próprio Schreber as complementa como se já tivesse escutado antes algo parecido. “Falta-nos agora...” (*Ibidem*, p. 137) se transforma em uma convicção de que “Falta-nos agora o pensamento principal” (*Ibidem*). Os *repisamentos* e ritornelos estão sempre presentes nas almas que tratam principalmente de aspectos psicológicos, registros de pensamentos ou padrões que aparecem confusas para Schreber, “É assim, diz ele, mas eu não tinha percebido isso” (*Ibidem*, p. 138).

Estabelecendo os parâmetros aos quais deveríamos avançar, Lacan adverte que a linguagem, seja na forma de monólogo ou diálogo, sempre carece de uma correspondência direta com a realidade. Esperamos que o outro entenda a partir do que sempre sentimos nos referindo a determinados significantes que tem valor ou peso especial somente se inseridos nesse contínuo de interrupções, descontinuidades e até silêncios. Inserimos enxertos de realidade, mas não consideramos que essa realidade não é compartilhada pelo outro que vê na significação algo de suas próprias referências. Se existe algo de uma falta de sentido

ou de não correspondência com a realidade na linguagem, seria devido ao processo de ela passar por uma longa elaboração.

...reduções do real, o que poderíamos chamar de um progresso metafísico. Que as pessoas ajam de certa maneira com certos significantes comporta toda espécie de pressuposições. (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 141)

Pressuposições essas que atravessam a criação de expressões que para todos parecem naturais, como, por exemplo, ‘a palavra me foge’, que pressupõe que a palavra estaria ali em algum lugar a princípio.

### 3.4.

#### O milagre do uivo e a paz do anoitecer

Se reconhecemos que Schreber só pôde iniciar a sua escrita em um período avançado de seu delírio não quer dizer que os períodos iniciais não foram importantes para essa transformação de forma fecunda e decisiva. Entretanto, pouco temos acesso aos registros de como se deu de fato esse início.

Para Lacan, a qualidade da experiência inicial não seria maior em relação ao experimentado posteriormente – pontos diferentes em relação a história do sujeito e desenvolvimento do delírio –, mas fundamental para abandonar a ideia de que a elaboração do vivido através do delírio seria sempre imprópria em relação a uma realidade irreduzível. Para isso, recorre à hipótese de Charles Blondel em *A consciência mórbida*, tese escrita em 1914 para seu doutorado em Letras. Nela, o autor diz que é impossível pensar o patológico através da noção de normalidade e que o funcionamento do delírio carrega algo de original e irreduzível ao exprimir algo que só pode nos enganar se tomamos a nossa própria experiência como norteadora.

E assim, Lacan lança mão de duas possibilidades: ou o delírio não pertence ao domínio do que seria específico da psicanálise, o inconsciente, ou o seu funcionamento estaria submetido a dependência do inconsciente, assim como na fantasia. Podemos inferir aqui que a importância da compreensão ou do entendimento literal como possibilidade de interpretação na clínica decaem em relação a função do analista, não se trata de compreender o delírio através das referências do analista, da mesma forma que uma interpretação da fantasia ou do

sonho também carregam em si o risco de agradarem o analista por reconhecer neles algo de si próprio. Significantes que para o analista tem um valor especial ou específico e que ele toma como algo que pertence ao paciente. Se existe algo que remete a um sentido ou a uma significação é também na impossibilidade e no mal-entendido ou mal-estar que comporta o significante, tanto na sua dimensão de monólogo quanto de diálogo.

Se os significantes são determinados por locuções e agrupamentos de sílabas que, por sua vez, vão remeter a outro significante em potencial, a sobredeterminação, ou seja, a duplicidade do significante representa um conflito antigo e outro atual e desse conflito se resulta o sintoma. O conflito antigo representando o que foi recalcado e agora reside no inconsciente. O delírio nesse ponto estaria de acordo com a segunda opção proposta por Lacan, não teríamos motivos para rejeitar a explicação de Schreber sobre o mundo. Schreber avança, mas sempre pensando retroativamente sobre os fenômenos que lhe acometem no início de seu transtorno, vendo traços nele de coisas que foi entender mais tarde, como a origem de sua perseguição.

Um escrito tão extenso quanto o do presidente Schreber conserva um valor absoluto uma vez que supomos uma solidariedade contínua e profunda dos elementos significantes, do início ao fim do delírio. Numa palavra, a ordenação final do delírio nos permite entender os elementos primários que estavam em jogo – podemos em todos os casos legitimamente procurá-los. É que a análise do delírio nos revela a relação fundamental do sujeito no registro no qual se organizavam e se desenvolvem todas as manifestações do inconsciente. (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 144)

O sujeito, nesse ponto da obra de Lacan, vai necessariamente se organizar através do registro simbólico inserido no conjunto da linguagem e, conseqüentemente, no mundo. O discurso delirante não seria discordante sobre essa perspectiva, mas incômodo e inaplicável, pelo menos quando é escutado de forma a querer se encaixar no referencial de quem está escutando. Lacan faz referência a Charles Péguy, sobre a reação de qualquer interrogatório de se fazer encaixar pequenas cavilhas em “buraquinhos” (*Ibidem*), que seria uma atitude diferente das pessoas que diante da catástrofe mantém a atitude e relação de antes. Se a primeira atitude levaria o analista a encaixar as cavilhas de forma a evitar o desconforto do discurso delirante, não parece possível também manter a mesma atitude diante de uma catástrofe, Lacan diz que,

Como todo discurso, um delírio deve ser julgado em primeiro lugar como um campo de significação que organizou um certo significante, de modo que as primeiras regras de um

bom interrogatório, e de uma boa investigação das psicoses, poderiam ser a de deixar falar o maior tempo possível (*Ibidem*).

Além de ser uma recomendação bem clara e direta em relação a escuta, ela também ressalta e identifica o cerne da questão das psicoses, assim como possibilidade clínica, na relação do significante e do significado na trama simbólica. Se como vimos através do neologismo, alguns significantes ganham uma força, ou peso especial, ele vai ser reproduzido no discurso delirante de forma que compreenda um sentido que vai se desenvolvendo a partir da história na qual o sujeito está inserido. A vivência disso será expressado no registro simbólico, que também é um discurso do Outro, via de acesso ao simbólico. Vale ressaltar que esses fenômenos são interpretados pelo sujeito com alguma perplexidade, principalmente por sentir que é ele enquanto sujeito que está em jogo ali, na aparente intenção divina, no caso de Schreber, que envolve o significante. Sendo assim, retomando o exemplo de Péguy, a compreensão estaria mais a favor dessa relação com os registros do que com a identificação de distinções do delírio ou outras nosografias que serviriam mais como cavilhas.

Lacan recorre ao termo empregado por Schreber, *Unsinn*<sup>8</sup>, como exemplo de algo que teria em si sentidos aparentemente contraditórios, uma negatividade que não implica, necessariamente, em uma ausência ou privação de sentido. Assim como o termo alemão *Aufheben*<sup>9</sup>, que pode ser traduzido tanto como negar, conservar ou elevar. Hegel<sup>10</sup> via nesse termo um movimento dialético de vir-a-ser (devir), de termos indistinguíveis e opostos. A *Aufheben* hegeliana seria um processo de negação de algo para que a transformação em uma categoria superior e mais complexa incorpore aspectos do movimento de transição.

Essa categoria superior seria o resultado da interação da tese e da antítese, e é nesse sentido que Lacan propõe que exista uma relação entre as alucinações verbais e os significantes privilegiados no discurso delirante (os neologismos e os ritornelos que nos oferecem os testemunhos). Essas vozes ou alucinações se expressam cortadas, em frases incompletas e alusivas, elas não se comunicam com

<sup>8</sup> Pode ser traduzido como; disparate, absurdo, tolice, bobagem. No seminário 3 está traduzido como não-senso. Disponível em: <https://www.linguee.com.br/alemao-portugues/traducao/unsinn.html>. Acesso em: 06 de abril de 2022

<sup>9</sup> *Aufheben*. Tradução. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Aufheben>. Acesso em: 08 de abril de 2022

<sup>10</sup> Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770 – 1831).

clareza, tirando a certeza da intenção em lhe comunicar algo qualitativamente diferente.

Em oposição a esse fato, Lacan nos lembra que na dita normalidade, nada mais usual que não levar a sério o discurso interior, ou tentar suprimi-lo como algo menor ou sem importância. Recomenda, então, além de uma boa atitude perante o paciente – que não deve ser tomado como desprovido de razão –, devemos levar a sério o que ele tem a nos contar. Novamente, isso não deveria significar tentar compreender o discurso delirante através das próprias referências e fantasias, assim como acreditar literalmente em tudo que ele nos traz, o que seria análogo à um delírio compartilhado.

A alteridade em Schreber pode ser resumida em uma unicidade que representaria a figura de Deus e a pluralidade das figuras inferiores que se expressam das mais diversas formas. Como prova da seriedade de Schreber em seu testemunho sobre sua relação com Deus, Lacan afirma que Schreber é herdeiro do Iluminismo europeu, sua família nunca discutia religião e suas leituras na juventude não concerniam tópicos essencialmente religiosos. A certeza de se tratar de Deus, essa força unitária, para Schreber, é que garante a sua experiência, não se trata da sua experiência fornecer alguma garantia de se tratar de Deus, o que corrobora com a necessidade de transmitir, através da escrita, suas experiências. Assim como a importância desse ato para a humanidade em geral, a ser postumamente reconhecido. Schreber questiona a alta força de convencimento, que Kraepelin define como característica da paranoia e afirma que é capaz de levar em consideração o senso comum e como o seu discurso é recebido pelo seu meio, assim como consegue distinguir entre as vozes e os diálogos que têm no seu cotidiano.

Lacan mostra como no delírio de Schreber se encontra ausente a função de providência, ou seja, a noção de que se formos corretos seremos recompensados fortuitamente pelo destino, ou por alguma força divina que regula o universo. Esse pensamento estaria ausente nos escritos de Schreber, e assim como na utilização dialética do termo *Aufheben*, o delírio de Schreber é marcado por um Deus que mesmo ausente em um primeiro momento, ainda produz algum tipo de presença, criada a partir de um momento transitório. Ou seja, a forma final do delírio de Schreber pode ser inserida nessa potência representada pelo devir hegeliano contido no termo *Aufheben*.



Pela ausência da função da providência que Lacan afirma não ser inserida no registro do superego, presumindo que a dinâmica de recompensa está inserida no pensamento inconsciente. É no Deus que a todo momento fala, mas que não fala nada ao mesmo tempo, que será apresentado o desenvolvimento do delírio de Schreber, desde o início marcado pelo risco de perder a sua virilidade, e a iminência de violação, até a assunção da figura de Schreber como salvadora da humanidade em um delírio megalomaníaco. Persiste, assim, uma ambiguidade em relação a figura de Deus em relação a sua presença ou risco de abandonar Schreber, ou entre o diálogo e a relação erótica. De fato, não era só a presença divina que lhe era ameaçadora, mas também a possível perda de contato, a interrupção na presença divina ou na comunicação com Schreber, levam a eclosão dos fenômenos de dilaceramento interno.

Deus, para Schreber, não conhece nada dos assuntos que interessam aos homens, a não ser pela comunicação com os seres inferiores que tem contato com o mundo cotidiano. Para Deus, as motivações ou objeções do próprio Schreber em relação ao seu destino lhe são indiferentes. A lei de oposição simbólica coloca que a existência de dois significantes opostos, como mais e menos, não se explicam necessariamente por um correspondente real, mas funciona como uma lei a priori, precede a experiência ao dar o sentido dos dois termos a partir da oposição deles.

Nesse plano, podemos dizer que, pelo menos no nível gnosiológico<sup>11</sup> da apreensão do termo, o simbólico dá aqui uma lei a priori, e introduz um modo de operação que escapa a tudo o que poderíamos fazer surgir de uma dedução dos fatos no real. (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 155)

Lacan irá, a partir deste ponto, contrapor o pensamento psicanalítico ao “fato psiquiátrico primeiro” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 156), que seria o de tratar a psicose a partir de uma noção de normalidade, ou de “que devemos nos apoiar na parte sã do eu” (*Ibidem*, p. 156), e que essa tentativa de compreensão se esbarra em como o delírio pode se tornar articulado e coerente. A psicanálise legitima esse discurso, não como representação da realidade, mas como representação do inconsciente,

---

<sup>11</sup> Gnoseologia – Estudo do conhecimento humano, formado pela junção de “gnosis” e “logos”, respectivamente, conhecimento e doutrina ou teoria. Reflexão sobre o sujeito e o objeto se difere da epistemologia por não estar referida ao pensamento científico. Disponível em: <https://www.significados.com.br/gnoseologia/>. Acesso em: 12 de abril de 2022

Porque ela o legitima no mesmo plano em que a experiência analítica opera habitualmente, e que ela torna a achar no seu discurso o que comumente descobre como discurso do inconsciente. (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 156)

Entretanto, a tarefa do analista não se encontra facilitada por esse acesso ao inconsciente, a *Verneinung* vai operar aqui de forma “irredutível, não manejável, não curável” (*Ibidem*, p. 156). Enquanto o neurótico traz um discurso que encobre a existência do inconsciente (testemunho fechado), o psicótico também dá um testemunho (aberto) do seu inconsciente, mas “sem condição de restaurar autenticamente o sentido que ele testemunha, e de partilhá-lo no discurso dos outros” (*Ibidem*, p. 157). Lacan aponta um pacto social baseado na fraternidade de servidão generalizada, que também reproduz um discurso de “liberação, que subsiste de algum modo sob a forma de recalcado” (*Ibidem*). Liberação que não deve ser confundida com o que Lacan classifica como um discurso de liberdade com objetivos de autonomia individual, ou a um princípio moderno de revolução que é “não só ineficaz, mas também profundamente alienado em relação ao seu fim e ao seu objeto” (*Ibidem*)

Retomando a prevalência no inconsciente da dialética do senhor e do escravo, tanto na sua condição de oprimido e de possibilidade de liberação, quanto na posição do senhor que depende do serviço do escravo e que teme ser destituído da posição de poder, essa relação seria estrutural no sujeito moderno da mesma forma que, para Lacan, a imagem de Deus como senhor e sua presença no pensamento moderno, igualmente prevalente. Vinculada a imagem da liberdade individual, a ideia de Deus aqui aparece como impossível de ser compartilhada. Para cada neurótico também existiria um Deus específico, que organiza a noção de liberação enquanto discurso permanente. Para que daí ocorra o pacto entorno de uma resignação em relação a realidade ocorre, sem excluir a prevalência desse monólogo, mas reconhecendo que essa realidade interna tem que coexistir com a existência no mundo exterior.

Lacan chama de “vã ruminação mental” (*Ibidem*, p. 159) o hábito de estimarmos mais alguns pensamentos, e que a resignação é parte fundamental da construção da cultura ou da noção de fraternidade. A ideia de liberdade ou de algum desejo que escape ao aceito socialmente pela época, é o eixo no qual gira a problemática da individualidade moderna. Diante desse impasse entre a resignação

e a liberdade, a experiência analítica, para Lacan, se propõe a recolher alguns desses efeitos no sujeito do discurso e da realidade,

Não é patente que a experiência analítica penetrou no fato de que, afinal de contas, ninguém, no estado atual das relações inter-humanas em nossa cultura, se sente à vontade. (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 159)

Se o pacto cultural fica entre a segurança e o mal-estar de viver em sociedade, será na escolha de cada um em relação a esses pensamentos ruminantes, aos significantes que ganham peso especial, que se estrutura tanto a neurose, quanto a psicose. A psicanálise, assim, se distancia do discurso da liberdade, ao mesmo tempo que nega também o moralismo de saber de antemão o que o significante deveria representar para cada pessoa, por exemplo, trabalho, casamento, família etc. O significado referido a um objeto não precede a significação em cada contexto particular, assim como no sofrimento e no sintoma que o discurso no interior do sujeito vai produzir. Segundo o relato do próprio Schreber, os médicos dizem que é paranoico por relacionar tudo a ele, mas ele rebate dizendo que é Deus que relaciona tudo a ele, apesar de sua vontade.

Se devemos abandonar a noção de compreender o delírio a partir das nossas referências pessoais ou as nossas escolhas inconscientes de quais significantes tem um valor específico em detrimento a outros, a alucinação verbal enquanto um fenômeno de percepção também deve ser questionado. A ideia de que o fenômeno ocorre como real, vindo de fora do sujeito, e que o sujeito o recebe de forma passiva deve ser questionado também a partir do ponto de que a percepção do sujeito em relação a realidade será sempre marcada pela diferença entre se ouvir falando e ouvir um outro, ou, “o que vocês compreendem num discurso é outra coisa que o que está registrado acusticamente” (*Ibidem*, p. 162). Se em um diálogo existe a impossibilidade de transmissão e compreensão completa e irrestrita, como característica do significante e da estrutura inconsciente, então a questão da alucinação já não poderia ser simplificada em uma questão de percepção auditiva.

A antecipação da significação é o termo que Lacan utiliza para ilustrar como uma frase e o significado imposto a ela pelo sujeito ocorre de forma ativa no ouvinte, onde há um vínculo permanente entre o emissor e o receptor. Enquanto algo do significado cai entre o emissor e o receptor, o emissor de antemão sabe que esses significantes são insuficientes para expressar exatamente o que pensa, mas tenta, a partir do peso que dá para eles, chegar o mais próximo possível. Isso ocorre

no nível do significante que acarreta uma significação e não no nível sensorial do fenômeno de ouvir e falar.

Lacan se utiliza da expressão “a paz do anoitecer” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 163) para falar menos da descrição de uma realidade objetiva e mais sobre a oposição dos significantes noite e dia, e como eles podem engendrar desde o pânico ao apaziguamento. Quanto maior a presença do sujeito na relação com aquele significante, maior a angústia, enquanto mais alheio, maior a tendência de ser “pacificante” (*Ibidem*, p. 164). Essa ausência de significação que traria “a paz do anoitecer” (*Ibidem*) se daria para além da experiência sensorial, mas como “significante no real”, esse fenômeno seria o limite do discurso e a beira do campo entre a experiência e o simbólico se revela como uma franja.

A hipótese de Lacan seria de que no centro das manifestações de Schreber se encontra esse limite entre a percepção ou compreensão dos fenômenos mediada pelos significantes de franja, ou pelo menos na ambivalência em torno, por exemplo, da presença maciça de Deus que contrasta com o risco de suspensão, como vimos anteriormente. Essas ambivalências são sentidas por Schreber e no limite do discurso surge “o milagre do uivo” (*Ibidem*, p. 156), termo que Lacan utiliza para expor o que seria um grito ao mesmo tempo a-significante e mais carregado de significação, representado pelo arrepio causado pelo cão que uiva diante da lua. O uivo seria então representativo, como um fenômeno de franja, da estrutura psicótica de Schreber, em oposição ao sentimento mais vago e comum da ‘paz do anoitecer’ que Lacan utiliza de forma a demonstrar como que a relação ‘normal’ com o significante também é marcada pelo encontro com o sentimento de angústia e com a impossibilidade de significação.

A necessidade de produzir esse grito vinha a Schreber com brutalidade ao qual ele tentava controlar em público, ocasionalmente, sem sucesso. Entre barulhos e sons de animais, ou dos raios e das almas que regem a criação da teoria divina de Schreber, vão se apresentar esses a-significantes que carregam todo tipo de significação, de fato erotizados entre a relação “feminino-masculino” (*Ibidem*, p. 167). Lacan vê na estabilização do delírio de Schreber o papel de *Unsinnig*, ou do não-senso e do absurdo como negatividade, que se presentifica através das significações erotizadas.

O efeito de franja seria justamente o que permanece em um certo campo enigmático, que acompanha o diálogo de Schreber com Deus através da língua

fundamental. O uivo, os raios divinos, os fios e as palavras interiores, se referem ao real, ao imprevisível e ao limite do discurso e só podemos ver a alucinação como particular do sujeito, entre a realidade e a irrealidade, de uma novidade que liga o sujeito ao mundo exterior como algo por vir. A fixação de um significante através da erotização, a dimensão real do discurso que contrasta com a percepção, insere-se no delírio sob a forma de um significante inconsciente e que repousa na forclusão ou, na diferença entre *Verwerfung* e *Verneinung*.

Se pudermos abordar como o registro do imaginário e do real podem se exprimir no discurso delirante, assim como no neurótico, como no discurso de liberdade, eles servem também para mostrar como que o *eu*, que surge a partir da relação especular, e o sujeito do inconsciente apresentarão seus fenômenos específicos de estrutura através do discurso. O discurso aqui, embora ainda não apresente a categorização que vai alcançar futuramente, já aparece como algo que se localiza entre o sujeito e o outro, impossível de se pensar o mesmo sem que a mensagem parta de uma alteridade e retorne ao sujeito. O discurso então é produto, mas também agente produtor do sujeito do inconsciente, compreendendo aqui os três registros implicados na fala.

O eu aqui tomado pela via do imaginário, da identificação com o outro, com o objeto e com as representações comporta também através do discurso um correlato que “não tem nada a ver com a realidade” (*Ibidem*, p. 172) sobre a forma de *eu* ideal. Essa outra metade do eu, sentida muitas vezes como inacessível para o sujeito que vai fazer parte da inserção do mesmo em uma relação dialética característica do senhor e do escravo, consigo e com a alteridade radical do Outro. Ou seja, será no acesso a alteridade, a cultura e ao coletivo que surgirão os significantes que vão se impor ao sujeito no discurso delirante. É no outro que é possível localizar o eu, mas isso é insuficiente para explicar todo o fenômeno psicótico que precisa recorrer a algo mais na simbolização. A alienação em relação ao Outro da imagem especular da forma ao delírio, mas a dinâmica que comporta esse movimento da mensagem e de acesso ao Outro simbólico é que levará Lacan a propor a rejeição de um significante.

### 3.5.

#### A função simbólica da procriação

Para exemplificar como os fenômenos na psicose não se resumem ao registro imaginário, Lacan afirma que o processo que ocorre quando o ego exclui uma parte da realidade e recria outro de forma exterior no delírio é diferente da projeção de uma criança que ao ver seu colega levar um tapa exclama, “ele me bateu” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 173). Os fenômenos corporais de estranhamento, de exterioridade, de mortificação do corpo também mostram esse limite do imaginário. Tão presentes em casos de esquizofrenia, entretanto menos comuns na paranoia, mostram que a teoria defesa libidinal através do reinvestimento no corpo está presente, mas não explica a dinâmica ou “economia” (*Ibidem*, p. 170) do fenômeno fundamental que é o delírio. “Sob um certo aspecto, isso abrange um certo número de fenômenos, mas não esgota o problema.” (*Ibidem*, p. 173).

Essa premissa rompe com a noção de que a situação analítica seria a dois, e sustenta a existência de um terceiro, mesmo que inominável. Lacan se refere a Melanie Klein<sup>12</sup> para contrapor uma posição dual, ou um ego já estabelecido nos primeiros momentos de vida para mostrar que é na alteridade, que não se encontra na relação dual, que vai se localizar a questão. A realidade a qual Lacan se refere, ou a noção de real é que “a realidade é marcada de saída pela aniquilação simbólica” (*Ibidem*, p. 176).

Novamente, a relação de cada um com os momentos do dia é ressaltada por Lacan, a diferença que os seres humanos têm com o dia e a noite em relação aos animais que estão imersos e vivem nessa alternância. Enquanto códigos e significantes, esses momentos fogem da experiência, “o dia empírico e concreto não vem ali senão como correlativo imaginário, na origem, muito cedo” (*Ibidem*, p. 177). A inserção no simbólico abrangendo esses códigos e significantes vem para a criança antes da linguagem propriamente. Essa situação seria a aparição de um significante primordial – a passagem de dia em oposição à noite – para a “alternância fundamental do vocal” (*Ibidem*, p. 177), que faz com que a noite só

---

<sup>12</sup> Melanie Klein (1882-1960) – psicanalista austríaca.

possa ser definida pela sua ausência e não necessariamente pela existência do dia. Esse é o fenômeno inicial para Lacan da *Verwerfung*.

De que se trata quando falo de *Verwerfung*? Trata-se da rejeição de um significante primordial em trevas exteriores, significante que faltará desde então nesse nível. Eis o mecanismo que suponho na base da paranoia. Trata-se de um processo primordial de exclusão de um dentro primitivo, que não é o dentro do corpo, mas aquele de um primeiro corpo de significante. (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 178)

Esse momento é a diferenciação do corpo e do objeto; a assunção de um corpo imaginário e simbólico, de encontro com um primeiro objeto que nunca mais será encontrado, e de saída do autoerotismo, como vimos anteriormente na fase perversa polimórfica, que Freud sugere como primitiva no desenvolvimento infantil.

Lacan se refere a um corpo que reforça o fato de não ser o correlato do corpo físico, mas sim um corpo ligado já ao significante. Nesse caso, a vivência e experiência de corpo também não estariam ligadas, necessariamente, a experiência, assim como o dia e a noite que estavam referidas anteriormente. Esta é a marca de Freud em relação a memória que pode ser guardada e registrada de diversas formas, assim como o esquecimento produzido. A memória e a consciência se excluem nesse processo e toda reprodução será exatamente isso, uma reprodução, parcial e investida. Contrária a memória do polvo que, distribuída em sua pele, está em constante interação com o ambiente, a memória humana permanece “inacessível à experiência” (*Ibidem*, p. 180). Essa rejeição terá um caráter de defesa patológica na perspectiva de Lacan, pois vai produzir “ressonâncias injustificáveis” (*Ibidem*, p. 183) em relação a neurose, que através do significante, da entrada em um certo jogo em que o discurso carrega algo de incompreensível, que o neurótico estará inserido.

O camarada, em vez de se servir das palavras, se serve de tudo o que está à sua disposição, ele esvazia os bolsos, endireita as calças, coloca aí as suas funções, as suas inibições, entra direitinho no jogo, ele mesmo se passa para trás com isso, com significante, é ele que se torna o significante. Seu real, ou seu imaginário, entra no discurso. Se isso não são as neuroses, se não é isso que Freud ensinou, eu desisto. (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 184)

Posto em outras palavras, o problema fundamental da *Verneinung*, além da conotação de presença e ausência do símbolo, é de que a negação mostra mais uma dinâmica inconsciente do que um simples recurso de linguagem. Lacan recorre

então à *Carta 52* (FREUD, 1896 [1996]) de Freud a Fliess<sup>13</sup>, onde diz que “a Verneinung primordial comporta uma primeira sinalização” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 184). Freud, na *Carta 52*, refere-se ao aparelho psíquico e como as representações vão se formar no consciente e no inconsciente, a partir do mecanismo do recalque. Segundo esse pensamento, Freud sempre parte da suposição de que existe uma organização anterior e parcial da linguagem, um significante que só pode surgir a partir da sua inserção na história do sujeito. O desejo sexual é efeito da historicização, e da introdução da lei.

A *Verwerfung*, nesse sentido, também opera em uma certa relação específica à realidade e ao simbólico, seja na negação/recalque ou na forclusão do significante primordial. A aproximação e diferença das estruturas em relação a uma perda leva Lacan a pensar em uma clínica das psicoses que se oriente também a partir dos riscos das psicoterapias baseadas em uma relação simétrica, que se assemelharia a especular, assim como o lugar de resposta do analista enquanto Outro.

Faremos aqui uma breve menção ao Outro do Outro, ao Nome-do-pai, que ganha, no *Seminário 5* (LACAN, 1957-1958 [1999]), ao se referir às alucinações auditivas de Schreber, assim como a língua fundamental;

... no nível que chamo aquele do Nome-do-Pai, que encarna, especifica, particulariza o que acabo de lhes explicar, isto é, representa no Outro o Outro como aquele que dá alcance à lei. (*Ibidem*, p. 160)

Apesar de não ter sido citada diretamente, é notável a importância da função paterna como ordenadora do simbólico. Nesse sentido, o Outro aqui não só como tesouro dos significantes, mas como “verdadeiros sujeitos” (KAUFMANN, 1996, p. 386) inalcançáveis pela linguagem e em conflito com a identificação imaginária. Logo, é a própria condição de sujeito que dependerá do que se passa no Outro, tanto na neurose quanto na psicose. Dependerá da relação entre sujeito, eu, o outro, em sua semelhança com o eu, marcado pela relação imaginária, e o Outro enquanto simbólico.

Esse Outro, na neurose, será responsável por devolver ao sujeito a mensagem de forma invertida, desdobramento da negação enquanto estrutura. As

---

<sup>13</sup> Wilhelm Fliess (1858-1928) – Médico alemão, protagonista importante da pré-história da psicanálise.



relações de Schreber com Deus estariam então capturadas nesse sistema que liga o eu a esse outro imaginário, com todas as suas características particulares. Ou seja, a forma em que esses significantes foram se historicizando no delírio de Schreber, no que Lacan define como sendo a “exclusão do Outro” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 190).

Para além do fato do delírio mudar e ir assumindo formas mais elaboradas, eles também acabam por se tornar, em sua repetição, esvaziados de sentido; “repisamentos, ritornelos sem objeto” (*Ibidem*, p. 191). A reconstituição dessa exclusão também se dará no imaginário. Através desse discurso esvaziado de sentido e parasitário do delírio, a forma como o delírio vai sendo transformado, em direção a uma maior organização, vai perdendo a novidade e o potencial de ameaça que vai assumindo cada vez mais uma forma de salvação ou martírio para Schreber. Esse mesmo imaginário que está marcado pela fase pré-verbal, momento que segundo Lacan é privilegiado na formação do eu. O pré-verbal também como pré-consciente, não estruturado como linguagem, mas inscrito nela, “refundido nela” (*Ibidem*, p. 194).

O pré-consciente aqui é fundador, mas não é o campo privilegiado onde atuaria a psicanálise, sendo a prevalência dessa perspectiva um grave erro cometido pela “psicologia do ego na nova escola americana” (*Ibidem*, p. 195). Esse espaço em que a criança ainda não está inserida propriamente na linguagem, mas inscrita nela, anterior a inserção da lei e do simbólico, essa fase descrita no estágio do espelho. Para que a linguagem exista é necessária a duplicidade do significante e do significado, além de que o significante não remeta a um objeto, mas a outro significante, um outro sinal, um par ou uma oposição, assim como foi apresentado o dia e a noite anteriormente.

Se estamos nos referindo a um momento posterior de inserção na lei e na ordem simbólica, essa se deve também ao desenvolvimento da pulsão genital ou de uma localização diante da separação dos sexos. Lacan apresenta, então, um caso de Joseph Eissler, de um condutor de bonde em Budapeste que, após ser arrastado pelo bonde durante o trabalho e ter machucado parte do corpo na queda, começa a apresentar fortes dores no lado esquerdo do corpo. Essas dores, entretanto, persistiam e novos exames não conseguiam identificar uma causa para elas. Eissler insiste em interpretar o caso como uma resposta de caráter anal do sujeito, uma forma de sublimação de tendências homossexuais que ele tinha com os

companheiros aos quais nutria boa relação nos meios sociais. A interpretação deixa o sujeito indiferente e Lacan acredita que Eissler ignorou que o desencadeamento das crises históricas se dá após os exames e não após o acidente e que seriam fantasias de gravidez, ao invés de desejos homossexuais reprimidos. Essa fantasia levaria ao questionamento em relação ao Outro de “Será que sou ou não capaz de procriar?” (*Ibidem*, p. 200), uma posição de integração à sexualidade através do simbólico assim como pela alteridade, e será, necessariamente, através do simbólico que essa sexualidade vai se realizar.

A crise se desencadeia, no caso do condutor de bonde, quando ele é convocado pelos exames feitos após o acidente a se localizar nessa dimensão simbólica da sexualidade. Um dos significantes fundamentais para Lacan é a questão de “quem sou eu? ou sou eu” (*Ibidem*, p. 200), privilegiadamente simbólica, parte de um mal-entendido fundamental sobre a necessidade de resposta do Outro sobre esse sujeito, e se engendram em duas outras questões. A primeira, a de que o discurso tem um “caráter feminizado” (*Ibidem*, p. 200), Lacan utiliza do exemplo de um médico que, ao relatar um atendimento a sua mulher diz que teria entendido melhor a queixa do paciente se ele fosse do gênero feminino. Essa colocação implicaria que a própria organização do discurso e como ele se apresenta carregam essa diferença de gênero. A segunda questão que se impõe ao sujeito então na partilha dos sexos não seria somente a presença ou ausência do falo, mas a capacidade de gerar uma nova vida.

Retomando o caso do condutor de bonde, a leitura de Lacan é de que ele simula o seu nascimento ao cair do bonde e sua fixação com ovos e germinação de plantas, posteriormente, demonstra a problemática que gira em torno da localização em relação a fantasia da gravidez. A gravidez retoma aqui enquanto significante a função viril do pai,

O caráter problemático de sua identificação simbólica... Tudo o que é dito, tudo o que é manifestado, só ganha seu sentido em função da resposta a ser formulada sobre esta relação fundamental simbólica – *Sou eu um homem ou sou uma mulher?* (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 201)

A respeito disso, Dora<sup>14</sup>, como vimos anteriormente, pode se localizar dentro da questão dos gêneros, muito mais enquanto o que é ser mulher e na sua

<sup>14</sup> Caso clínico publicado por Freud em 1905. (Freud, S. Estudos sobre a histeria. Em Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996)

identificação com a Sra. K, do que meramente numa questão de apaixonamento. A questão acerca sobre o que é ser mulher está presente nos sonhos que Dora relata a Freud e aparece como importante tanto para mulheres, quanto homens. Na histeria, a identificação imaginária com o pai orienta essa inserção nos sexos enquanto nas psicoses essa identificação falharia. Mas aqui, Lacan é categórico em reafirmar uma assimetria em relação a travessia do Complexo de Édipo para as mulheres que “lhe destina um desvio suplementar”. Em outras palavras, a identificação com o significante paterno também precisa se estabelecer através da diferença na castração feminina, além de permanecer a questão do que é ser mulher, passível claro ao homem, assim como no caso de Schreber ou do condutor de bonde.

O simbolismo ao qual Lacan se refere quando fala de um significante primordial relacionado a localização na partilha dos gêneros é na dimensão simbólica da linguagem, e não um simbolismo natural. A frase “ler na borra de café não é ler nos hieróglifos” (*Ibidem* p. 203) se refere justamente a esse aspecto da função do analista ou da importância da diferença entre simbólico e imaginário. Novamente, aqui Lacan faz referência aos riscos de tomar a psicanálise como uma função “de ego a ego” (*Ibidem*, p. 204), feita pelos círculos novaiorquinos da psicanálise contemporânea e influenciada pela psicanálise inglesa.

Ao se referir a essa forma de praticar a psicanálise Lacan explica:

Se o que chamam reforço do eu existe, isso só pode ser a acentuação da relação fantasmática sempre correlativa do eu, e mais especialmente no neurótico de estrutura típica. No que lhe concerne, o reforço do eu vai no sentido exatamente oposto ao da dissolução, não somente dos sintomas, que estão propriamente falando em sua significância, mas podem, dada a oportunidade, ser mobilizados, mas da própria estrutura. (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 204)

A relação fantasmática do eu aparece aqui como o cerne do descobrimento freudiano em relação a neurose a partir da segunda tópica. O ideal do eu freudiano funciona de forma fantasmagórica em relação ao objeto. A ilusão narcísica de encontro com um objeto, ao mesmo tempo interior e exterior ao eu, e a partir dessa relação que vai se constituir a realidade do sujeito. Realidade esta que, na neurose, utiliza do eu como ferramenta para justamente impor uma questão, numa posição de simetria, onde está situado o sujeito, “O que é ser uma mulher?” (*Ibidem*, p. 205). A assimetria na castração ou Édipo masculino e feminino marcada por Freud na diferença anatômica é levada por Lacan na dimensão simbólica, “Não há,

propriamente, diremos nós, simbolização do sexo da mulher enquanto tal.” (*Ibidem*, p. 206).

Isso não significaria que o gênero feminino não pode ser simbolizado das mais diversas formas, mas que enquanto significante primordial, o significante fálico será o organizador da estrutura em relação ao Outro. O condutor de bonde é levado a se questionar em relação a seu lugar estrutural, a partir do momento em que o simbolismo de sua queda e os exames feitos em seguida precipitam ou implicam o sujeito na questão de quem ele é e se ele poderia ser uma mulher se fosse capaz de engravidar.

É a prevalência da *Gestalt* fálica que, na realização do complexo edípico, força a mulher a tomar emprestado um desvio através da identificação com o pai, e, portanto, a seguir durante um tempo os mesmos caminhos que o menino. O acesso da mulher ao complexo de Édipo, sua identificação imaginária, se faz passando pelo pai, exatamente como no menino, em virtude da prevalência da forma imaginária do falo, mas na medida em que esta é ela própria tomada como o elemento simbólico central do Édipo. (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 206)

Para Lacan, então, a assimetria dos sexos não pode ser vista do ponto de vista da diferença biológica, mas sobre a assimetria em relação aos significantes e a inserção simbólica deles no mundo. Se a identificação com o pai ocorre em ambos os sexos, e marca uma simetria na travessia da castração, o Édipo atesta a “predominância do significante nas vias de acesso da realização subjetiva” (*Ibidem* p. 207). O simbólico no feminino falta, falha na identificação essencial da realização da sexualidade do sujeito, uma dissimetria no significante que caracteriza a ausência intrínseca ao simbólico, assim o seu oposto a presença fálica. Presença esta que não significa que seja visível ou referida ao orgânico, mas como efeito e causa, que organiza essa subjetivação do sujeito e a sua relação com a realidade.

Lacan evoca aqui um paradoxo resultante do entrelaçamento do imaginário e do simbólico, se é no simbólico que toda a sexualidade vai se realizar, arrancada da dimensão imaginária, é a partir da competição imaginária pelo objeto com o outro especular que irá erotizar o significante, isolando o objeto desejado pelo outro. É nesse cruzamento entre o registro imaginário e simbólico que Lacan vê a “função essencial desempenhada pelo eu na estruturação da neurose” (*Ibidem*, p. 208). A indagação sobre o que é ser mulher e a identificação com o pai na histeria caracterizam essa travessia edípica, tanto para a mulher histérica, quanto para o homem, sendo que, em ambas, a questão da procriação será posta como problemática ou incompatível no nível da experiência. Assim como no ritual da

*couvade*, presente em povos originários da América do Sul, onde o homem participa ritualisticamente do parto e do resguardo pós-parto como forma de simbolização da participação masculina na procriação. Essas questões acerca da histeria são importantes na medida em que se distinguem do mecanismo psicótico, entretanto, apresentam algumas das mesmas questões como a procriação feminina em Schreber.

### 3.6.

#### O desencadeamento

A estrutura entra aqui como essa diferença. Para isso, Lacan vai definir estrutura não como a totalidade, mas como um “conjunto covariante” (*Ibidem*, p. 214), ou seja, definido pelas suas relações variáveis e alternadas, suplementar e não complementar. Essas dimensões do significante podem ser definidas como abertas ou fechadas e capturada pela similaridade da imagem, ou referidas a uma alteridade radical. O significante, como a marca que distingue o homem de uma suposta natureza primitiva, mesmo com a pretensão das ciências naturais ou da física de descrição de fenômenos, não serve ao sujeito na medida em que sempre algo lhe escapa. Mesmo estando ali, quando olhamos, não encontramos nada. Motivo pelo qual, segundo Lacan, “extrair uma lei natural é extrair uma fórmula insignificante” (*Ibidem*, p. 216), quanto mais abrangente e menos significativa ela for, mais contente ficamos com a sua explicação.

Lacan cita o caso das fórmulas einsteinianas, que ganham fama e adesão por sua simplicidade e suposta universalidade. Se o significante tem valor especial para alguém que o toma emprestado, que se serve do significante, esse ato se chama “*Signatura rerum*” (*Ibidem*, p. 216). Título dado a uma obra de Jacó Boêmio<sup>15</sup>, significa os fenômenos naturais nomeados por Deus. Como na fórmula da física, puro significante, remeteria ao menos a uma significação, mesmo os números inteiros na matemática podem ser inseridos nessa ordem em que há pelo menos um e todos além de uma dimensão simbólica, uma relação entre significante e significado. Sendo assim, podemos observar que os números se apresentam sob a

---

<sup>15</sup> Jakob Böhme (1575-1624) – filósofo alemão.

mesma lógica que outros algarismos e maneiras de contar presentes em diferentes culturas. O ponto de partida aqui é que “quanto mais o significante nada significa, mais indestrutível ele é.” (*Ibidem*, p. 217).

Exemplificando, Lacan cita a arbitrariedade que sofre o conceito de sociedade, tida como causa do sofrimento do indivíduo, leva a toda uma construção de ideal socialista, funcionando como “roda de proa, como a relha de um arado” (*Ibidem*, p. 218). A própria noção de subjetividade aqui inclui o real. O sujeito faz uso do significante justamente por ele portar consigo essa dimensão de engano, servindo-se dele, explica, mas só a partir da noção de que há também essa outra dimensão. O significante tem sua própria função em relação ao significado. É na ordem dele e não de uma sequência de significações que se dará a questão da estrutura.

A necessidade de que o sujeito adquira, através da travessia do Édipo, esses significantes primordiais, ou o significante fálico, ocorre através da formação do superego. A função do superego de significar nada e ao mesmo tempo fornecer várias significações, coincide com a definição de significante e será quem estabelecerá o significante que dará a questão inicial para o aparelho, a “ordem de entrada” (*Ibidem*, p. 222). Enfim, para que isso tome a forma de uma *Verwerfung*, é preciso que algo nessa operação de identificação com a função paterna se efetue e será no desencadeamento, no período “pré-psicótico” (*Ibidem*, p. 224) que vai implicar o sujeito em um posicionamento simbólico sexual, e onde Schreber é invadido pela ideia de como seria “ser uma mulher sendo copulada” (*Ibidem*, p. 225).

Lacan utiliza um caso apresentado por Katan<sup>16</sup>, em que o desencadeamento da fase pré-psicótica foi acompanhado pelo autor no caso de um jovem que, durante a puberdade, imitava um de seus companheiros. O paciente havia renunciado a masturbação por sugestão do colega, que passa a identificar-se com o colega a partir dessas renúncias, emulando uma espécie de relação com um pai severo. A partir disso, ele e o colega vão se interessar pela mesma garota até poder compartilhá-la em um plano imaginário, se a identificação “tiver ido bastante longe” (*Ibidem*, p. 225). Esse mecanismo de compensação imaginária estaria ausente;

---

<sup>16</sup> Maurits Katan (1897 – 1977) – Psicanalista holandês.

Aí se encontra manifestamente o mecanismo do *como se* que a Sra. Helena Deutsch avaliou como uma dimensão significativa da sintomatologia dos esquizofrênicos. É um mecanismo de compensação imaginária – verifiquem a utilidade da distinção dos três registros, - compensação imaginária do Édipo ausente, que lhe teria dado a virilidade sob a forma, não da imagem paterna, mas do significante, do *nome-do-pai*. (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 225)

Além da importância sobre a distinção dos registros, é importante ressaltar como a compensação imaginária existe sobre a forma do significante do nome-do-pai e seria na ausência dela que a sintomatologia psicótica eclode. No último caso, o jovem reproduz essa ausência imaginária e nenhuma outra significação vai surgir a partir desse significante, todo o seu comportamento inconsciente homossexual vai continuar em relação ao seu amigo no delírio. Ele começa a falar que o seu pai quer matá-lo, roubá-lo ou castrá-lo, significações que certamente habitam também o universo da neurose. Lacan, entretanto, vai sublinhar que é na resposta ou a “iniciativa” (*Ibidem*, p. 226) que vem de um Outro, um Outro que quer algo, ou que quer significar algo para o sujeito. Ligada sempre a uma alteridade fantasmática, o delírio vai ser uma reação a;

...ausência do significante pela afirmação tanto mais reforçada por um outro que, como tal, é essencialmente enigmático. O Outro, com um A maiúsculo, eu lhes disse que ele estava excluído, enquanto detentor do significante. Por isso ele é tanto mais potentemente afirmado, entre ele e o sujeito, no nível do outro com minúscula, do imaginário. É aí que se passam todos os fenômenos de entre-eu que constituem o que é aparente na sintomatologia da psicose – ao nível do outro sujeito, daquele que, no delírio, tem a iniciativa, o professor Flechsig no caso de Schreber, ou o Deus de tal modo capaz de seduzir que põe em perigo a ordem do mundo, em razão da atração. (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 227)

O sujeito localizado no entre-eu imaginário produzido pela falta do significante fálico ou do nome-do-pai vai aparecer na sua radicalidade nos fenômenos do automatismo mental. Podemos observar como o sujeito fica entra a questão de ser ele ou outro, com as vozes características das alucinações verbais e o surgimento dos neologismos como privilegiados nessa comunicação entre Schreber e a alteridade radical ou a impossibilidade de recorrer ao significante paterno leva ele a essa produção. Lacan põe de um lado o significante como formador da estrutura e a significação como algo que pode ser reproduzido infinitamente, mas que carece desse estatuto da pulsão ou da estrutura, uma teoria da supremacia do significante em relação ao significado. A significação aqui está do lado da relação imaginária e o resultado de interpretações baseadas no repertório do analista reforçariam necessariamente as influências dessas relações imaginárias tanto na fantasia, quanto no delírio.

Lacan não deixa de reconhecer que um analista vai frequentemente trabalhar a partir das significações, propondo que novos caminhos sejam trilhados pelo paciente. Entretanto, haveria aí uma encruzilhada onde os analistas se contentam com a multiplicidade de significações possíveis, como, por exemplo, na interpretação de que a inclinação homossexual seria uma defesa, uma outra forma de lidar com a castração e se situar diante da identificação com a função paterna. Mas continua advertindo, se essas injunções forem suficientes para ter uma noção dos desejos e interesses do sujeito vai ser na prevalência do significante, nas suas leis próprias, onde ele aparece como norteador da estrutura e se diferenciar assim das significações. A consequência disso são que os significantes primordiais produzem também significações primordiais, privilegiadas nos investimentos do sujeito e que não podem ser ligadas, portanto, a natureza dos instintos ou a simples reprodução de significados.

Retomando aqui o exemplo do dia e da noite, eles são significantes que por si só ultrapassam toda a forma de significar através do fenômeno ou da realidade, assim como os significantes homem e mulher. As significações possíveis, como, por exemplo, o homem ativo e a mulher passiva são insuficientes e estão muito mais ligados a uma construção imposta do que da realidade da existência cotidiana. O significante não fica resumido a comportamentos ou padrões. Para Lacan, a implicação de um simbólico é a existência do sujeito através de uma dialética composta por outros dois, o outro imaginário e o Outro simbólico, o Édipo aparece aqui como a introdução de um terceiro e nessa cristalização à qual é posta o sujeito. “Não ficamos perplexos de que os filósofos não tenham destacado a muito tempo o fato de que a realidade humana é irreduzivelmente estruturada como significante?” (*Ibidem*, p. 233).

A oposição dos significantes, homem e mulher, dia e noite ou guerra e paz, são fundamentais para a estruturação e posicionamento do sujeito. Eles não precisam corresponder com algo que aconteça ou com algum fenômeno natural e podem ter o significado compartilhado ou não, mas por trás de cada significado terá um significante que organiza o conjunto. O significante em si não tem um significado ou significação própria e, mesmo que só por abstração, é impossível pensar em um significante puro sem que ele se ligue a algo, é preciso se aproximar do que isso representa, ou “significantes de base sem as quais a ordem das significações humanas não poderia estabelecer-se” (*Ibidem*, p. 233).



Se julgamos superiores os pensamentos comuns de nossa era, para Lacan eles não diferem dos ditos pensamentos mágicos que caracterizam os povos primitivos que explicavam de forma divina os fenômenos da natureza. Essa seria a dimensão do significante no Real, algo dele que serve para significar parcialmente o que aconteceu, a se referir a um ato que ultrapassa a significação. Ou seja, se o significante pode ser sempre referido a significações diferentes ele também por si só carrega algo de perturbador, no sentido de virada de significações, de mudança, onde a aparição do novo tem caráter devastador. Mas o que ocorre quando levamos em consideração a hipótese da “falta essencial de um significante?” (*Ibidem*, p. 235). E quando o sujeito se aproxima de uma questão à qual não há resposta possível, ou de uma “significação proibida” (*Ibidem*, p. 236), uma questão que é dirigida à um Outro. Como no caso do jovem apresentado por Katan, que ao ser confrontado com a gravidez da parceira do seu amigo, desencadeia a sua paranoia. A situação lhe causou perplexidade, porque o levou a retomar esse lugar vazio em que era sustentada a identificação imaginária com o amigo.

O significante paterno aparece aqui como privilegiado por ter acesso ao desejo da mãe, ligada a própria noção de virilidade, seria essa própria noção de pai que faltaria na *Verwerfung*. A “impossibilidade de assumir a realização do significante pai ao nível simbólico” (*Ibidem*, p. 239), e o que resta é a imagem reduzida dessa função, dual, de alienação especular que permite a apreensão do sujeito no plano imaginário. Essa imagem captadora, se for baseada na potência e não no pacto, será sempre fonte de uma rivalidade. Função não de exclusão recíproca, mas de captura imaginária, e, conseqüentemente, de uma sexualidade sem o intermediário da mãe, direta e desumanizada com a imagem paterna.

A relação imaginária se instaura sozinha, num plano que não tem nada de típico, que é desumanizante, porque não deixa lugar para a exclusão recíproca que permite fundar a imagem do eu na órbita que dá o modelo do outro, mais acabado. (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 239)

Alienação radical marcada não pelo significante aniquilador, mas pelo aniquilamento do próprio significante. A compensação do sujeito será feita através de identificações imaginárias “puramente conformistas a personagens que lhe darão o sentimento do que é preciso fazer para ser um homem” (*Ibidem*, p. 239). Essa compensação permite, segundo Lacan, que alguns psicóticos vivam por muitos anos em crises perceptíveis, mas também como essas “muletas imaginárias” (*Ibidem*, p.

240) podem subitamente sumir, entrar em uma fase pré-psicótica, crepuscular, apresentar fenômenos de franja que vão revelar não um Outro mascarado e escondido como na neurose, mas um Outro invasivo e totalitário. Se Lacan reconhece a importância dos fenômenos imaginários no desencadeamento e no desenvolvimento do delírio, ele também estabelece como possibilidade, mesma que frágil, a restituição imaginária que possibilita a estabilização do quadro.

## 4

### O significante fálico

#### 4.1.

##### Secretário do Alienado

Se começamos esse trecho diante do termo secretário do alienado, devemos reconhecer a importância que ele tem na transmissão e na possibilidade de trabalhar com a psicanálise diante de quadros psicóticos. Ainda mais quando se fala em se contentar, “vamos aparentemente nos contentar em passar por secretários do alienado.” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 241), e que, para tal, precisamos tomar “ao pé da letra” (*Ibidem*, p. 241) o que nos é contado. Se nos propomos ser norteados pelo que o próprio Lacan assinala durante o *Seminário 3*, devemos prestar atenção ao que nos é trazido, sem interpretar isso através de um conhecimento sobre os sintomas do outro ou influenciado pelo referencial de experiência do analista. Outra forma de pensar é através da transferência, ou seja, se o analista encarna o lugar do Outro na neurose, a resposta na psicose poderia ser a de uma transferência erotomaniaca, ou através de uma identificação imaginária que pode vir a ser invasiva, como no caso de Schreber ou no caso do jovem apresentado por Katan.

As funções que assumem a relação do sujeito com os significantes primordiais e com o acesso ao simbólico vão definir também a proposição clínica do secretário do alienado. Primeiro, no sentido da escuta, só o doente pode testemunhar “uma relação muito específica do sujeito em relação ao conjunto do sistema da linguagem em suas diferentes ordens” (*Ibidem*, p. 243). E, por outro lado, Lacan adverte como que a posição do Outro destituído de um significante fálico ordenador será reduzido nessa captura imaginária que persegue o sujeito, ou o “assassinato d’alma” (*Ibidem*, p. 244) testemunhado por Schreber. Efeito análogo ao que Robinson Crusóe sofre ao viver isolado em uma ilha, um discurso alienado em que a existência da alteridade capturada pela imagem especular será sempre referida ao eu.

Lacan enuncia, então, três vias para a integração simbólica: pela relação agressiva, ou pelo conflito imaginário em direção à realização simbólica; pela atualização simbólica da conduta que atinge a realização imaginária, como no caso da *couvade*, ou da questão do ser homem ou mulher e do que significa ser mulher. A terceira via é representada pelo delírio, pela função real do pai que vem surgir sobre uma produção imaginária, são esses os homenzinhos de Schreber, mortificados e ao mesmo tempo ameaçadores.

Se a partir da linguagem podemos pensar as estruturas, Lacan também propõe, a partir da metáfora e da metonímia, formas de subjetivação da linguagem. Os constantes deslizamentos entre os significantes e os significados que irão produzir o sujeito. Na frase ‘Seu feixe não era avaro e nem odiento’, traduzida do francês “As gerbe n’etaiptoint avare ni haineuse” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 250), provinda de um poema de Vitor Hugo nomeado *Booz endormi*, ou *Booz adormecido*, sobre um senhor bondoso e generoso, o entre-eu em que se situa o sujeito na psicose pode ser caracterizado pela exterioridade do sujeito, o equilíbrio precário que se insere na separação sintática do sujeito e dos seus atributos, assim como a ambivalência do significante e do significado.

Com a erotização do significante, ele vai ficando cada vez mais esvaziado de significado, reproduzindo-se em ritornelos, e parecendo sempre não conter nada da metáfora. A metáfora pressupõe que um significado domine o significante e opere essa separação lexical, aproximando o feixe do sujeito Booz, apontando para o fato de que um feixe nunca seria avaro nem odiento, operando uma distância entre o sujeito e os seus atributos. A metáfora pressupõe a similaridade entre Booz e o feixe pelos atributos comuns, sendo assim o simbolismo também pressupõe a organização do significante na frase.

Como na afasia de Wernicke, onde o paciente consegue articular as palavras, mas muitas vezes fala frases sem sentido e mesmo tomando as devidas diferenças entre as afasias e as psicoses, Lacan afirma que “as relações de contiguidade dominam, por causa da ausência ou do enfraquecimento da função de equivalência significativa por similaridade.” (*Ibidem*, p. 257). A contiguidade aqui se mostra pelas frases interrompidas e pela erotização justamente a partir delas. O sujeito excluído pela similaridade da metáfora verá como vindo do exterior, dos feixes, os seus atributos. A possibilidade de se fazer entender, seja no caso dos pacientes com

afasia ou nos psicóticos, vem justamente dessa ausência da metáfora enquanto similaridade simbólica.

Em contrapartida, teríamos a metonímia que expressa a contiguidade. Pela proximidade nomeia-se uma coisa de outra, ou condensação (metáfora) e deslocamento (metonímia), aproximados em termos freudianos. Lacan ressalta que não há nada de próximo na afasia verbal ou motora e as psicoses sob a perspectiva da estrutura, mas que a capacidade de elaborar grandes textos sem conseguir evocar o termo correto mostram que o significante estabelece uma relação dialética com as significações e que o déficit citado não seria intelectual, nem carece de intenção, mas de “proposição” (*Ibidem*, p. 262). Ou déficit do vínculo da significação com o significante e depois a dissolução do próprio significante.

Lacan exemplifica primeiro o vínculo posicional ou proposicional com a frase “Pedro mata Paulo não é equivalente a Paulo mata Pedro” (*Ibidem*, p. 263), assim, como o vínculo de similaridade que pode se exprimir pela semelhança fonética ou pelas significações que evocam e, por último, o vínculo de oposição relativa a termos opostos. No caso do poema de Vitor Hugo, o termo feixe ganha destaque por se ser um significante que se refere a Booz enquanto sujeito, metáfora sustentada pelo vínculo posicional, onde a transferência do significado só é possível a partir dessa estrutura do significante.

A proliferação de significados vai levar ao que chamamos de racionalização e vai afastar o sujeito e o significante no discurso. Lacan vai propor então que tomemos a metonímia e não a metáfora como sendo a mais verdadeira, a substituição que implica a equivalência e similaridade fundamental, a metonímia como subestrutura que orienta a relação com o significante na psicose.

Retomando a questão de qual seria o significante “último na neurose” (*Ibidem*, p. 290), Lacan vai falar da sexualidade ou da relação do significante nas diferenças entre o masculino e o feminino e, principalmente, “quanto nossa experiência é feita de excessos e falhas na aproximação do polo macho e do polo fêmeo” (*Ibidem*, p. 291). Uma estruturação da realidade a partir de um certo significante transmitido, ou a integração do sujeito que lhe impõe um jogo de significantes, a noção de que o psicótico é habitado pela linguagem, ou dessa exterioridade que marca o automatismo mental proposto por Clérambault.

A consequência da não integração do sujeito no registro significante vai aparecer quando esse sujeito for confrontado com alguma situação em que esse

posicionamento simbólico será imposto ao sujeito, ou que dele seja demandada uma posição, uma fala que reflita essa posição fálica ou viril.

#### 4.2.

##### O Ponto de Basta

Os fenômenos do automatismo mental, particularmente a exterioridade, assim como o desencadeamento da primeira crise, estarão ligados à falta de um significante “na primeira introdução aos significantes” (*Ibidem*, p. 294). Isso não significa que o sujeito não possa passar anos assumindo uma postura aparentemente viril, Schreber tinha uma carreira de sucesso e cumpria suas funções profissionais e familiares sem grandes contratempos. Entretanto, como afirmamos antes, o eixo do delírio de Schreber passa pela sua posição sexual, de como seria ser uma mulher sendo copulada até a sua transformação em mulher divina. Isso mostra dois planos na realização do delírio, a de reconstituição do cosmo, ou uma mitologia capaz de dar conta do mundo e de sua inserção enquanto homem, de sua posição viril, que a partir do delírio causa grande desconforto a Schreber.

Aqui, a distinção do outro especular e do Outro absoluto retorna e é definida por Lacan da seguinte forma:

O primeiro, o outro com um *a* minúsculo, é o outro imaginário, a alteridade em espelho, que nos faz depender da imagem de nosso semelhante. O segundo, o Outro absoluto, é aquele ao qual nós nos dirigimos para além desse semelhante, aquele que somos forçados a admitir para além da relação da miragem, aquele que aceita ou que se recusa na nossa presença, aquele que na ocasião nos engana, do qual não podemos jamais saber se ele não nos engana, aquele ao qual sempre nos endereçamos. Sua existência é tal que o fato de se endereçar a ele, de ter com ele como que uma linguagem, é mais importante que tudo o que pode ser uma aposta entre ele e nós. (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 295)

Consequentemente, a relação amorosa na psicose será marcada pela abolição do sujeito e pela admissão da heterogeneidade radical do Outro. É importante ressaltar que a alienação já é uma marca da relação amorosa na neurose, o que em outros tempos foi chamado de loucura. O amor vai presumir uma identificação com o objeto amado em detrimento do próprio eu, no nível imaginário da relação com o outro, mas mediada pela existência desse significante que opera através da mediação do Outro. Se o Outro não pode ser apreendido através da

simbolização, quando é feito um “apelo” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 297) na direção do simbólico que o sujeito não pode responder vai se produzir, então,

Uma abundância imaginária de modos de seres que são outras tantas relações com o outro com *a* minúsculo, abundância que suporta um certo modo da linguagem e da fala. (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 297)

Retornemos, então, à língua fundamental de Schreber. Ela produz em Schreber, e na série de intervenções dos mais diversos personagens, os dois polos da relação do sujeito com o significante. A forma plena, reveladora de uma nova dimensão, de compreensão própria e por outro lado a banalidade da palavra vazia, repetida à exaustão. A partir daí, Schreber vai construindo na ideia de se transformar em mulher, mesmo de forma reticente, como forma de se salvar dessas entidades invasoras. De início, a forma plena era bastante satisfatória, apesar de confusa, mas na medida em que o mundo se reconstitui no plano imaginário, as significações recuam, e o significante também fica oculto, distante.

Se Deus entra no circuito a partir da copulação, o “repisamento” (*Ibidem*, p. 299) desse significante vai levando-o cada vez mais para essa dimensão cosmológica, distante, e como visto anteriormente, que ameaça até enquanto ausência. O delírio então se constitui a partir desse esgotamento de significação, essa ocultação do significante vai produzir uma chave, um movimento oposto ao de “escansão” (*Ibidem*, p. 302), ou separação primeira do significante, e depois até o “umbigo” (*Ibidem*) do delírio. Na medida em que o significante vai dar contorno a significação, a polarizá-las, ela vai se instalar na existência sobre curvas, exemplificadas na fluidez da relação entre significante e significado. Uma “laçada enlaçada” (*Ibidem*, p. 305) que para pressupor a unidade do significante nessa relação dialética com o significado, o desenrolo possível do “Sim, eu...” (*Ibidem*, p. 304) como uma conversação contínua que vai qualificando o sujeito sempre a partir do duplo sentido implicado pelo significante.

Como no poema de Vitor Hugo, é na duplicidade do feixe e não na definição, que se encontra o jogo possível e a similaridade. Lacan lança da trama de Atalaia, escrita por Jean Racine sobre Abner e Joad, o sumo sacerdote, figuras bíblicas do antigo testamento de grande prestígio e especificamente em relação ao seu uso do termo *zelo* e o seu temor de Deus, significante tanto para seu medo aos deuses quanto seu amor à Deus, temor que substituíra todo o conjunto de temores presentes

na época. Essa unificação possibilita que o temor seja transformado em uma incrível coragem, ela também transforma o *zelo*, característica ambivalente de Abner em uma forma de aceitação das ameaças e proteções divinas, e consequentemente, Abner terá grande influência sobre a Rainha.

A partir do significante *temor* é possível a transformação de *zelo* em *coragem* e em *fidelidade*. “É na transmutação da situação pela invenção do significante” (*Ibidem*, p. 311) e não pelo deslocamento do significado que reside a trama da cena. Surge então o ponto de basta, essa posição espacial do significante, entra a massa flutuante das significações o ponto de basta funciona como uma “agulha” (*Ibidem*).

O ponto de basta está justamente na articulação entre o significante e o significado, entre o sujeito e o Outro, parte de uma experiência compartilhada, seja na palavra temor ou no complexo de Édipo, ele organiza o discurso. Na psicose, tudo estaria ali no significante, a falta desses pontos de ligação entre o significante e o significado. Embora Lacan privilegie a função paterna, é importante ressaltar que outros pontos de basta são possíveis e ele chega a propor um “catálogo completo” (*Ibidem*, p. 312) desses pontos.

Retomando a questão da alteridade e da função formadora do eu – esse lugar onde o eu e o outro imaginário vão poder se encontrar, mediados pelo Outro absoluto – para Lacan, essa diferença tira a simetria do outro com o tu, dessa correspondência completa entre dois indivíduos e a sua experiência, “personalismo” (*Ibidem*, p. 316) sustentado na filosofia existencialista, chegando a citar a obra de Martin Buber, *Eu e Tu*<sup>17</sup>.

Essa simetria toma na psicose a forma de ver no delírio o aniquilamento do outro imaginário, algo que se traduziria grosseiramente em não é possível tratar analiticamente alguém que não reconhece o outro, ou não compartilha dos mesmos referenciais dessa forma simétrica. Isso não parece condizer com a clínica e Lacan insiste na importância de diferenciar o outro imaginário do Outro absoluto. Em Schreber, a alteridade poderia estar reduzida em interesse no caso dos espíritos *atamancados às três pancadas*, mas em sua relação com Deus essa alteridade estava mantida, assim como alguns personagens privilegiados do seu cotidiano como o Dr. Flechsig.

---

<sup>17</sup> BUBER, M. *Eu e tu* [1974]. São Paulo: Ed. Centauro, 2001.



Se Kraepelin descreve a paranoia como essencialmente egocêntrica e autocentrada, é no Outro absoluto que vai se situar uma certa distância para o sujeito que pode estar mais ou menos perto desse lugar que constitui a fala. Se estamos falando da alteridade, de um certo *eu* implicado no discurso e um “*tu*” (*Ibidem*, p. 318), ou uma pessoa à qual a mensagem é enunciada, nem sempre o “*tu*” vai designar somente um outro. “Você é meu mestre.” (*Ibidem*, p. 318) é um exemplo de uma fala que mostra como característica que qualifica o *eu* provinda desse outro imaginário. Assim como no exemplo das generalizações ou indeterminações de sujeito do tipo, “Não se pode passear neste lugar sem que seja abordado” (*Ibidem*, p. 318).

Além da óbvia semelhança com o cotidiano, o exemplo também mostra a despersonalização que esse você indeterminado busca. Esse seria o “*tu*” de Schreber, uma alteridade indefinida. Aparece, assim, o superego como análogo dessa alteridade, uma “lei sem dialética” (*Ibidem*, p. 319) ou um “imperativo categórico” (*Ibidem*, p. 319), ou uma intenção incansável e incessante, mas de uma neutralidade ameaçadora, ou seja, um “*tu*” que não oferece sentidos. O “*tu*” aqui aparece como um significante, representativo de um corpo estranho, Lacan cita a analogia feita pelo “Sr. Isakower” (*Ibidem*, p. 320) de que isso seria como a câmara vestibular de um camarão que se fecha ao longo da vida possibilitando que ele se movimente de forma horizontal e vertical. O eu aqui entraria no estado de “*tu*”, de estranheza em relação ao corpo ligada ao superego; “é o eu que entra no estado *tu*, é o eu que se crê no estado de duplo, isto é, expulso da casa enquanto o *tu* continua sendo possuidor das coisas” (*Ibidem*, p. 321).

Lacan reconhece essa duplicidade no discurso, mas propõe que consideremos uma terceira “cifra” (*Ibidem*), uma terceira pessoa que não existe, mas que frequentemente se faz alusão, sendo o próprio discurso do sujeito. Uma devolução lógica a partir do que vem desse “*tu*” para definir o sujeito, “O *você é meu mestre*, corresponde um certo *que sou eu?* – *Que sou eu para sê-lo, se é que sou?*” (*Ibidem*, p. 322). Já vimos como essa questão do ser coloca o sujeito diretamente com a localização na partilha dos gêneros, e como ele vai pensar a função paterna e o desejo materno como algo passíveis de identificação. Será nesse sentido que o significante vai se entrelaçar com o sujeito através da relação recíproca com o “*tu*”.

Uma mesma frase poderá ser vista por perspectivas diferentes se levarmos em conta sobre qual ‘tu’ nos referimos. “tu és aquele que me seguirá por toda parte” (*Ibidem*, p. 324). Frase contida em uma oração católica, Lacan a usa como exemplo de ambiguidade no sentido de que, dependendo de quem falar e em qual sentido, podemos pensar na perseguição paranoica ou em um sentimento religioso reconfortante.

Alguns verbos também teriam uma relação determinante com a ambiguidade em que podem ser usados e com a sua ligação com o sujeito. “*Eu sacrifico*” (*Ibidem*) seria um exemplo, podendo determinar a posição assumida de sacrifício ou de sacrificador, outros verbos como

Nascer, morrer, seguir e ativar um movimento, ser mestre, estar deitado, voltar a um estado familiar, jogar, tirar proveito, sofrer, ter paciência, experimentar uma agitação mental, tomar suas medidas – que é o *medeor* de que todos vocês são investidos como médicos – falar. Enfim, é todo o registro em jogo precisamente na experiência analítica.” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 325)

O caráter subjetivo evidente nos verbos vai além. Para Lacan, o sujeito se constitui em ação, “no processo ou no estado que o verbo exprime” (*Ibidem*, p. 325), e são significantes que recebem ênfase na frase. Seguindo, apresenta a frase “*tu és aquele que me seguirás*” (*Ibidem*), assim como o duplo sentido que pode ter a palavra ‘*seguirás*’ como algo que seria determinado pelo sujeito, mudando sempre a ênfase que ele tem ou as implicações e significações, de um perseguidor único e implacável a algo mais brando e indefinido.

Nessa perspectiva, o ‘tu’ estará sempre ligado a uma questão sobre quem é si próprio. Frases como “*eu sou um pai*” (*Ibidem*), ou “*eu sou um professor*” (*Ibidem*), ajudam a orientar a partir de um significante, mas também geram em si uma confusão no sentido e deixam em aberto um tanto de questões e possibilidades de significações dentro do que seria a paternidade, que seria mais complexo do que definir de que se é professor. Sobre isso, Lacan explica:

A importância dessas distinções é a de mostrar que a mudança da ênfase, a plenitude que o *tu* confere ao outro, e que é também o que ele recebe disso, está essencialmente ligada ao significante. (*Ibidem*, p. 326)

E quando esse significante falta? Aqui o sujeito e o Outro são recíprocos, é na mensagem recebida do outro que o sujeito se funda, o Outro que está no nível do ‘*tu*’, o outro que está no ‘*que me*’, e o sujeito no ‘*seguirás*’. Na falta de um

significante que possa representar um ‘tu’, de forma a orientar essas significações, o sujeito vai se deparar com significações insuficientes, representadas pelo buraco, pela hiância, e vemos surgir os significantes privilegiados, como no caso dos neologismos, “carregado de uma significação certa, mas não se sabe qual” (*Ibidem*).

Lacan chama de “decomposição do significante” (*Ibidem*, p. 327) esse apelo à um significante que resulta em um buraco, consequência desse lugar onde o sujeito sustenta, a partir da comunicação com o outro, esse terceiro lugar. É na medida que esse encontro com o outro imaginário é problemático, que se recorre ao Outro absoluto; “O *eu* tem uma natureza essencialmente fugidia, que não sustenta jamais totalmente o *tu*.” (*Ibidem*, p. 331).

### 4.3.

#### A estrada principal

Finalmente, se demonstrarmos de diversas formas como a neurose e a psicose se estruturam e a diferenciação proposta por Lacan, mais uma vez veremos como diferença entre as duas, respectivamente, a estrada principal e as estradas secundárias. A fim de ilustrar o que seria o significante privilegiado em nossa cultura, Lacan lança mão da “estrada principal” (*Ibidem*, p. 335), que em oposição as estradas menores e secundárias levam do ponto A ao ponto B com maior eficiência. A ligação entre as estradas menores exemplificaria as possibilidades de conexões entre as significações, mas vai além, a estrada não seria somente uma simplificação metafórica de um percurso ou uma trilha, são nessas estradas que nos aglomeramos, que vivenciamos os impasses da vida, a estrada polariza as significações e sustenta fluxos em ambas as direções.

Essa seria a função do significante privilegiado, ou “incontestável” (*Ibidem*, p. 336), ele produz uma marca histórica, agrupa significações, constroem-se casas e andares para observar a estrada, como nas antigas estradas romanas que marcaram a civilização e moldavam os costumes e a cultura dos locais por onde passava. Aqui Lacan vai localizar, em Schreber, a falta do significante referente a *procriação* (*Ibidem*, p. 338) masculina como a estrada principal, “ser pai” (*Ibidem*). Para que essa função se dê, é necessário um “efeito de retorno” (*Ibidem*), onde não existe possibilidade de registro imaginário, de que a criança seja um produzida juntamente

com a mãe, a fecundação em si, então vai se elaborar todo um conjunto de sentidos em torno do papel masculino na procriação. “O significante *ser pai* é o que constitui a estrada principal entra as relações sexuais com uma mulher” (*Ibidem*, p. 338). Na falta desse significante, Schreber é levado a várias construções em relação à cópula e fecundação, estradas secundárias e pequenos caminhos.

A função do significante aqui gira em torno do ‘eu sou’ ou o ‘tu és’, significante que localiza o eu, o outro especular e precisa fazer referência a um terceiro, ao Outro no nível simbólico. Os fenômenos persecutórios, assim como a mitologia em torno da gravidez em Schreber, podem ser produzidos por esse efeito da falta de um significante e uma redução “à pura relação imaginária” (*Ibidem*, p. 352). A morte, a ameaça, o *assassinato d’almas*, mostram o curto-circuito da relação triangular, “edipiana” (*Ibidem*, p. 353), à relação dual, assim como a relação com o ‘tu’, distante, influente e agressivo. Lacan evoca o caso de um francês que morava em Detroit e que foi anunciado pela sua mulher, que estava grávida, mas que não se sabe se é dele. A partir do surgimento de alucinações que dizem ser ele São Tomás, o cético<sup>18</sup>, e é a partir da questão da geração que surge essa tentativa de reconstrução.

Lacan retoma o seu objetivo inicial, mostrando como a relação e função da fala na psicose está intimamente relacionada ao discurso delirante e os fenômenos já referenciados como os neologismos, a erotização do significante, a dissolução imaginária, a rejeição de um significante primordial e a dimensão simbólica da função paterna relacionada a procriação. Fazendo isso, Lacan aponta para uma dimensão diferente da orientada pelas relações objetais, pelo ego e pela transferência, o que levaria a uma superposição clínica da neurose e da psicose.

Freud faz referência a sua teoria do narcisismo ao explicar a defesa das tendências homossexuais em Schreber, e a sua transformação em mulher e feminização como consequência de um remanejamento do complexo de castração, evidenciando, assim, a prevalência do objeto fálico na economia libidinal, “tanto no homem quanto na mulher” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 360). O significante fálico ou a sua aquisição, vai determinar a solução do complexo de Édipo pelo complexo de castração, mas levando em conta que as produções delirantes já partem

---

<sup>18</sup> No texto, Lacan pontua a diferença entre São Tomás, o cético e São Tomás de Aquino, entretanto a partir da pesquisa não encontramos correspondências para São Tomás, o cético, entretanto podemos inferir que pode se tratar de Tomé, o apóstolo que duvidou da ressurreição de Cristo.

de um complexo de castração particular da psicose, que vai levar a defesa da homossexualidade à erotomania divina. Lacan vê nisso a determinação dessa alteridade absoluta, em relação às funções de fala do sujeito assim como as ambivalências em relação a esse Outro, e a centralidade na obra freudiana em relação a Schreber das questões relativas ao complexo de castração e a função paterna.

O Nome-do-pai não aparece aqui como único significante privilegiado, o anel que poderia representar tanto a vagina, como no caso do anel de casamento ou do ânus, mas comporta toda uma possibilidade de engendramentos e significações, significantes que, para Lacan, poderiam ser explicados por um simples e vago “*é isso*” (*Ibidem*, p. 365). Um exemplo de significante que tem essa função seria o “meteoro” (*Ibidem*), real e ilusório ao mesmo tempo, mas não imaginário, e mostra como, para definirmos e conseguirmos pensar sobre o meteoro, sempre partimos de explicações insuficientes, na medida em que elas podem ser sempre aprofundadas. Lacan ressalta, por exemplo, o fato de o meteoro soltar partículas de água, mas o fato delas estarem entre a forma líquida e gasosa está sobre a primeira aparente explicação e por mais detalhado que for sempre recairá num ‘*é isso*’ que garante tanto que a explicação dada é suficiente quanto a dimensão de que ela poderia ser explicada melhor ou sobre outra perspectiva. Argumenta, assim, que o arco-íris também seria esse significante, algo que ganha atenção especial em relação aos outros fenômenos da natureza e que pode ser nomeado por um ‘*é isso*’, que pode se falar dele, mas que ele próprio não fala.

O falo também seria um significante com efeitos semelhantes, se reconhecemos que, no desenvolvimento da criança, em torno da relação mãe-bebê, se precipita na suposta presença de um agente terceiro que vai incidir sobre o desejo da mãe, o pai portador da função fálica. Obviamente, aqui não estamos nos referindo ao órgão genital, mas a uma regulação da lei, do registro simbólico que recai sobre o pai, mas também está sempre distante ou ausente da mesma forma que se uma pessoa caminhar até o arco-íris ele não vai mais estar lá.

Ora, se trocas afetivas, imaginárias, se estabelecem entre a mãe e a criança em torno da falta imaginária do falo, o que é seu elemento de cooptação intersubjetiva, o pai, na dialética freudiana, tem o seu, é tudo, ele não o troca nem o dá. Não há circulação alguma. O pai não tem função alguma no trio, exceto a de representar o portador, o detentor do falo – um ponto é tudo. (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 367)

A função fálica vai ordenar, primeiramente, através de uma ordem matemática que é oposta a natural. Ela registra a diferença das gerações de uma forma totalmente diferente a de um gato que, depois de criar os filhotes não os reconhece mais como tais, ou que se apagam as diferenças e hierarquias entre as gerações. Na neurose, todo esse arcabouço vai representar o vínculo entre os significados possíveis e o significante, enquanto na psicose vai apresentar o encontro radical com esse significante ‘ser pai’, momento de entrada.

Schreber, em diversos momentos, teve que se colocar em situações que poderiam ter solicitado dele enquanto sujeito esse posicionamento, mas foi no ápice, na “convocação expressa dos ministros” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 369) que ocorre a sua entrada na psicose, “essa promoção de sua existência nominal solicita dele uma integração renovadora. Trata-se afinal de contas de saber se o sujeito se tornará, ou não, pai.” (*Ibidem*, p. 369).

Finalmente, Lacan propõe, por questões de tradução, a substituir o termo *Verwerfung* pelo da “forclusão” (*Ibidem*, p. 370), do cataclisma imaginário à tentativa de reconstituição, da abordagem de um significante pelo sujeito à impossibilidade dessa abordagem. Lacan termina o *Seminário 3* sugerindo que o ano termina em patoá, e não poderia terminar de outra forma. Patoá se refere à dialetos que eram transmitidos de forma oral, línguas regionais europeias que existiam em pequenas regiões, prioritariamente rurais, que foram sendo substituídas pelas línguas oficiais durante a Europa na Idade Média.

Se o caráter oral e não oficial, de transmissão viva, feita pela experiência, dos dialetos patuás foi ressaltada, é possível inferir que a possibilidade de endereçamento do testemunho, o desenvolvimento do delírio rumo a reconstituição, a relação do sujeito com a alteridade e a função do significante oferecem as principais coordenadas clínicas para o tratamento das psicoses na psicanálise lacaniana.

## 5

### Conclusão

Para que fosse possível percorrer uma parte do pensamento que compôs a primeira fase das psicoses em Lacan, tivemos que seguir a forma proposta pela transmissão em seminários, e conseqüentemente, de uma forma de transmitir o pensamento com idas e vindas, ou com um certo retorno, que envolve um novo desenrolar dos conceitos que foram já apresentados. Nesse sentido, foi alcançado o objetivo de poder estabelecer alguns elementos norteadores da clínica lacaniana das psicoses, assim como um entendimento sobre as bases estruturalistas que subvertem a teoria do significante da linguística pela emergência dos efeitos da cadeia significante no sujeito.

Da mesma forma, ao restringir o estudo a um período na obra e no pensamento de Lacan, não objetivamos esgotar a discussão e o debate que circulam o tema das psicoses na psicanálise, mas localizar, através do que foi proposto teoricamente, uma possibilidade de exercer uma clínica, de escutar de forma diferente no consultório o que a paranoia mais especificamente, mas também o que todos e qualquer um poderiam falar. Em primeiro lugar, temos que ressaltar as críticas feitas tanto a psiquiatria alemã e a nosografia de Emil Kraepelin, assim como as críticas feitas às escolas americana e inglesa de psicanálise que tenderiam ao reducionismo, à uma similaridade imaginária, especular, à uma indiferenciação nosográfica entre psicose e neurose e ao risco dos exageros causados pela transferência e pela sugestão quando as relações objetais são as norteadoras da clínica. Embora possamos reconhecer que a imagem de um psiquiatra que reduza o sujeito a posição de desprovido de razão seja indevida, na maior parte dos casos, o argumento seria mais partindo de uma reflexão em relação a clínica e as possibilidades de desdobramentos. Da mesma forma, essa reflexão pode se estender a psicanálise americana e inglesa ao qual Lacan se refere, mas que o seu uso como que reduzido à uma análise ‘ego a ego’ também seria reduzir as possibilidades de entender o que esses autores podem propor como contribuição para a clínica das psicoses. A clínica das psicoses em Lacan não pretende um encerramento em si mesma, e também não ambiciona a cura ou a abolição desse tipo de vivência na sociedade mas pensar também como que estamos implicados nesse processo,

principalmente inserido em um contexto clínico, onde uma escuta possa se estabelecer.

Em relação à confusão criada pela amplitude das categorias da paranoia e da demência precoce, Lacan propõe que tomemos o termo de fenômeno elementar de Clérambault para diferenciar a paranoia pela via da linguagem. Essa mudança evidencia a compreensão do discurso delirante a partir desse referencial estruturalista e das funções do significante na econômica psíquica. Nesse sentido, devemos tomar “ao pé da letra o que ele nos conta” (LACAN, 1955-1956 [1988], p. 241), não no sentido de interpretar e significar, mas de poder recolher o que na organização dos significantes pode tomar para o sujeito a mesma via que o significante primordial permite enquanto metáfora.

A partir da relação de Schreber com Deus, assim como a característica ambivalente do amor ao qual é objeto nessa relação divina, Lacan mostra como a alteridade e a ilusão imaginária de simetria assumem todo um caráter persecutório através do delírio e da certeza de que aquele material, que as vezes aparece parcialmente, concerne-lhe no nível mais verdadeiro de seu ser. Esse também seria o valor de transmissão do delírio ou de testemunho dele, a necessidade de registrar para a eternidade apesar de como isso seja recebido dentro da sociedade, como demonstrado por Schreber na sua audiência de liberação do hospital psiquiátrico.

Tantos outros casos também servem para ilustrar a importância dos fenômenos elementares na linguagem, o carro vermelho que ganha atenção particular, o desaforo que pode ter sido dito pelo amante da vizinha, mas que remete a um significante específico. Outros casos em que a dimensão da procriação e da função paterna aparecem, como, por exemplo, o condutor de bondes em que exames físicos precipitam sua sintomatologia, o jovem que está identificado com o colega ao ponto de acreditar que o amor direcionado ao colega pela namorada também seria direcionado a ele, ou o caso do sujeito francês, artesão que recebe a notícia em Detroit da gravidez de sua companheira e a sua reação a partir de São Tomé e sua incredulidade.

Podemos também observar como o significante paterno e o significante fálico ganham um destaque ou um investimento privilegiado na formação do sujeito. Sujeito inconsciente determinado pela linguagem e pela relação com a alteridade, seja ela na forma especular e imaginária do outro ou na forma absoluta e radical do Outro. Isso introduz uma terceira instância, uma movência dialética que



vai do sujeito, ao outro, que se refere e presta tributos à essa alteridade radical e depois retorna sobre o sujeito. Lacan localiza essa irrupção para além de um ponto mítico no desenvolvimento, e vai afirmar que, dentro da história do sujeito, um acontecimento vai provocar um apelo em direção a esse significante paterno, uma questão que se impõe ao sujeito onde ele precisa responder simbolicamente onde ele se localiza na procriação.

Lacan é categórico na assimetria, na procriação humana a possibilidade de simbolização do que é ser mulher está dificultada, “o caminho da realização simbólica da mulher é mais complicado” (*Ibidem*, p. 209). Por outro lado, a paternidade, ou a injunção de que para procriar é necessário copular e que isso resulte na gestação e, conseqüentemente, no nascimento, não possui um correspondente imaginário ou “nenhum acesso imaginário é possível, o de que a criança seja tanto dele quanto da mãe” (*Ibidem*, p. 338). Para o significante ganhar esse estatuto e essa possibilidade de simbolização foram necessários “todo um jogo de trocas culturais” (*Ibidem*, p. 338).

Essa noção é importante, a fim de evitarmos cair em uma leitura organicista do estruturalismo. Não se trata aqui de reconhecer a influência do organismo ou da natureza da influência direta do homem na procriação, mas dos seus efeitos que surgem a partir da simbolização desse significante. Dessa forma, a castração tanto no homem, quanto na mulher, estará referida a uma alteridade que possui esse significante fálico, em que há ao menos um que sabe, ao menos um que possui, e em torno dele que vai se produzir o recalque e a forclusão.

A possibilidade de estabilização deixa claro, entretanto que o delírio, ao poder ser transmitido ou repisado pode ir assumindo uma forma de organizar o mundo que se sustente, que possibilite uma organização e uma melhora no quadro. Esse seria o papel do secretário do alienado, um papel que reforça uma postura ativa de escuta, mas que não se sustenta como lugar de saber, de entendimento ou de compreensão. Não se deve tentar reproduzir ou fazer multiplicar significados, mas reconhecer que eles sempre giram em torno de um buraco, da falta do significante primordial no registro simbólico.

Outro ponto importante que gostaria de destacar é que de forma habitual, podemos ser induzidos a ver a forclusão como uma forma de organicismo, ou de determinação biológica. Entretanto, Lacan deixa claro como a *Verwerfung* opera em um nível que diferencia ela do que poderíamos considerar como adoecimento

orgânico. Ela opera no nível do sujeito e da linguagem, e nesse sentido, apesar de vivenciar essa rejeição de um significante primordial, ela não é necessariamente marcada por um déficit. Isso fica claro na metáfora da estrada secundária, não é possível afirmar que nem sempre as melhores experiências se encontram nas estradas principais, apesar de mais eficientes? As estradas secundárias são fundamentais para a vida.

A implicação dessa perspectiva também nos leva a repensar o significado do ‘secretário do alienado’, não reduzido ao papel de tutor, mas talvez de escrivão, ou datilógrafo. Proponho, com isso, que o potencial clínico reside na ênfase na possibilidade de se registrar, de transmitir a história do analisante. Isso não significa necessariamente a escrita, e pode ser inserido em um contexto em que aquela expressão lhe faça sentido. Como no caso do Bispo do Rosário, interno e artista plástico da cidade do Rio de Janeiro, que traduzir parte do delírio possibilita que ele assuma novas formas, e vá em direção a uma certa estabilização e garante que a sua obra um dia poderá ser vista e reconhecida, como foi o caso de ambos, o presidente Schreber e o Bispo. É importante aqui ressaltar que cabe uma diferenciação importante entre a produção escrita, a fala e a produção artística. Se podemos destacar, durante o adoecimento de Schreber, tempos distintos, primeiro, seu grave adoecimento, em segundo lugar, a escrita, e por final ainda, a sua publicação e garantia de que sua vivência continuaria na posterioridade. Se existem formas diferentes de estabilização a partir dessas formas de registro e transmissão seria motivo para estudo posterior. A aproximação entre o Bispo e Schreber se dá em relação a importância de cada um, de sua marca na cultura, mas de forma totalmente singular, por vias, ou, caminhos secundários, que foram sendo esculpidos por ambos. Se ambas as histórias compartilham um destino trágico, esse talvez seja menos imposto pela doença do que pela forma como foi tratada e, apesar disso, podem se estabelecer alguma possibilidade de estabilização.

É importante reconhecer que, em relação ao diagnóstico diferencial entre neurose e psicose sob a perspectiva estruturalista, alguns casos que se apresentam na atualidade desafiam os analistas. Novos sintomas “resistentes a uma diferenciação estrutural” como as toxicomanias, por exemplo (PONTES, 2017, p. 749). Podemos também argumentar que muitos pacientes podem apresentar uma sintomatologia tida como “extraordinária” (LAENDER, 2010, p. 39), mesmo que em menor número, casos com delírios altamente elaborados e com uma série de

incidências sobre o corpo, casos inequívocos de psicose, em oposição às psicoses “ordinárias” (*Ibidem*, p. 39), que estariam relacionados a casos em que a sintomatologia psicótica não se apresenta, mas que mantem traços dessa relação em sua inserção com o mundo.

Seja em relação a alteridade, ao sentimento de estar no mundo, a psicose não desencadeada, que apresenta desencadeamento diferente, ou neo-desencadeamentos (MILLER, 2012, p. 50), apresentam um novo desafio em relação a pensar a psicose como uma alteração que também pode ter efeitos sutis, quando comparados a sintomatologia em psicoses desencadeadas, mas não menos importantes. Isso abre caminho para pensar a última clínica de Lacan, cada vez mais comprometida com os nós borromeanos e a forma como seria possível uma suplência que “não é simbólica, mas se situa na junção do imaginário e do real; daí sua possibilidade de montagem, desmontagem, e a instabilidade relativa dessa suplência” (MILLER, 2012, p. 49).

Entretanto, o diagnóstico orientado pela estrutura continua válido em termos de localizar o sujeito em sua relação com o significante influenciando a condução do tratamento. Como se arranja o sujeito diante do Édipo, ou da castração para posteriormente pensar nas saídas possíveis.

A partir do questionamento sobre o “*percipiens*” (LACAN, 1957/1958 [1998], p. 538) e o “*perceptum*” (*Ibidem*) como crítica a forma de compreensão do fenômeno delirante por parte da psiquiatria, que vê na percepção sem objeto uma causalidade patológica, Lacan propõe que o sujeito vai se relacionar ou sofre a influência da própria percepção, ou nesse caso, do significante.

Da mesma forma, exclui-se a inserção da metáfora paterna em uma estrutura matemática, “a *fórmula da metáfora* ou da *substituição do significante*” (*Ibidem*, p. 563). Fórmula que sintetiza o lugar do significante fálico, o registro simbólico desse pai que opera junto com o desejo da mãe, ou em outras palavras pela ausência da mãe, na travessia do Édipo e no complexo de castração. O Nome-do-Pai enquanto representante da lei, Pai simbólico, estará sempre no nível do Outro e de uma virtualidade que se faz presente através dos seus efeitos, assim como o meteoro e o arco íris, algo que pode ser explicado com um ‘*é isso*’.

O objetivo do estudo foi alcançado, no sentido de encontrar elementos conceituais e teóricos que orientam a clínica das psicoses em Lacan, principalmente na década de 1950, que ainda influenciam e orientam a prática psicanalítica dentro

e fora de consultórios e instituições psiquiátricas. Entretanto, reconhecemos que é somente uma representação parcial de toda a abrangência do tema. A complementaridade entre os Seminários proferidos por Lacan e os seus Escritos são fundamentais no entendimento de todo o percurso do pensamento do autor. Ao não trazer as contribuições que estão colocadas em *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (LACAN, 1957/1958 [1998]), perdemos elementos importantes na síntese do que foi apresentado durante os seminários.

O trabalho também aponta para a necessidade de entendermos melhor os limites e as potencialidade da última clínica lacaniana como complementar ao que foi desenvolvido durante os primeiros anos dos seminários. Sendo que esta última também pode ser apontada como um marco inicial para que futuros debates em relação ao tema da psicose e da possibilidade de tratamento psicanalítico dentro e fora das instituições possa permanecer atual e relevante.

Dessa forma, a proposta de pensar a '*psicose ordinária*' enquanto um significante que, sem uma definição formal, mas com uma possibilidade operativa e clínica vai de encontro com a forma como Lacan pensa o significante na década de 1950, o significante paterno também não é o único significante a ser privilegiado, e assim como no caso do anel, outras formas e construções também são possíveis, mas que é impossível negar a prevalência do significante fálico, seja como referência a ser aceita ou negada.

A fim de concluir, Lacan finaliza o Seminário com um poema de Guillaume Apollinaire, chamado de *O encantador apodrecendo*;

Eu miei, miei, diz o monstro, encontrei apenas corujas que me asseguraram que ele estava morto. Eu não serei nunca prolífico. No entanto os que o são tem qualidades. Confesso que não me conheço em nenhuma. Sou solitário. Tenho fome, tenho fome, Eis que descubro em mim uma qualidade: eu sou faminto. Procuremos comer: Aquele que come não está mais só. (LACAN, 1955-1956 [1988], p.372)

Lacan explica que esse monstro estaria se referindo a “chave-analítica, a mola dos homens, e bem especificamente, na relação do pai-criança com a mãe” (*Ibidem*), mas também é notável como no final ele estabelece uma ligação entre o monstro e a fome, da mesma forma, com a solidão. Partimos então do pressuposto de que tanto na neurose quanto na psicose existe uma dificuldade de situar o sujeito diante, em um primeiro momento, de sua inserção na família, entendida aqui como

função materna e função paterna, podendo ser exercida por ambos os gêneros, e, em um segundo momento, de apelo ao significante, onde o próprio sujeito estaria sendo convocado a responder de forma a se inserir em tal função. Função inserida na cultura de forma indissociável dela, e, que, assim como a fome e a solidão, são necessidades básicas que, a partir da linguagem, da história de cada indivíduo e da possibilidade de compartilhar socialmente o que foi vivido podem servir de norteadores para uma clínica que reconheça seu limite e potencial.

## 6

## Referências Bibliográficas

AGAMBEN, G. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha**. São Paulo: Ed. Boitempo. 2008.

BEZERRA, M. B. O significante em Jacques Lacan e sua contribuição para uma história da loucura. **Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: História e Parcerias**, Rio de Janeiro, 2018.

BLEULER, E. **Demencia precoz: el grupo de las esquizofrenias**. Buenos Aires: Ed Hormé, 1960.

CAMPOS, M. E. F. G. Norma Vs. Subjetividade: o legado de Canguilhem. **Revista Asephallus de orientação lacaniana**, v.9, n18, Rio de Janeiro, 2014, p. 61-71. Disponível em: [http://www.isepol.com/asephallus/numero\\_18/pdf/norma\\_verus\\_subjetividade.pdf](http://www.isepol.com/asephallus/numero_18/pdf/norma_verus_subjetividade.pdf). Acesso em: 18 de setembro de 2022.

CARONE, M. Da loucura de prestígio ao prestígio da loucura. In: SCHREBER, D. P. **Memórias de um doente dos nervos** (1905). Traduzido do original alemão por Marilene Carone. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1984, p. 11 – 24.

FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria (1905[1901]). In: FREUD, S. **Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos (1901 – 1905)**. ESB Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

\_\_\_\_\_. A negativa (1925). In: FREUD, S. **O Ego e o Id e outros trabalhos**. ESB Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 13-89.

\_\_\_\_\_. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia [dementia paranoides] (1911). In: FREUD, S. **O caso Schreber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos**. ESB Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 15-89.

GAGNEBIN, J. M. Apresentação. In: AGAMBEN, G. & SELVINO, J. A. (Orgs.) **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha**. São Paulo: Ed. Boitempo. 2008, p. 9-18.

KAUFMANN, P. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise**. – o legado de Freud e Lacan. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 1996.

LACAN, J. **Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade; seguido de, Primeiro escritos sobre a paranoia**. 2ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense universitária, 2011.

\_\_\_\_\_. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1957/1958). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 537-590.

\_\_\_\_\_. O estádio do espelho como formador da função do eu. (1949). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998, p. 96-103.

\_\_\_\_\_. **O seminário, livro 1:** os escritos técnicos de Freud (1953/1954). Texto estabelecido por Jacques-Allain Miller; [versão brasileira de Betty Milan] Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. **O seminário, livro 2:** o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. (1954-1955). Texto estabelecido por Jacques-Allain Miller; [versão brasileira de Marie Christine Laznik Penot com a colaboração de Antônio Luiz Quinet de Andrade. 2ed. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. **O seminário, livro 3:** as psicoses (1955/1956). Texto estabelecido por Jacques-Allain Miller; [versão brasileira de Aluisio Menezes]. 2ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **O seminário, livro 5:** as formações do inconsciente (1957/1958). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [tradução de Vera Ribeiro; revisão de Marcus André Vieira]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. **O seminário, livro 10:** a angústia (1962/1963). Texto estabelecido por Jacques-Allain Miller; [tradução de Vera Ribeiro]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACET, C. Da Forclusão do nome-do-pai à forclusão generalizada: considerações sobre a teoria das psicoses em Lacan. **Revista de Psicologia USP**, n15(1/2), 2004, p. 243-262. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psup/a/TywNpBk4P3PMhrWFjY9WbNR/?lang=pt&format=pdf#:~:text=Trata%2Dse%20da%20passagem%20da,%C3%A0%20neurose%20e%20%C3%A0%20pervers%C3%A3o>. Acesso em: 18 de setembro de 2022.

LAENDER, N. R. Da psicose extraordinária à psicose ordinária. **Revista Reverso**, Belo Horizonte, ano 32, n59, 2010, p. 39-48. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0102-73952010000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-73952010000100005). Acesso em: 18 de setembro de 2022.

LUSTOZA, R. Z. A. & CARDOSO M. J. E. A experiência enigmática na psicose: os fenômenos elementares à luz da teoria do significante. **Revista Psicologia USP**, v.28, n.1, 2017, p. 135-143. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-656420150127>. Acesso em: 18 de setembro de 2022.

LUSTOZA, R. Z. A Formação do conceito de Nome do pai (1938/1958). **Revista Ágora**. v.2, n.3, 2018, p. 323-332. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982018003004>. Acesso em: 18 de setembro de 2022.

MACHADO, B. F. V. A gramática de Damourette e Pichon com Lacan: uma problemática da enunciação. **Revele**, v.6, 2013. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S1981-57942012000100014>. Acesso em: 18 de setembro de 2022.

MILLER, J. A. **A Psicose Ordinária**. A convenção de Antibes. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2012.

PEDRUZZI, M. & POLI, M. C. C. Transmissão e endereçamento: do campo da palavra, um retorno ao sujeito. **Revista Psicanálise e Barroco**, v.8, n.2, 2010, p. 121-138. Disponível em: <https://doi.org/10.9789/1679-9887.2010.v8i2.%25p>. Acesso em: 18 de setembro de 2022.

PEREIRA, M. E. C. Bleuler e a invenção da esquizofrenia. **Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental**. v. III, n.1, 2000, p. 158-163. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-47142000001011>. Acesso em: 18 de setembro de 2022.

PONTES, S. & CALAZANS, R. O legado estruturalista em Lacan: clínica e diagnóstico da psicose. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 37(3), 2017, p. 738-752. <https://doi.org/10.1590/1982-3703002952016>. Acesso em: 18 de setembro de 2022.

QUINET, A. **Os outros em Lacan**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SCHREBER, D. P. **Memórias de um doente dos nervos** (1905). Traduzido do original alemão por Marilene Carone. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1984.

TOREZAN, Z. C. F., & AGUIAR, F. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. **Revista Mal-estar e subjetividade**. v. XI, n.2, Fortaleza, Jun/2011, p. 525-554. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482011000200004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200004). Acesso em: 18 de setembro de 2022.

VALENDINOVA, K. Momentos de colapso: psicose e testemunho. **Rev. Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte-MG. n. 41/Julho, 2014, p. 111-124. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372014000100011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372014000100011). Acesso em: 18 de setembro de 2022.

VIEIRA, M. Prefácio: a consciência aberrante. In: TEIXEIRA, A. & ROSA, M. (Orgs.) **Psicopatologia lacaniana**: Volume 2: Nosologia. 1.ed. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2020, p. 9 – 12.

\_\_\_\_\_. A. Real Simbólico e Imaginário: **a trindade infernal de Jacques Lacan**. Trabalho apresentado no segundo encontro do Seminário de Marcus André Vieira – A trilogia lacaniana. Realizado na EBP Seção Rio em 10/09/2009 Transcrição, Leandro Reis, edição e pesquisa inicial de referências Maira Dominato Rossi.



Fig.1

Fig.1

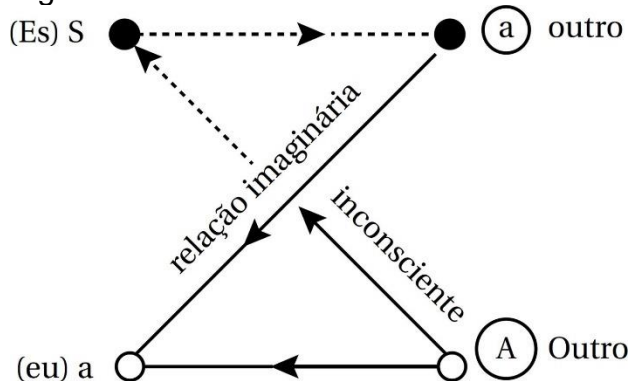


Fig.2

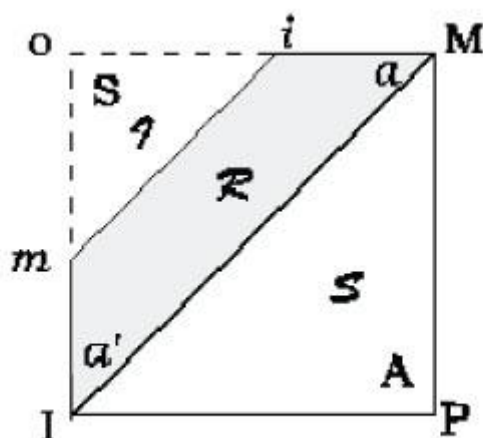


Figura 2 - Esquema R (Lacan, 1957-58/1998b, p. 559)

Fig.3

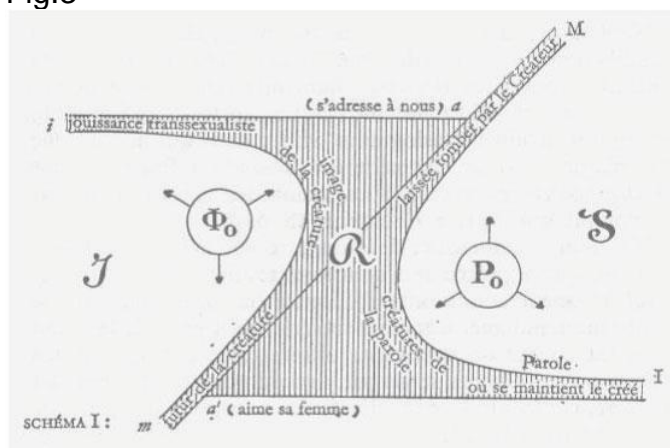


Figura 3 – Esquema I (Lacan, 1957-58/1998b, p. 578)